

# BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

## BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

### VOLUMES PUBLICADOS:

- **Batista Pereira: Figuras do Imperio e outros ensaios** — 2.ª edição.
- **Pandiá Calogeras: O Marquês de Barbacena** — 2.ª edição.
- **Alcides Gentil: As idéias de Alberto Torres** (síntese com índice remissivo).
- **Oliveira Viana: Raça e Assimilação** — 3.ª edição (aumentada).
- **Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822)** — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. — 2.ª edição.
- **Batista Pereira: Vultos e episodio do Brasil.** — 2.ª edição.
- **Batista Pereira: Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos). 2.ª edição.
- **Oliveira Viana: Populações Meridionaes do Brasil** — 4.ª edição.
- **Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil** — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
- **Oliveira Viana: Evolução do Povo Brasileiro** — 3.ª edição (ilustrada).
- **Luis da Camara Cascudo: O Conde d'Eu** — Vol. ilustrado.
- 2 — **Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe** — Vol. ilustrado.
- 3 — **Vicente Licínio Cardoso: A margem da Historia do Brasil**, 2.ª edição.
- **Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira** — 3.ª edição.
- **Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 4 — **Alberto Torres: A Organização Nacional**, 2.ª edição.
- 7 — **Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro**, 2.ª edição.
- 3 — **Visconde de Taunay: Pedro II**, 2.ª edição.
- 9 — **Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVII)**, 2.ª edição.
- 1) — **Alberto de Faria: Mauá** (com tres illustrações fóra do texto).
- 11 — **Batista Pereira: Pelo Brasil Maior.**
- 2 — **E. Roquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.**
- 28 — **Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.**
- 24 — **Pandiá Calogeras: Problemas de Administração**, 2.ª edição.
- 25 — **Mario Marroquim: A lingua do Nordeste**
- 26 — **Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.**
- 27 — **Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.**
- 28 — **General Couto de Magalhães: Viagem no Araguaia** — 4.ª edição.
- 29 — **Josué de Castro: O problema da alimentação no Brasil** — Prefacio do prof. Pedro Escudero.
- 30 — **Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada, 2.ª edição.
- 31 — **Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.**
- 32 — **C. de Melo-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio** — Ed. ilustrada. (com 19 figuras).
- 33 — **J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.**
- 34 — **Angione Costa: Introdução á Arqueologia Brasileira** — Ed. ilustrada.
- 35 — **A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada — 2.ª edição.
- 36 — **Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano** — 2.ª edição.
- 37 — **J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil** — (Ed. ilustrada).
- 38 — **Rui Barbosa: Mocidade e Exilio** (Cartas ineditas. Prefaciadas e anotadas por Americo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
- 39 — **E. Roquette-Pinto: Rondonia** — 3.ª edição (aumentada e illustrada).
- 40 — **Pedro Calmon: Historia Social do Brasil** — 1.º Tomo — **Espirito da Sociedade Colonial** — 2.ª edição. Illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — **José-Maria Belo: A intelligencia do Brasil** — 3.ª edição.
- 42 — **Pandiá Calogeras: Formação Histórica do Brasil** — 3.ª edição (com 3 mapas fóra do texto).
- 48 — **A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.**

- 44 — Estevão Pinto: Os indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no português do Brasil — Ed. ilustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.
- 48 — Urbino Viana: Bandeiras e sertanistas baianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — Ed. ilustrada. (com 50 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: Projeção Continental do Brasil — Prefacio de Pandiá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Otavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeografia dinamica.
- 54 — Antonio Gontijo de Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Accioly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Expilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefacio e notas de Gastão Penalva.
- 57 — Flausino Rodrigues Vale: Elementos do Folclore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos Indios Guaicurus — Edição ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, comentadas por Max Fleuss) — Edição ilustrada.
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.
- 63 — Raimundo Moraes: Na Planicie Amazonica — 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freire: Sobrados e Mucambos — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Imperio (Subsidios para a historia de educação no Brasil) — 1823-1853 — 1.º volume.
- 67 — Pandiá Calogeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 69 — Prado Maia: Através da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: Conceito de Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hoehne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira: Machado de Assis — (Estudo Critico-Biografico) — Edição ilustrada.
- 74 — Pandiá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostra...) — 2.ª edição.
- 75 — Afonso A. de Freitas: Vocabulario Nhêengatú (vernaculizada pelo português falado em S. Paulo) — Língua Tupi-guarani. (com 3 ilustrações fora do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicção de Pedro I" — Edição ilustrada.
- 77 — C. de Melo-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goiaz — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbuá — Sua Vida e sua atuação na politica nacional — 1840-1889.
- 80 — Oswaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição ilustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Sotainz do Primeiro Imperio — Frei Caneca — Ed. ilustrada.
- 82 — C. de Melo-Leitão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espírito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Municipio — Edição ilustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. ilustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: A' Margem do Amazonas — Ed. ilustrada.
- 87 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Imperio — (Subsidios para a História da Educação no Brasil) —

- 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.
- 88 — Helio Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 90 — Alfredo Ellis Junior: Evolução da Econômica Paulista e suas Causas — Edição Ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco. — Edição Ilustrada.
- 92 — Almirante Antonio Alves Camara: Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 2.ª edição Ilustrada.
- 93 — Serafim Leite: Páginas de História do Brasil.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independência — Edição Ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Vagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Süsssekind de Mendonça.
- 96 — Osorio da Rocha Diniz: A Política que Convém ao Brasil.
- 97 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 98 — Fernando de Azevedo: A Educação Publica em São Paulo — Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. de Melo-Leitão: A Biologia no Brasil.
- 100 — Roberto Simonsen: Historia Economica do Brasil, Edição Ilustrada em 2 tomos: 100 100-A.
- 101 — Herbert Baldus: Ensaio de Etnologia Brasileira. — Prefacio de Afonso de E. Taunay. — Edição Ilustrada.
- 102 — S. Fróes Abreu: A riqueza mineral do Brasil.
- 103 — Sousa Carneiro: Mitos Africanos no Brasil. — Edição Ilustrada.
- 104 — Araujo Lima — Amazonia — A Terra e o Homem. (Introdução à Antropogeografia).
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Camara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870) — Edição Ilustrada.
- 108 — Padre Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Sermões comentados por Pedro Calmon.
- 109 — Georges Racders: D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondencia Inedita).
- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — Washington Luis: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indigenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos Indigenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruls: A Amazonia que eu Vi — Ob'dos — Tumuc-Humac — Prefacio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.
- 114 — Carlos Süsssekind de Mendonça: Silvio Romero — Sua Formação Intellectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliografica — Edição Ilustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos: Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda: Estudos Pniuienses — Edição Ilustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descritivo do Brasil em 1587 — Comentarior de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.ª Edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: Através da Baía — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Edição Ilustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Filosofo — V da de D. Pedro II, Edição Ilustrada.
- 121 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsidios para a História da Educação no Brasil) 3.º volume — 1854-1889.
- 122 — Fernando Saboia de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da America.
- 123 — Hermann Wätjen: O Dominio Colonial Holandês no Brasil — Um Capitulo da História Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos diplomaticos e cartas da Imperatriz Leopoldina. Edição Ilustrada.

- 125 — João Dornas Filho: **O Padroado e a Igreja Brasileira.**
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: **Viagem pelas provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes** — Em dois tomos — Edição ilustrada. — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.
- 127 — Ernesto Ennes: **As Guerras nos Palmares** (Subsidios para sua história) 1.º Vol.: Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
- 128 e 128-A — Almirante Custodio José de Melo: **O Governo Provisorio e a Revolução de 1893** — 1.º Volume, em 2 tomos.
- 129 — Afranio Peixoto: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geografica á civilização brasileira
- 130 — Major Frederico Rendon: **Na Rondônia Ocidental** — Edição ilustrada.
- 131 — Hildebrando Accioly: **Limites do Brasil** — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.
- 132 — Sebastião Pagano: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.

---

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo.

Na Rondônia Ocidental

2504



Serie 5.<sup>a</sup>

BRASILIANA

Vol. 130

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

---

Major FREDERICO RONDON

da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto  
Rondon e da Sociedade Brasileira de Economia Política

# NA RONDÔNIA OCIDENTAL

---

EDIÇÃO ILUSTRADA

---



- 591 -  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1938

DO MESMO AUTOR:

NA SERIE «BRASILIANA»

PELO BRASIL CENTRAL — 2.<sup>a</sup> Edição ilustrada — Vol 30.

|  |          |
|--|----------|
| UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO |          |
| GRUPO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  |          |
| BIBLIOTECA                             |          |
| Nº                                     | DATA     |
| 26 448                                 | 10-11-70 |

Nº SISTEMA

199 652

Nº REG AD

Nº COD BARRAS

363177-50

JONER 345

10110120

12.2

Edição da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
Rua dos Gusmões, 118 — São Paulo



A meus filhos,

CLORI e FREDERICO,

com todo o meu afeto;

Aos meus venerandos tios,

MAJOR ANTÓNIO TEODORO FERREIRA  
SOUTO,

D. PAULINA DAS NEVES SOUTO,

D. ESCOLÁSTICA DAS NEVES BOTELHO,

com filial carinho;

A' veneranda Senhora

D. ANA VIRGINIA DULCE

tributo de amizade e admiração;



A' memória do insigne geógrafo,

**CAPITÃO JOÃO SALUSTIANO LIRA,**

fazendo meus todo o pesar e a saudade  
que deixou no Exército e entre os Mato-  
grossenses, com seu prematuro e infausto  
desaparecimento, em plena atividade de pa-  
triotista e cientista, nas águas do Cipotuba —  
túmulo vivo de sua mocidade —

dedico e consagro

«NA RONDÔNIA OCIDENTAL».



## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| Prefácio .....                            | 15  |
| CAPS.                                     |     |
| I — São Luiz de Cáceres .....             | 23  |
| II — A Caissara .....                     | 31  |
| III — O Jaurú .....                       | 58  |
| IV — O Guaporé .....                      | 95  |
| V — Índios do Alto Guaporé .....          | 131 |
| VI — Casalvasco .....                     | 148 |
| VII — A Fronteira .....                   | 171 |
| VIII — Vias terrestres da Fronteira ..... | 210 |
| IX — Clima e endemias .....               | 227 |
| X — Tribus indígenas da Fronteira ..      | 252 |
| XI — Colonização Nacional .....           | 273 |
| Bibliografia .....                        | 281 |



## P R E F Á C I O

Na antevéspera do Natal de 1936, eu aportava a S. Luiz de Cáceres, no alto Paraguai, a bordo de uma pequena balsa movida a zinga. Vinha de percorrer a zona fronteiriça compreendida entre o Rio Paraguai, a léste, e as raias boliviano-brasileiras, do Rio Verde á Corixa Grande, a oeste, por itinerário que me permitiu conhecer de viso a fazenda nacional da Caissara, o Rio Jaurú, a estrada colonial São Luiz de Cáceres-Vila Bela (a Alta Fronteira), o alto Guaporé, Vila Bela (antiga cidade de Mato-Grosso), os Rios Alegre e Barbados, a fazenda nacional de Casalvasco e a Baixa Fronteira, no desempenho de uma missão com que me distinguira o Sr. General Pompeu Cavalcanti, então, Comandante da Nona Região Militar.

São as observações reunidas nessa viagem de inspeção, acrescidas de dados e informações

colhidos pelo estudo, em trabalhos de exploradores que me precederam no tempo, que se compendiam no presente opúsculo, seguidas de reflexões pessoais, com as quais procuro justificar as medidas propostas, tendo em vista a eficiência da Defesa Nacional, naquele setor da Fronteira, pela solução de seus problemas atuais.

Esforcei-me por conservar, naquelas observações, o cunho original e geográfico, porventura, alcançado ou decorrente da natureza mesma das observações e da orientação que procuro seguir, em tais missões, consoante as lições dos mestres e precursores da Geografia Militar no Brasil. Nessas condições, as deficiências do trabalho em apreço serão explicadas, não somente pela evidente falta de autoridade intrínseca, mas também pela insuficiência de elementos de estudo com que, em geral, se empreendem as viagens desta natureza, no Brasil, em que pese aos insígnies geógrafos que têm perlustrado a zona fronteira do País, desde os tempos coloniais até os decênios de atividade da Comissão Rondon. Infelizmente, os trabalhos produzidos por nossas comissões



geográficas — não somente as cartas, como também as memórias que as deviam acompanhar, para elucidação da Geografia Humana — ainda se conservam quasi secretas, enquanto fazem época e correm mundo falsas noções geográficas do Brasil.

E' tempo de se dissipar, definitivamente, a bruma da incerteza geográfica nos Sertões fronteiriços e interiores do País, pela divulgação dos estudos e das cartas que já possuímos e pelo prosseguimento das explorações. Seria de desejar que, cada ano, se acrescentasse ao nosso patrimônio geográfico nova messe de informações, sem se perderem esforços individuais, como se acrescenta um tijolo a um muro em construção. Teríamos, assim, após alguns anos, um conjunto de trabalhos concordantes, de cuja coordenação resultaria a verdadeira Geografia do Brasil.

Na verdade, tal obra exigiria, antes de tudo, um órgão coordenador. E a falta deste órgão por si só explica a situação atual, no domínio geográfico. Imagino um instituto geográfico nacional, organizado pelo Exército com a necessária colaboração civil — um órgão di-

retor central e agremiações regionais. Sob a direção desse instituto, empreender-se-ia a obra definitiva.

Não me pareceria justo, em verdade, objectar a esta sugestão, por mais falta de autoridade que ela seja, a existência de institutos similares, no País ou no Exército. Nenhum se propõe, atualmente, á exploração metódica dos Sertões, com um escopo geográfico-social tão amplo e a intenção de levar a termo a obra em tempo útil, tendo em vista os altos interesses nacionais ou sua defesa.

Nas guarnições do interior, especialmente, o instituto em apreço desenvolveria o **ambiente geográfico**, despertando aptidões e levando os jovens oficiais ao trato da ciência que mais de perto deve interessar os intellectuais da guerra.

E' obvio que está fóra do alcance de apreciações desautorizadas a organização militar do País. Seus institutos tendem para uma perfeição que, em geral, não se percebe entre nós, á falta de conhecimento dos similares estrangeiros, que somos levados a supôr **a priori** melhores e mais efficientes. Contudo, parecem-me sempre admissiveis modestas sugestões no sen-

tido do melhor aproveitamento dos elementos de trabalho forjados naqueles, tendo em vista o interesse do Exército, maxime quando se referem aos problemas nacionais e ás zonas mais longinquoas do País, que até o presente não lograram empolgar os técnicos da Geografia, como merecem. A' falta de melhores obsevedores, no momento, seja, pois, lícito aos mais modestos exporem com oportunidade as idéias que o Sertão e a Fronteira mesmos sugeriram, em sua rudeza quasi primitiva.

Que de resultados práticos não adviriam da criação, no Instituto Geográfico Militar, de um curso de geógrafos-exploradores, que proporcionasse em um ano a oficiais de todas as Armas conhecimentos superiores e especializados de Astronomia de Campo, Geografia Física, Económica e Humana, Geologia, Etnografia e Antropologia Americanas, habilitando-os a colaborar com mais eficiência na obra geográfica em apreço!

O curso de geógrafos-exploradores seria ministrado a um pequeno número de oficiais e ampliado pela correspondência a todos os que se interessassem nele, sem prejuizo do serviço.

Felizmente, aquele ambiente geográfico, que floresceu no Exército ao tempo das explorações da Rondônia, graças á Comissão Rondon, e após se retraiu para as organizações técnicas especializadas, ensaia novo surto, com a sugestão do Instituto Rondon, cujos Grêmios precursores desabrocharam ao nosso apelo, sucessivamente, em São Paulo, na Capital Federal e em Campo Grande, desde 1934. E o trabalho que ora ofereço aos estudiosos das coisas brasileiras, com as imperfeições que não logrei sanar, é já resultado do vigoroso incentivo que recebi do Alto Comando do Exército, com o generoso acolhimento dispensado ao meu sertanismo.

Um livro é uma vitória das mais difíceis — vitória de quem antes de tudo se vence a si mesmo, recalçando inclinações opostas, que oscilam entre o comodismo, sob as aparências da modéstia, e o desânimo, sob as roupagens da ânsia de perfeição.

Colocado entre o dever profissional, que me incita a produzir, e o prazer de estudar o Brasil, no que Ele oferece de mais recôndito e menos conhecido — o Sertão — aceito com en-

tusiasmo a senda que se me depara — do trabalho e do estudo — com a intenção de contribuir para que nosso imenso País, mais conhecido em suas reservas materiais e morais, viva a cavaleiro de situações equívocas, porventura, criadas pela má fé internacional, e a seiva vivificadora do progresso, em plethora nas regiões mais felizes, se distribua com mais equidade e alcance o Longínquo Oeste Brasileiro, para receber em refluxo a retribuição das riquezas desperçadas e o esforço produtivo do homem reconhecido.

Campo Grande, 8 de Dezembro de 1937.

FREDERICO RONDON



# I

## SÃO LUIZ DE CÁCERES

A 6 de Outubro de 1778, o Tenente de Dragões António Pinto do Rego Carvalho lançou os fundamentos de uma povoação, na margem esquerda do Paraguai, “neste districto do rio Paraguay (reza o termo de fundação) e margem oriental d'elle, no lugar onde presentemente se dirige a estrada que se seguia á Cuiabá desde Vila Bella”, por ordem do Capitão General Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, Governador da Capitania de Mato-Grosso, “aonde se congregassem todo o maior numero de moradores possivel, comprehendidos todos os casaes de indios castelhanos proximamente desertados para estes Dominios Portuguezes da Provincia de Chiquitos, que

fazem o numero de 78 individuos de ambos os sexos, á que juntando-se todo o outro numero das mais pessoas congregadas para o dito fim, faz o total de 161 individuos de ambos os sexos; cuja povoação, segundo as ordens do dito se denominará de hoje em diante, em obsequio do real nome de Sua Magestade, — Vila Maria do Paraguay, — esperando-se que de semelhante estabelecimento haja de resultar grande utilidade ao real serviço e commodidade publica.”

A Vila Maria do Paraguai foi elevada a essa categoria por lei de 28 de Maio de 1859 e á de cidade, com o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao seu illustre fundador, por lei de 5 de Maio de 1874.

\*

A situação privilegiada de São Luiz de Cáceres — a cavaleiro de duas importantes vias de comunicações da Província, equidistante das duas Capitais successivas de Mato-Grosso e a pouco mais de cem quilómetros de uma fronteira litigiosa; porto do alto Paraguai, que lhe oferece possibilidades de transporte fluvial até o Prata, em todas as estações — assegurou-



lhe desde cêdo notavel importância militar e econômica.

Com a exploração das matas do Alto Paraguai, especialmente de suas riquezas vegetais, e com o desenvolvimento da pecuária, São Luiz de Cáceres se tornou ativo empório de borracha, ipecacuanha e couros, que em grandes partidas eram exportados para os mercados da Europa e da América. A importação de produtos manufaturados do Rio de Janeiro; café de Santos; drogas, ferragens, maquinismos, querozene da América do Norte; tecidos, ferragens, máquinas da Inglaterra; tecidos, perfumes e bebidas da França; produtos manufaturados da Alemanha; armas e munições da Bélgica; relógios da Suíça, vinhos e conservas da Itália, de Portugal e da Espanha; trigo da Argentina, alfafa e milho do Paraguai, para o comércio interno do Município, garantiu-lhe por longos anos o terceiro lugar entre as praças comerciais do Estado.

Em 1912, quando a decadência do comércio da goma elástica começava a fazer sentir seus primeiros efeitos, a exportação de borra-

cha, ipecacuanha e couros, no porto de Cáceres, atingiu o valor de 900:000\$, excedendo a cem toneladas de mercadorias:

|                  |            |
|------------------|------------|
| borracha.....    | 86.000 kg. |
| ipecacuanha..... | 20.000 —   |
| couros.....      | 16.500 —   |

\*

São Luiz de Cáceres cobre uma área de um quilómetro quadrado, aproximadamente, excluída a zona suburbana. Conta cerca de quinhentas casas de construção cerrada por vinte ruas estreitas, mas bem traçadas, e quatro praças. O terreno plano e arenoso em que foi edificada a Cidade compensa bem a falta de calçamentos e de serviços públicos de transporte. Suas casas conservam ainda na maioria o estilo colonial em que foram construídas. As mais novas ostentam elegantes platibandas — estilo trazido de Assunção para Corumbá, por arquitetos paraguaios — destacando-se nos quarteirões, como a exigir dos transeuntes para si mesmas a consideração que realmente desfrutam seus moradores.

Apesar de tudo, São Luiz de Cáceres é a cidade que oferece, em Mato-Grosso, mais conforto ao viajante, no desembarque. Seu elegante caes dá acesso á praça principal, onde se ergue a catedral e viceja um mimoso jardim, confiado aos cuidados das Senhoras cacerenses. E' de vêr ao entardecer suas gentis zeladoras entregues aos misteres de jardineiras, cuidando, á porfia, de dar mais graça ao jardim e mais viço aos canteiros, sem se limitarem á animação do **footing**. O jardim é a menina dos olhos do major Osvaldo Cícero de Sá, que o projetou e construiu com o recurso de uma subscrição popular, e não se cança de admirá-lo, dedicando-lhe seus lazeres de delegado de Polícia. No dia da inauguração, discursou comovido e em seguida, passando de orador a fotógrafo, tratou de aproveitar o sol poente para perpetuar na placa sensível de sua máquina aquela manifestação realmente sincera e enternecedora do povo cacerense.

\*

O edifício da Prefeitura e o do Grupo Escolar são os melhores da Cidade. O salão de

audiência da Prefeitura é franqueado á boa sociedade, para os saraus dansantes, muito do agrado da gente cacerense, amante da boa música. As orquestras improvisadas reúnem o escol social, emprestando ás reuniões um cunho familiar encantador.

21 de Novembro. Visitei o Grupo Escolar Costa Marques, em companhia do Diretor Dormevil de Faria. Assisti aos últimos trabalhos deste sábado, surpreendendo escolares e professores entregues aos seus afazeres de fim de ano. Muita ordem na casa e austeridade nas classes — aquella austeridade sem constrangimento que o respeito e a obediência quotidiana aos mestres cria no espirito dos jovens. Antes da saída, ouvi cantarem — meninos e meninas — sem regência e sem acompanhamento, como se ainda brincassem, o Hino Nacional e o da Bandeira, quasi em unísono, tal era a harmonia das vozes, a despeito das diferenças de idade e de sexo. É quanta segurança, assim na letra como na música. Francisco Manoel não teria sugerido mais entusiasmo nem melhor entoação, se regesse em pessoa aquele grupo tão singelo e por isso mesmo tão encantador de

escolares, no culto diuturno á Pátria Brasileira. Só o trabalho assíduo e a disciplina perfeita podem submeter-se a prova como aquela, saindo-se com tanta galhardia.

\*

São Luiz de Cáceres é séde de um Bispa-do. O palácio do Bispo Dom Frei Luiz Maria Galibert se oculta, numa modéstia bem franciscana, entre mangueiras seculares, numa aprazível chácara da Jacobina. A velha matriz colonial de São Luiz de Cáceres eclipsou-se por trás da catedral em construção, que será um imponente monumento em estilo gótico.

\*

Defronte da catedral, ergue-se um antigo marco das possessões portugêsas e espanholas da América, como simples monumento histórico, sem significação política atual, trasladado da foz do Jaurú, onde o haviam deixado os demarcadores de 1753.

Lê-se na face sul: JUSTITIA ET PAX OSCULATAE SUNT. Na face léste, sob as quinas portugêsas, em alto relevo: SUB

IOANNE V LUSITANORUM REGE FIDELISSIMO. Na face norte: EX PACTIS FINIVMRE GVNDORUM CONVENTIS MADRITI IDIB. JANVAR. MDCCL. Na face oeste, sob as armas da Espanha, em alto relevo: SUB FERDINANDO VI HISPANIAE REGE CATHOLICO.

Perdida a significação política que lhe conferia o tratado de Madrid, 25 anos depois de construído, ficou aquele marco esquecido mais de um século, no seu posto, qual sentinela petrificada no fragor da batalha, indiferente ao fluxo e refluxo das vagas de assalto. Reconstituído em suas peças, em lugar de honra, na praça principal de Cáceres, o velho marco, deslocado e anacrônico, vem contando às gerações seu passado político, com as inscrições do mármore branco de suas faces — diplomata aposentado a ostentar as veneras de seu fardão nos salões da Província natal.

## II

### A CAISSARA

A fazenda nacional da Caissara está situada defronte de São Luiz de Cáceres, á margem direita do Rio Paraguai. Compreende campos de criação dotados de excelentes pastagens, banhados pelos tres rios importantes, que limitam a fazenda — o Paraguai, o Cabaçal e o Jaurú — e diversos sangradouros e corixos tributários daqueles rios, além de extensas lagoas, que se formam na estação das águas.

A fazenda é limitada, a oeste, pela Serra do Caeté, que corre de norte a sul, do Rio Cabaçal ao Rio Jaurú, servindo de divisor das águas deste último rio das do Paraguai e do Cabaçal; ao norte, pelo Rio Cabaçal; ao sul, pelo Jaurú e, a sueste, pelo Paraguai, com-

precendendo uma área de cerca de 240 léguas quadradas.

\*

Em 1906, o Dr. Esperidião da Costa Marques, engenheiro explorador dos Rios Jaurú e Guaporé, referindo-se á fazenda nacional da Caissara, assim se exprimiu:

“Entretanto, se a riqueza e o fausto imperam ali, á margem direita do Jaurú, nos campos dos Descalvados, onde se encontram todas as manifestações do trabalho — o deserto e a pobreza entristecem a todos que olham para a região da margem esquerda. Alí as gramíneas se contam por dezenas de espécies, cada uma disputando a primazia como bom pasto e fazendo contraste com a raridade da presença da preciosa criação que, vivendo, nutrindo-se e procriando livremente, faz a alegria dos campos e a abastança dos seus proprietários. Nesses campos da Caissara — fazenda nacional — o silêncio só é quebrado pelo grito das aves selvagens e de uma aluvião de animais quadrumanos, carniceiros, ruminantes, roedores e reptis...”



No ano seguinte, o General Rondon (então, major) passando por aqueles campos com a exploração da linha telegráfica de Vila Bela, assim resumiu sua impressão:

“Caissara é hoje tapera; algumas paredes suportando restos de um tecto de telhas, parecendo protestar contra a desídia criminosa com que se as deixou ruir, atestam o fausto que por ali perpassou, na pujança daquela construção colonial.”

Pouca coisa teríamos a acrescentar ao que ficou dito, para descrever as atuais condições da Caissara. Raras manadas de gado bovino, cavalari e suino, nos campos já descritos. Os animais selvagens, perseguidos pelos caçadores desses trinta anos que perpassaram sobre os campos da Caissara, desde que foram cortados pela Linha Telegráfica, já não impressionam pelo número ou pela ousadia. O homem, tímido a princípio, morador de terras que sabe do Governo, encorajado pela indiferença dos representantes do proprietário invisível, se congrega em arraiais. As rancharias, pouco a pouco, animam as paisagens, rareando as matas, nas cordilheiras. Os currais e as cercas dos ro-

çados alargam as posses. Surge por fim uma geração de caboclos que, tendo visto a luz naqueles campos, neles vive com a mesma tranquilidade fatalista do caboclo, que se observa onde quer que este se encontre, assim nas terras do Governo como nos latifúndios que as rodeiam.

Se não fossem do Governo, seriam aqueles campos de algum fazendeiro abastado; e o caboclo passaria a ser agregado da fazenda e viveria do mesmo modo, em terra alheia. Assim, o interesse do Governo pelos seus campos é recebido pelos ocupantes com manifestações de alegria. Aquelles caboclos, na sua simplicidade, acham mesmo que, nascidos naqueles campos do Governo, ali mantendo o espírito de brasilidade contra a atuação desnacionalizante do invasor fronteiriço, prestam á Nação um serviço, como colaboradores espontâneos do Exército na defesa da integridade do País.

\*

**26 de Novembro.** Tomamos a balsa, em São Luiz de Cáceres, no porto do Fonseca, para a travessia do Paraguai, ás 17 horas. Em cada

viagem, a pequena balsa transporta tres animais descarregados e as respectivas cargas (ou dez homens).

Reuniu-se nossa pequena comitiva, no porto da margem direita, em terras da Caissara. Com auxilio dos homens da balsa, foram novamente carregados os animais.

Bolivianos e Chiquitos — uns dez homens — repousam em rêdes ou sentados á beira do rancho do pouso. Presos num curral, junto ao rancho, cerca de vinte bois de carro. São carreteiros recém-chegados da Fronteira, que aguardam carga para a viagem de volta.

São Luiz de Cáceres parece-nos ainda menor, no estreito setor limitado pela ilha e pela mata da margem em que nos achamos, entre o porto e o matadouro. A cathedral em obras avulta por sobre a casaria, iluminada pelo sol que declina.

Montamos e partimos.

\*

O Sangradouro Grande está com pouca água. É sério obstáculo nas enchentes. Tem

feito vítimas — cavaleiros imprudentes que tentam atravessa-lo a nado.

O Sangradorzinho tem águas barrentas. E' mais estreito que o primeiro.

O sertanejo prefere sangrador a sangradouro. No diminutivo, a expressão ficou consagrada. Sangradouro é uma expressão hidrográfica do Pantanal, com que se designa todo canal natural pelo qual um rio, uma baía ou lagôa extravaza suas águas para uma vazante, um corixo ou o mesmo rio. Neste caso, o sangradouro é um braço, que se avoluma, quando o rio enche.

Os dois sangradouros secam todos os anos, durante seis mêses, no rigor da estiagem. Neste ano (1936), excepcionalmente, houve nove mêses de sêca, no alto Paraguai.

\*

Passamos ainda com dia a Vazante do Julião, com água pelos estribos. Água escura, avermelhada.

Aqui, se empregam como sinónimos os termos **vazante** e **corixo**. Parece-nos, contudo, me-

lhor, chamar **vazante** o campo que o corixo atravessa ou inunda.

\*

Entre o Sangradouro Grande e o Paraguai, atravessa-se um charravascal — mato intrincado de arbustos e cipoal, na maior parte formado pelo pombeiro, arbusto de tres a quatro metros de altura, galhos longos e pendentes para o solo, casca esbranquiçada. Chama-se pombeiro este arbusto, porque seus frutos adocicados atraem pombos selvagens, que deles se nutrem.

\*

Apesar das chuvas torrenciais que caíram na semana, a estrada carroçavel construida pela Prefeitura de Cáceres, ao tempo do Prefeito Leopoldo Ambrózio Filho (1927), seguindo o picadão da Linha Telegráfica, está muito boa. Todo este primeiro percurso de 1 1/2 légua inicial é feito em pleno Pantanal. Agora, fim de Novembro, ainda está transitavel por terra. Mas, na enchente, o lençol d'água que cobre estes campos é de dois metros de pro-

fundidade. Essa altura de dois metros está marcada nas árvores e nos postes telegráficos. O serviço de reparação da linha, então, é feito em canoa. Durante as enchentes, balsas e canoas transitam pelas vazantes e pelos sangradouros, até pelo picadão da Linha Telegráfica, entre a fazenda da Caissara e a Cidade; desde a Caissara até a Cacimba, o campo fica alagado. Quando o rio começa a baixar, passado o máximo da enchente, ainda permanece nos campos um extenso lençol d'água de alguns palmos de profundidade.

Em geral, desde fins de Novembro até começo de Abril (máxima a 19 de março — São José), o Pantanal se alaga, no alto Paraguai.



Destacam-se, na mata pobre do Pantanal, o cambará, o pau de biguá, a piuva, a araputanga, a aroeira, o vinhático. A araputanga é mais abundante no Cabaçal. Serve para construção de canoas, sendo preferida pelos Borôros para este fim. A nossa araputanga é o mesmo águano que, no Perú, tem grande procura para construções navais.

Na vegetação rasteira, notam-se nestes campos o mimoso, nas vazantes o carona e o mendéca. O capim mendéca é comprido e macio, utilizado nas caronas de arreios e cangalhas.

A família das palmeiras está bem representada: a indaiá, o uacurí, o aguassú. A indaiá não tem tronco útil; é baixinha, mas fornece ao homem a cobertura das casas, com suas folhas. O carandá é raro, ao norte do Jaurú. Os currais são feitos de troncos de carijó. Embora não seja madeira de lei, o carijó dura mais de ano.

\*

A onça é muito rara, nos campos da Caisara. Os felinos mais encontrados são a onça parda, a jaguatirica, o gato do mato. Há lobinhos e queixadas. No cangical do Corixo de Padre Inácio, estas são caçadas às dezenas. Há caitetús, veados, antas. Tatús de tres variedades: tatú-bola, tatú-cascudo e tatú-liso. O bola é aproveitado pelos caçadores, como alimento. Os outros têm fama de comer defunto. No Banheiro (campos da beira do Cabaçal), se-

gundo o depoimento de sertanejos da Caissara, a abundância de tatú-bola é tal que “os tropeiros chegam a encher bruacas”.

\*

Começamos a encontrar moradores da Caissara e logo vimos ao luar os primeiros ranchos do arraial.

Dezenove horas. Apeiamos na porteira de José Alves Garcia, proprietário da melhor casa do arraial, onde tem um bolicho. Garcia tem também um gadinho na porta. Além do comércio que faz na Caissara, Garcia tem o serviço de transporte fluvial para a cidade. Um e outro têm mais importância na estação das águas. A gente que vem da Fronteira e de todo o Jaurú negociar ou se abastecer em Cáceres, a partir de Novembro, esbarra a montaria na Caissara, diante das dificuldades do Pantanal, preferindo negociar com José Garcia os couros ou a poaia a ter de enfrentar os riscos e as despesas do trajeto fluvial até a Cidade.

Durante as águas, anima-se, pois, o arraial. Foliões improvisam bailes e noitadas alegres — pretextos para gastar e beber. Ha também



os turbulentos. Assim, o Pantanal vai regulando a vida desta sociedade feita á sua feição. A nove quilómetros de São Luiz de Cáceres, Cidade policiada, quando o Paraguai transborda e o Pantanal recupera seus campos, surge um pequeno "Far West" na Caissara.

O arraial compreende cerca de 27 casas, abrigando uma população de 150 habitantes, aproximadamente. São quasi todas as casas do arraial de pau a pique, cobertas de palha, espaçadas ao longo das estradas que se cruzam na antiga séde da fazenda. Ha alguns anos, ainda se podiam contemplar as ruinas do velho casarão colonial da séde da fazenda. Hoje mal se notam os vestígios da vetusta construção. Uma das casas mais recentes do arraial ocupa o lugar em que existiu aquele. E' a residência do fazendeiro coronel Manoel Pedroso da Silva Rondon.

Vive no arraial uma família boliviana, ali instalada ha mais de dez anos, e outra recém-chegada. São os estrangeiros.

Obtivemos com facilidade a relação dos moradores do Arraial: Lino Pinto de Miranda, Norberto Pinto de Miranda, António de Matos, D. Umbelina Clímaco (viuva), Joaquim de Almeida, Fioravanti (boliviano recém-chegado), Francisco de Sales, João Abílio de Moraes, José Alves Garcia, João Vicente dos Santos, Jovino Geminiano; Dom Egídio Rêdes e dois filhos, José e Samuel (bolivianos); Manoel Agostinho de Campos, Benedito Eiras de Siqueira, Cândido de Moraes, Benedito de Moraes, Paulo Ribeiro; Benedito Cardeal dos Santos e dois filhos homens, Francisco e Enedino; António Luciano, Manoel Correia, Manoel Pedroso da Silva Rondon (fazendeiro cacerense), Joaquim Januário, Afro Leite de Souza, João Clímaco de Souza e Januário Lemos.

\*

**27 de Novembro.** Ruidosa madrugada esta da Caissara. Ainda parece noite alta e tudo se anima para a labuta do novo dia. Ouço de minha rêde armada na varanda da casa, de mistura com o canto amiudado dos galos e o mugir de duas dezenas de bezerros, o vozerio

incoerente de homens que dormiram ao relento. Mal despertado o primeiro, começam as trocas de impressões e os preparativos de partida. Tropel de animais. Despedidas. Um nortista domina o vozerio confuso com um tom de voz mais forte. Faz-se dia claro. Com a refeição matinal, recebo as últimas demonstrações de hospitalidade dos donos da casa...

Partindo do arraial, tomamos a estrada da Linha Telegráfica, beirando a Lagôa Grande, cuja vazante atravessamos. Estava quasi sêca.

\*

Nas bordas da Lagôa Grande, passeiavam despreocupados alguns casais de tuiuiús, carões e marrecões. Um bando de garças imoveis completava a paisagem.

Notam-se por toda parte, nestes campos, uns montículos de terra feitos por um ratão do Pantanal. São tocas de cururú, — um ratão cinzento, que vive em galerias subterrâneas, nos terrenos arenosos. O cururú assola os mandiocais, cavando suas galerias e destruindo as raizes de que se nutre. A pele do cururú não tem procura. O animal é de aspecto repelente.

\*

Notamos como a erva de passarinho germina e cresce sobre o fio metálico, na Linha Telegráfica, a mais de cinco metros do solo, em grandes extensões, nas proximidades das lagôas.

\*

O Mato Escuro começa na beira da Lagôa Grande. E' uma densa cordilheira de meia légua de largura e quasi duas de comprimento, que corta nossa estrada.

Dá-se, no Pantanal, o nome de cordilheira a cristas quasi imperceptiveis, que se erguem entre as vazantes, ora dividindo águas, ora formando ilhas, que se definem na enchente. São terras firmes, cobertas de matas altas e densas. Acostumado, talvez, á planura do Pantanal, o homem, numa espécie de futurismo geológico, não hesita em chamar cordilheiras áquelas promessas de accidentes orográficos.

Á entrada do Mato Escuro, fica a tapera de Lourenço Rondon. Dela existem apenas vestígios — um tamarineiro, uns limoeiros e laranjeiras. Mas ficou o nome. O morador do sítio era um velho reformado do Exército, que

viveu por muitos anos na Caissara. Ele e a esposa eram tidos como os mais exímios caçadores de onça de todo Mato-Grosso. Em 1907, Lourenço Rondon serviu ainda á Comissão Rondon, como encarregado de invernada.

\*

Deixamos a estrada que conduz á Lagôa de Jacururé, situada cerca de um quarto de légua ao norte da Linha Telegráfica.

Passamos a Vazante do Padre Inácio completamente sêca. E' uma extensa vazante, de água salobra. Desce dos campos do alto Cabaçal e vem desaguar no Paraguai, pouco acima da foz do Jaurú. Nas enchentes, corre pouco, mas tem volume de córrego.

\*

Vamos subindo de chapada em chapada, degruas insensíveis, através de campos e cerrados. As denominações da hidrografia do Pantanal se sucedem extranhamente, nestes campos arenosos em que se cavam cacimbas para encontrar água. Lagôas, corixos, vazantes, ilhas são nomes que se dão a estes campos

e a estas matas sem água. A justificação desta nomenclatura toponímica não a tem o viajante e sim o morador, que ali fica também nas enchentes, quando esse mar decadente, que é o Pantanal, recobra seu leito. Nos troncos das lixeiras e do paratudo dos cerrados está a marca das águas a mais de um metro do solo. A parte submersa da casca apodrece e depois, quando vem a queimada, carboniza-se.

No Pirizal encontramos uma lagôa totalmente sêca e tomamos água de uma cacimba que, naquela manhã de soalheira, quasi ao meio dia, deu-nos a impressão de um oasis, em pleno Pantanal.

Lagôa da Onça. Lagôa da Capivara. Lagôa do Aguassú. Sucedem-se as denominações da hidrografia, através de campos sêcos.

\*

Na mesma chapada que se estende desde a Lagôa da Capivara, fica a Lagôa do Pau Sêco. Toda ela é cheia de lagôas e, nas enchentes, fica toda alagada. Os capões e cordilheiras em que se erguem as casas do arraial se transformam em ilhas.

Pau Sêco tem dois moradores. Uns rebanhos pobres animam estes campos. Cavalos, porcos e vacas — não chegam a cem cabeças o que podemos vêr de passagem.

\*

Perto da vazante do Jacururé fica, num cerrado, o cemitério em que foram sepultados variolosos da Linha Telegráfica, em 1907. O cemitério deu nome ao lugar — Cemitério de Bexigosos.

Á entrada do cerradão, a oeste da Lagôa do Pau Sêco, encontram-se as ruínas de uma construção. Foi ali, ha muitos anos, um posto de índios Borôros-Cabaçais. O General Rondon (então, major), em 1907, ainda encontrou na Lagôa do Pau Sêco, uns restos de aldeamento e duas índias daquela tribo, vivendo entre negros e mulatos de Vila Bela.

Chama-se Joaquim Paes e chapada que se estende para oeste do Pau Sêco. Era o nome do morador mais antigo da paragem. Joaquim Paes tem, atualmente, tres moradores.

\*

Piquizinho. Um rancho de palha de aguas-sú, coberto de folhas de indaiá, é o nosso pouso de hoje. O morador, Aprígio Ramos, vive aqui com numerosa família — espôsa e oito filhas — ha quatro anos. Faz lavoura e trabalha no officio de seleiro. Na arte, Aprígio não tem concorrente num raio de dez léguas.

E' grande a difficuldade d'água, no Piquizinho. Tiram-n'a de uma cacimba, com muito trabalho. A cacimba, cavada em terreno argilo-arenoso, mole, ameaça desbarrancar constantemente. A água é leitosa, mas sem sabor desagradavel. Nosso filtro de campanha ficou coberto de uma lama cinzenta clara.

Defronte da casa ha uma lagôa de margens brejosas, como todas estas lagôas do Pantanal que, na sêca, são como vargens crestadas, cobertas de capim e de outras vegetações rasteiras, sobre as quais se destacam moitas de arvores anãs. A água que fica, resistindo á sêca, avermelhada, salobra, saturada de potassa das queimadas, não é potavel nem utilizavel para o banho; provoca cocciras, irritando a pele.



**28 de Novembro.** Deixamos Piquizinho às seis horas. Passamos pela Cacimba — tapera de ranchos anterior á Comissão Rondon, onde finda deste lado o Pantanal, isto é, a zona alagadiça.

“De Pau Sêco em diante (lê-se no relatório de 1907, á pag. 25, observação do General Rondon, então major) o terreno se eleva pouco a pouco, tornando-se mais firme e apresentando feição completamente diversa da anterior, com ondulações suaves decorrentes de varzeas donde brotam as cabeceiras.

“Dessas varzeas a mais importante é a da Cacimba, distante do Paraguai 37.675 metros.

“Cacimba é uma velha tapera da antiga fazenda, a cujos ranchos restantes mãos criminosas atearam fogo. Ha tambem aí outra lagôa que, no meu levantamento mediu 1.872 metros de contorno”.

Entra-se no cerradão do Morro Grande primeiro acidente da Serra do Caeté, que atravessa em nossa frente, no sentido geral norte sul, coberta de mata densa. O solo arenoso do Pantanal, que vem até a Cacimba, é agora sub-

stituído por um barro vermelho consistente, que lembra a terra roxa.

“Os terrenos arenosos da margem esquerda do Paraguai transpoem esse rio para toda a região de sua margem direita, que se estende até o Rio Jaurú, tendo grande abundância de sílex á proporção que se aproxima deste último. Entretanto, na Serra do Caeté, onde ele predomina, também se observa o aparecimento de massas gresosas compactas, que revestem um bom trecho da estrada.

“No Rio Jaurú vemos aparecerem as camadas de cascalho, que denotam as regiões de quartzito e consequentemente auríferas; si bem que o grés pareça, pelas informações colhidas, a rocha do Salto das Nuvens, a do Salto Alegre não parece da mesma natureza”. (General Rondon — Rel. 1907 — pag. 33).

Deixa-se ao sul a estrada da Fumaça, cerca de duas léguas do Piquizinho.

Começa-se a subir o Morro Grande por um caminho íngreme de pedras soltas (quartzo). Entra-se pela Bocaina do Conta-Boi, assim chamada por facilitar a contagem das boiadas.

No Conta-Boi, entrincherou-se uma força patriótica para resistir á coluna Prestes, em 1927.

A pedra de fogo (silex) tem aqui o nome de fígado de cágado.

\*

Saimos na Campina do Gamelão, deixando ao sul, a menos de cem metros, o Morro do Gamelão, que é outro mamelão da Serra do Caeté. Levamos tres horas na travessia do Conta-Boi.

Nesta região, o General Rondon assinalou, em 1907, uma tapera de índios Borôros-Cabaçais: "Numa oblíqua que se afasta para o poente, em extensão de 21.262 metros (a partir da Cacimba), fica outra tapera mas de índios Borôros-Cabaçais, além do contraforte que corre do Rio Cabaçal ao Rio Jaurú, de norte a sul". (Rel. 1907, pag 25).

\*

22 de Dezembro. Cordilheira é o primeiro sítio que se encontra, nos campos da Caissara, ao atravessar o Jauruzinho, na estrada de

São Matias-Campo Alegre-São Luiz de Cáceres. É um morador brasileiro — Pedro Eggs.

\*

São atrevidos os jacarés do Jauruzinho. Ao perceberem a passagem de nossos animais, urravam debaixo d'água. Mas ficaram naquele protesto lúgubre. Não atacaram como têm feito doutras vezes aqui mesmo.

Andamos o dia inteiro por campos desertos, em terras da Caissara, direção á antiga séde. Tivemos, assim, mais tempo e vagar para admirar a natureza.

E' abundante a caça, nestes campos do sul da fazenda. Veados brancos e campeiros aparecem em rebanhos de seis e mais. Emas muito ariscas vêm-se quasi sempre fugindo em bandos. Uma que surpreendi mais de perto correu até o cerrado e estacon no meio das moitas, imovel, confiada no mimetismo. Não era, realmente, sem dificuldade que a lobrigava entre as lixeiras.

\*

Apesar das chuvas diárias de Dezembro, as lagôas e o Corixo do Padre Inácio ainda es-

tavam com pouca água. Já conhecia o corixó na Linha Telegráfica. Correndo para sueste, ele corta também a estrada de Campo Alegre a Cáceres.

\*

Alcançamos ao entardecer o arraial da Caissara, de volta da Fronteira. Os moradores já nos recebem como velhos conhecidos.

Pudemos vêr o arraial sob outro aspecto, vindo pela estrada de Campo Alegre. Sucodem-se por um quilómetro os sítios, pequenos, quasi reduzidos aos ranchos, roçados e currais.

\*

Visitei á noitinha a velha Ângela, em seu quartinho, numa dependência da casa de José Garcia.

Ângela Ribeira Leite é uma relíquia da Caissara — admiravel lucidez de espirito, não obstante seus 115 anos presumiveis. Vive sob os cuidados da Família Garcia, num bem estar e numa paz de espirito que haveriam de causar inveja a muitos de seus contemporâneos, que procuraram as cidades para passar esses anos

suplementares de vida que são a decrepitude indigente. Ângela Ribeira preferiu a quietude dos campos; e ali vive cercada desse carinho com que os caboclos a seu modo manifestam a veneração aos velhos — veneração oscilante entre o respeito quasi supersticioso, que se declara na “benção”, cabeça descoberta, e a galhofa ruidosa com que se comentam os colapsos de espírito, nas “caduquices” — bruxoleios de lamparina com pouco azeite para suportar muitas horas de serão.

Conheci a macróbia, quando passei para a Fronteira. Antes de partir da Caissara, José Garcia m’a apresentou. A velha Ângela, ao saber de meu desejo de fotografá-la, deixou a rêde e se encaminhou para nós, com passos firmes, amparada em seu bastão — derradeiro arrimo de sua vida, sem falar na caridade dos Garcias.

Colhido um magnifico instantâneo, fizemo-la sentar na varanda. Notei que o esforço de andar não lhe causara incômodo. Respirava com calma, disposta a me conhecer melhor, através da palestra. E não se fez rogada:

— Quantos anos tenho? Á! Á! Ave Maria!

Nem é bão vancê perguntar. Pois então eu nesta idade hei de saber quanto anos tenho?

— Cheguei menina, na garupa. São Luiz só tinha casa de palha. Casa de Major João Carlos, esta era de telha e mais uma. A maior parte era de sapé. Ninguém sabia que ali tinha de ser cidade.

— Quando chegou o Dezenove, ainda não estava velha. Primeiro batalhão que veio era de cavalaria. Depois que veio o Dezenove, para defesa do Senhor São Luiz. Na guerra de Lopes, o Governo mandou buscar o batalhão.

Encontrei agora a velhinha, balançando suavemente em sua rêde, no interior de seu quartinho, á luz de uma vela que arde junto a um pequeno Crucifixo, sobre a única mesa do cômodo. Naquele interior de tristeza e desolação, naquele anoitecer de dia chuvoso, foi que pude melhor admirar a fortaleza daquele espírito de mulher. Recebe-me com a mesma disposição manifestada na manhã de sol em que a conheci. Sentada na rêde, manda uma rapariga acender outra vela, junto ao Crucifixo, que lhe merece particular carinho, e se dispõe a conversar.

Dita (a rapariga) aproveita a ocasião para acender um cigarro de palha, que acabava de enrolar. Prometo-lhe, gracejando, um cachimbo da cidade. Dita recusa o presente. Não sabe fumar em cachimbo. A velha Ângela acompanha o diálogo e intervem com espírito:

— Pito é que não faz mal. E' abençoado. . .

Agradece com naturalidade, o presente de umas latas de aveia, que lhe levei, e indaga de minha viagem pela Fronteira e do motivo por que tinha sido fotografada. Donde vinhamos? Para onde iamos? Admira-se ao saber que vou para uma cidade que fica além de Corumbá. Refere-se depois a Vila Bela e aos Matogrossenses (naturais de Vila Bela):

— Acho graça daquele povo. Só eles que são matogrossenses, os outros não. Ora, tirando o Rio Grande do Sul, tudo mais é Mato-Grosso. Mas eles não sabem disso.

A velha Ângela tem veneração pela memória do Imperador. Mas está convencida de que Dom Pedro Segundo perecera na guerra do Paraguai. Até hoje não se conforma com a perda de seu Imperador, "tão moço".



— Mas Deus castigou Lopes, porque ele também morreu.

\*

**23 de Dezembro.** Com as primeiras chuvas da estação, o Paraguai tomou água. O Sangradouro Grande, desde meiado do mês, está de nado. Nosso regresso a São Luiz de Cáceres é feito por água. A balsa nos leva com o material e o arreamento. Os animais seguirão por terra.

Mais uma sensação ainda não experimentada — uma viagem de balsa, a zinga. A guarnição está reforçada. Tem cinco homens: quatro nas zingas e um rapaz no leme.

Saimos logo da Baía da Caissara e entramos no Bracinho. Paramos um pouco para desobstruir o Bracinho, cortando os galhos das árvores que embaraçam a balsa.

Antes de duas horas de viagem, nossa balsa desembocou no Paraguai. Estávamos com a Cidade á vista, ás 10 horas, e desembarcamos ás 10 e 30, no porto do Fonseca, nosso ponto de partida para a Fronteira.

### III

## O JAURÚ

**28 de Novembro.** Saimos ao meio dia na Campina do Gamelão, deixando a parte acidentada de nosso percurso do dia, que corresponde ao trecho em que a estrada vence a garganta do Conta-Boi, na Serra do Caeté, divisa oeste dos campos de Caissara.

A primeira água que se encontra ao sair do Conta-Boi é o Córrego da Borda da Mata, cortado pela estrada muito perto da nascente. São águas do Jaurú. A Campina se estende da Borda da Mata ao Cerradão do Caeté.

Entramos em terrenos da fazenda do Caeté. É uma tapera. O mato invadiu o local da antiga casa, cuja cumieira ainda se sustem sobre esteios apurados. Em 1906, o General Rondon encontrou ali uma fazenda próspera.

Passamos em seguida o Caetezinho e o Caeté Grande — dois ribeirões que, no tempo das águas, tomam volume. Agora estão no fundo, muito rasos.

Lagôa do Caeté. No Pantanal as lagôas conservam o nome, ainda quando sêcas. Parecem mais campinas que lagôas. Às vezes, lugares mais baixos, justificando o nome que é de todo o campo, fazem empoçar as águas das primeiras chuvas. Nesta lagôa pastava um rebanho de cavalos.

\*

Garças e curicacas — dois ou tres casais de cada especie — não faltam nestas lagôas quasi sêcas. Adiante da Lagôa do Caeté ha um minadouro frequentado por cervos.

\*

Seguindo o picadão da Linha Telegráfica, andamos por mais de um quilómetro por entre moitas de cançançã, que excediam a altura de nossos cavalos. O cançançã é da familia da urtiga; tem o mesmo aspecto desta e produz a mesma sensação de ardor local ao contacto.

\*

Notamos desde o Conta-Boi a abundância de pedra-canga (ganga ferruginosa), em jazidas á flôr da terra e em matações soltos.

\*

Dezoito horas. Fazenda Cachoeira. A fazenda fica á margem esquerda do Jaurú, mais ou menos a 20 léguas da foz no Paraguai. É administrada pelos irmãos Jorge da Cunha, (João, Salvador, Montezuma e Juvenal). Tem um pequeno estaleiro, uma serraria a vapor, pequena fábrica de aguardente, criação de gado, lavoura de cana de assucar e de cereais. População de uma centena de almas. Cerca de 30 empregados.

A produção de aguardente é de 2.500 litros (cerca de 80 canadas) por ano. O mercado consumidor é São Luiz de Cáceres. A canada tem 30 litros e ainda se divide em quartilhos. São antigas medidas portuguezas que continuam em uso no Sertão, concorrendo ao sistema métrico.

O gado da Cachoeira é vendido no mercado de São Luiz de Cáceres, no Descalvado, para a xarqueada, e abatido para o consumo lo-

cal. Neste anno, que foi um dos de maior movimento, foram vendidas 200 rezes. A média tem sido de 50 por anno.

A produção agrícola — milho, feijão, arroz, mandioca — se destina exclusivamente ao consumo da fazenda.

\*

No estaleiro da Cachoeira se constroem pranchas e outras embarcações de pequeno calado. A prancha é uma embarcação de fundo chato, toda feita de madeira, prôa e pôpa da mesma conformação, com barraca, que é um salão de madeira fechado, com portas corrediças, dividido, ás vezes, em compartimentos ou camarotes.

A capacidade de uma prancha varia entre 200 e 1.000 arrobas. A tripulação é constituida por tres a oito prancheiros e um piloto. Os prancheiros manejam zingas, que são varas de cinco a oito ms. A extremidade inferior da zinga se enterra no fundo do rio, em pontos successivos, no sentido desejado. Os prancheiros, apoiados na extremidade superior applicada contra o ombro direito, impulsionam a prancha

com os pés, fazendo deslizar o rebordo exterior da embarcação ou pisa-pé de prôa a pôpa. Deslocam-se depois com as zingas para seus postos, á prôa ou a meia nau, e recomeçam o trabalho. Quando sobem os rios, ouve-se de longe o ressoar soturno do pisa-pé, sob as pisdas cadenciadas, fortes, seguras dos prancheiros descalços.

Um batelão de 12 metros de comprimento e 1,20 m. na maior largura cala 0.m40 e tem capacidade para 200 arrobas. Os batelões possuem quilha.

O estaleiro da Cachoeira já construiu uma lancha — a “Nhambiquara” — utilizando a máquina de um locomovel. Até 1928, construia 8 pranchas por ano.

\*

Estava atracada ao porto da Cachoeira a prancha de um mascate. Vi-o atarefado, em seu camarote, entre prateleiras de mercadorias, como num pequeno armazem flutuante.

Dá-se aqui o nome de mascate ao que, na Amazônia, é regatão. Na Amazonia, o regatão tem sua loja flutuante, em alvarengas. Aqui, é

mascate o negociante ambulante de terra como o fluvial.

\*

Contam-se alguns bolivianos entre os empregados da Cachocira. Impressionou-me aquele fim de semana da fazenda mais importante do Jaurú. Empregados ajustavam contas no armazem da fazenda e se retiravam para o descanso do domingo, levando alguns provisões de aguardente. Outros havia alcoolizados, ao anoitecer. A cachaça ainda é a **changa** preferida por nossos infelizes trabalhadores rurais. E a popularidade dos patrões, em geral, depende da liberalidade com que a distribuem, sob qualquer pretexto, assim nos dias festivos como nos de faina. O **pourboire** é tomado, aqui, ao pé da letra.

\*

29 de Novembro. Antes de partir da Cachoeira, fui visitar o veterano centenário Manoel do Nascimento Silva. Encontrei-o em seu ranchinho, construído numa capoeira, por trás das casas da fazenda. Indiferente áquela manhã de domingo que, nos tempos distantes de

sua mocidade, ter-lhe-ia sugerido uma pescaria no Jaurú ou uma caçada de cervo ou queixada nas matas do Caeté, o velho caboclo me recebe sentado num banquinho, no interior do rancho. Sai para uma fotografia, posa aprumado sem esforço e fica conversando no terreiro. Faz-me bem aquela brandura com que o veterano me fala de seu remoto passado militar. Foi soldado antes da guerra do Lopes, num batalhão que não era o 19°. Já não se lembra dos nomes dos comandantes que teve. Ficou-lhe um nome só na memória, o Capitão Oliveira Melo — “o Melo Brabo”. Destacado no Guaporé desde recruta, lá ficou muitos anos. São Luiz de Cáceres já era cidade, quando a conheceu. Já lá estava o 19° de Infantaria, a guerra já tinha acabado. Casou uma só vez e ficou viuvo ha tres anos. A mulher — Mamá — parecia mais velha. Teve dez filhos. Seu Manoel vive agora sob os cuidados de uma das filhas — Marcelina, 65 anos presumíveis, que mora no rancho vizinho e agora se distrai no terreiro, assando bacaiuvas, no borrarho de um fogão.



Deixamos a Cachoeira com destino ao Porto Esperidião. No caminho que nos conduz á picada da Linha Telegráfica, atravessamos o Córrego das Pitas por um atoleiro de uns 400 metros. Cachoeira está ligada á Cacimba por uma estrada carreteira.

\*

Encontramos uma ponta de gado num barreiro. Os barreiros se formam nos terrenos salitrados. O gado procura-os avidamente para lambar o barro e se fartar de sal. As águas das chuvas empoçam nos barreiros, fazendo atoleiros. Uma vez havia saído do barreiro, quando chegamos. Tinha as pernas sujas de uma lama cinzenta. Num dos cantos do barreiro, a lama estava pastosa, com aparência de lava vulcânica.

\*

O único morador que encontramos desde a Cachoeira está no Porto do Campo. Saimos na picada da Linha Telegráfica, atravessando a lagôa do Porto do Campo, completamente sêca, cortada de trilhos de gado. Tínhamos ainda quatro quiómetros, para alcançar Porto Espe-

ridião. A estrada atravessa campos baixos. Cerca de dois quilómetros do porto, donde se avistam as casas, desce-se para o pantanal do Jaurú.

\*

Ao chegar ao Jaurú, atravessa-se um espinhal, em extensa lagôa completamente sêca (em Novembro). Nas enchentes, a água sobe mais de um metro e, depois que o rio baixa, conserva-se ainda por tres ou quatro mêses até evaporar-se totalmente.

Chegamos ao meio dia á margem esquerda do Jaurú. A travessia se fez numa canoa, que nos trouxe um guarda-fio.

O Rio Jaurú não tem cem metros de largura, em Porto Esperidião. Nenhuma casa se encontra á margem esquerda, que é alagadiça. Á margem direita, junto á estação telegráfica, numa lombada que se eleva á medida que se afasta do rio, está o povoado. Uma rua estreita de ranchos de pau a pique começa a uns cem metros do porto, junto á tapera da antiga estação. Acima dos primeiros ranchos, abre-se um largo com outros ranchos e o edifício da esta-

ção telegráfica — o único de material (tijolos e telhas).

Porto Esperidião tem uns cem habitantes. São quasi todos brasileiros, pequenos lavradores e criadores, que se fazem poaieiros, por ocasião da safra. Ha cinco bolivianos residindo no porto.

O serviço da estação telegráfica é feito por um só funcionário — o encarregado. Residem tambem no porto dois guardas-fio.

Porto Esperidião é uma colônia de poaieiros. Ainda persiste a antiga denominação de Salitre, no habito do povo. Foi esse o primeiro nome do lugar. O atual foi dado pelo General Rondon, em 1907, em homenagem ao engenheiro que explorou o Jaurú, em 1898 — Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques, falecido no Guaporé, em 1906.

Porto Esperidião não tem nenhuma casa comercial, nem officina. Ha no porto uma subdelegacia de Polícia. O Governo do Estado prometeu uma escola rural para 1937.

“Em 1906, Porto Espiridião tinha apenas um rancho coberto de sapé, propriedade do maior industrial brasileiro do distrito — Sr.

Balbino Antunes Maciel". (General Rondon — Rel. cit. pag. 27).

k

São quasi cem os habitantes do porto. Nenhum maior de 60 anos. Um solteiro, um casal sem filhos, sete casais com mais de seis filhos e oito com mais de tres filhos.

E' sub-delegado o Sr. João Hermógenes Garcia. Encarregado da estação o telegrafista Durval Lebre. Guardas-fio: João Pageú de Gouveia e Mario Gonçalves. Professora particular, D. Maria de Lourdes Lebre.

\*

A poaia (ipecacuanha) é, atualmente, uma das riquezas mais valorizadas de Mato-Grosso. Encontra-se nativa no alto Jaurú, no Cabaçal, no Cipotuba, no Guaporé e no Galera.

"Em todas as matas do vale do Rio Paraguai, acima da foz do Jaurú (escrevia o Dr. Esperidião, em 1906) se extrai poaia ha mais de 30 anos; tem-se mesmo exportado anualmente até 5.000 arrobas. De quatro anos a esta parte tem diminuido a exportação, porque aquella raiz tem se tornado mais escassa.

“É certo que já se conhecia ali a poaia, na grande mata que vai do Guaporé aos campos do Burití e no vale do Rio Galera; mas agora com a nossa viagem pelo Rio Guaporé e pesquisas pelas matas que orlam suas margens vimos poaia mais bundante, a sete léguas apenas da cidade (Mato-Grosso)...

“Em tres dias de trabalho colheram tres arrobas...

“É assim póde-se dizer que a poaia já não é produto exclusivo das matas do Município de São Luiz de Cáceres, mas continua a se-lo ao que nos consta só do Estado de Mato-Grosso”.

No alto Jaurú, a extração da poaia é feita ha muitos anos sem interrupção de safra. Quando chega a estação das águas, os lavradores do Jaurú se reúnem em comitivas, sobem o rio, acima do Registro, e se internam nas matas.

A safra começa em Dezembro e termina em Março. O solo amolecido pelas chuvas facilita a operação de arrancar as raizes da ipeca e replantar as hastes. Na sêca, a poaia está queimada e o terreno duro.

Os poaieiros do Jaurú trabalham por conta própria e negociam com a praça de São Luiz de Cáceres. Desde uns tres anos a poaia tem alcançado naquela praça a cotação de 25\$000 ao quilo (ás vezes 30\$000). A procura excede a produção.

O poaieiro vive como o seringueiro. Sai de manhã do acampamento e volta á tardinha, com seu sacco de raizes (sapiquá). Como os seringueiros, congregam-se em comitivas, para o transporte e o trabalho. A comitiva nem sempre é uma sociedade comercial. Mas facilita com a solidariedade a vida dos poaieiros. No acampamento, estabelecido em plena mata ou num porto, cada poaieiro ergue seu rancho, onde vai pouco a pouco fazendo seu armazem de raizes. Quando a comitiva é custeada por um patrão, cabe a este ou a um preposto a direção do trabalho.

As raizes da poaia são arrancadas com o saraqú — ferro cônico, como a ponteira de una zinga, manejado com um cabo curto. Postas a seccar, no acampamento, são depois ensacadas. Um bom poaieiro tira alguns milhares de pés por dia — tres a quatro mil — e anda

léguas, arrancando raízes, mata a dentro. Ha extensões de mata em que a poaia está reunida em toucciras, facilitando a extração. Noutras, porém, os pés se encontram espaçados de 5 a 20 metros.

O poaieiro distingue a poaia pela folha, que é cinzenta e lembra a folha da limeira. Uma planta semelhante á poaia é colhida com esta pelos poaieiros inexperientes. E' o **cativo**, assim chamado porque acompanha sempre a poaia, como um escravo. O cativo se distingue da poaia pelas raízes.

\*

Não se conhece, no Jaurú, a indústria do aguassú (babassú). No Cipotuba, fez-se uma experiência, ha poucos anos. Chegaram a assentar máquinas. Foram remetidos para São Paulo 1.500 quilos de castanhas e suspensos os trabalhos. A experiência teria sido feita em época imprópria, quando o côco já estava **passado**. Um mês depois que cai do pé, em Abril ou Maio, quando o côco se descola da casca, é que deve ser quebrado.

\*

**30 de Novembro.** Ao deixar a lomba em que está Porto Esperidião, avista-se o Morro do Paratudal, á margem direita do Aguapéi. Junto ao morro está o Retiro do Januário.

Do Urubú, antigo acampamento da Comissão Rondon, situado cerca de tres léguas do Papiro, avista-se ao norte o Morro do Cobre. Torna-se a avista-lo na Água Branca, a sete léguas de São Caetano. Presume-se uma altura de 300 metros. O Morro do Cobre se destaca por sobre a mata, arredondado. E' uma jazida de cobre situada perto do Registro, á margem direita do Jaurú. Ha dois anos, foram extraidas amostras de minério do Morro do Cobre e remetidas a Corumbá. Segundo o Dr. Esperidião, estas minas "foram principiadas a explorar, pelo engenheiro Leandro Dupré" em 1902.

\*

"Além das salinas e das minas de cobre, situadas perto do Registro. . . Aquelas salinas se prolongam pela Bolívia e sabe-se que vantagens tiraram delas os Bolivianos, quando, por ocasião da guerra com o Paraguai (1865-70), isolados, iam ficando sem esse condi-



mento. Eles traziam-n'o em cargueiros e com a maior presteza apuravam boas somas de contos de reis, porque nesse tempo se chegou a vender sal a 1:300\$ o alqueire". (Dr. Esperidião — 1906).

\*

A fauna destas chapadas é muito conhecida: anhumas, carões, gaviões cinzentos (criqui-rís), cracarás, garças, tuiuiús. O veado branco aparece com frequência em nossa estrada, aos grupos de quatro, de seis, muito ariscos. As pragas aumentaram consideravelmente, depois da travessia do Jaurú. Apareceram o lambe-olho, a pólvora, o carapanã. No Jaurú, carapanã não é o anófele transmissor do paludismo. E' uma mosca minúscula quão voraz.

Abundam nestes campos os pequenos roedores. Uns coelhinhos de pelo avermelhado, escuro, atravessam toda hora nossa estrada. Nos pousos, parecem animais domésticos. Não têm pressa de fugir, quando perseguidos. A carne destes coelhinhos é apreciada pelos sertanejos do Guaporé.

\*

A meia légua de Porto Esperidião, começa-se a descer por cabeceirinhas de córregos que desaguam no Aguapeí, cuja mata se avista ao sul de nossa estrada. As cabeceirinhas são vasantes estreitas, pequenas, cercadas de cerrados.

Os sertanejos chamam Guapí o Rio Aguapeí, afluente do Jaurú. Guapí é, certamente, corruptela de Aguapeí.

\*

Pedregulho fica a duas léguas de Porto Esperidião. A estrada atravessa um terreno endurecido, coberto de pedras soltas (seixos rolados).

Papiro. É um antigo acampamento da Comissão Rondon, que conserva o nome. Um rancho aberto, construído pelos guardas do Telégrafo, marca o pouso, a quatro léguas de Porto Esperidião, na estrada de Vila Bela.

\*

1º de Dezembro. São Caetano. Os fazendeiros da Cachoeira fizeram aqui um retiro, soltando nestes campos algumas centenas de

cabeças de gado vacum, confiadas a um casal de caboclos cuiabanos. O retireiro, Maximiano, vive aqui isolado, com a mulher e dois filhos pequenos, num rancho de palha, junto ao curral do retiro. É o único morador que se encontra, num percurso de 24 léguas, entre Porto Esperidião e o Guaporé.

Em vista do estado de nossos animais, limitamos a jornada de hoje às quatro léguas que fizemos de manhã, do Papiro a São Caetano. Assim os animais aproveitarão bem o pasto da lagôa e a água, que aqui é abundante.

Os guardas, gentilmente, construíram um ranchinho beira-chão sobre o armador de minha rêde, entre duas árvores. Em meia hora, estava pronto o ranchinho, coberto de folhas verdes de aguassú.

Entretenho-me ao entardecer com a lida do curral, no retiro de São Caetano. Maximiano trabalha, falando com os bezerros, como si eles o compreendessem. Repreende-os como se fossem meninos. A mulher, Lídia, também ajuda no curral, armada de um relho de cabo comprido, levando as sobras do momentâneo mau humor do marido.

Os bezerrinhos mais ariscos, antes de se submeterem, fazem-n'á correr como louca em redor do curral. Lídia também grita, na esperança de ser compreendida: chiqueiro! chiqueiro!

\*

Temos atravessado, desde Porto Esperidião, extensas matas de aguassú (uauassú ou babassú). Nestes campos, o aguassú impressiona como o pinheiro no Paraná. Em São Caetano, como no pouso do Papiro, os aguassuzais dão um encanto particular a estas paisagens de lagóas amplas e razas, cobertas de arrozal.

\*

**2 de Dezembro.** Avista-se de São Caetano a extensa morraria da margem direita do alto Jaurú. Continuamos a viajar por chapadas e cerrados.

Queixo de Anta. Santissimo. Avista-se, a léste, o cabeço do Morro do Cobre, á distância de uns 20 quilómetros.

Começamos a passar os tributários do Jaurú (até São Caetano passamos por águas do Aguapeí). O Corrego do Santissimo tem

cinco metros de largura e é profundo. Passamo-lo por um pontilhão em mau estado.

Areias, a duas léguas de Santissimo, foi nosso ponto de almoço. Depois de Areias, Imbirussú, Fazenda Velha, Lage Grande. São antigos acampamentos da Comissão Rondon, que conservam os nomes, retidos com carinho pelos guardas-fio, veteranos da Comissão.

\*

Os cerrados aqui parecem mais ricos em espécies vegetais que os do Sul. A mata dos capões é mais alta e muito densa. O aguassú domina em extensão, mostrando seus leques em todo fundo de mato e, ás vezes, ostensivamente, desde as bordas das lagôas. E' a maior riqueza vegetal desta zona.

\*

Terra vermelha, arenosa, em extensas manchas. O fundo dos córregos é de lages de um granito avermelhado. Depois do Córrego Fundo, atravessamos um terreno movimentado. Horizonte sensivelmente mais amplo, des-cemos entre fileiras divergentes, irregulares de

morrinhos cobertos de mata. Em nossa estrada, a terra preta se alterna com o barro vermelho.

\*

Corrego Fundo. Pousos de guardas. Um rancho aberto. O córrego, quando cheio, como agora, é de travessia perigosa. Estreito, fundo e impetuoso.

\*

3 de Dezembro. Pousamos, ontem, no Córrego Fundo, á margem direita, para atravessa-lo hoje, com dia. A carga foi conduzida pelos homens com água pelo peito. Os animais passaram encilhados. Encontramos do outro lado o correio de Vila Bela que, pelos mesmos motivos que nos detiveram á margem direita, havia pousado á margem esquerda do Córrego Fundo. O correio se transporta em bois e faz a viagem de Vila Bela a São Luiz de Cáceres pela estrada da Linha Telegráfica, passando em Porto Esperidião, em oito ou dez dias.

\*

Ao contrario do que se supõe á primeira vista, quando se encontram, no Sertão, estes cavaleiros originaes e extravagantes, o boi de

sela não é um meio de transporte moroso. Tem o mesmo rendimento de marcha que o cavalo, nestas chapadas, e o supera nas águas. Os cascos do boi ajudam-n'o melhor a vencer os atoleiros. Quando vêm as enchentes e os campos do Pantanal ficam inundados, cobertos de um lençol d'água de alguns palmos (às vezes, mais de metro) de profundidade, por extensões de léguas, e não ha fugir da necessidade de os atravessar, a resistência do cavalo se revela sensivelmente inferior á do boi. Este jamais esmorece diante do Pantanal.

Mas o boi, tanto o de sela como o cargueiro, impõe um horário de marcha e, em absoluto, não se submete a outro. A marcha deve iniciar-se alta madrugada. Um grande alto ha de se fazer ás 9 ou 10 horas, até passarem as horas de sol mais quente. A segunda parte da jornada pode começar á tarde, depois das 15 horas, e prolongar-se até a noite.

O boi de sela anda tambem a tróte e póde dar galopes curtos. Vi, na fazenda São Luiz, nos campos da Fronteira, um vaqueiro montado em boi, em plena lida, conduzindo uma ponta de gado que havia reunido. O boi car-

gueiro não trota; mas anda mais que os cavalos a passo. As etapas de 7 léguas são normais para as tropas de bois.

\*

Começa a acentuar-se a mata. Os capões destes campos, mais densos, mais próximos uns dos outros, não têm palmeiras. Rareia o aguassú. Á falta desta palmeira, começa a notra-se a guariroba e a bacaiuveira, comuns nesta região, posto que menos numerosas que o aguassú alhures.

Depois de duas léguas de marcha, começam a aparecer, nos campos, grupos graciosos de buritís de 30 metros de altura (e os ha mais altos de 40 e 50 metros).

O capim provisório (jaraguá) alcança, nestes campos, a altura de um cavalo e domina os demais. O carona desaparece. Agora, em Dezembro, o jaraguá está de dois palmos — pasto novo que surgiu com as primeiras chuvas, depois das queimadas.

\*

Depois de Córrego Fundo, Pedregulho e Areia Branca, antigos acampamentos dos sa-



padores da Comissão Rondon. Na Areia Branca, a uma légua de Córrego Fundo, a descida se torna mais sensível para o Ribeirão dos Bagres, coletor das águas que vimos atravessando desde a véspera, afluentes do Jaurú, no qual desagua com o nome de Brigadeiro, acima do Registro.

\*

Burití da Larga é o acampamento seguinte a Areia Branca, deserto como os que vimos enumerando até aqui. Estamos nos domínios do burití. Ao fundo de um belo buritizal, a morraria do Burití Redondo — morro de uns cem metros de altura.

Larga é uma denominação regional das invernadas — campo em que se solta o gado para engorda.

\*

Um sinimbú (lagarto cinzento escuro, rajado, um metro de comprimento) dorme na estrada, tomando sol. Desperta com o estalido de nossa máquina fotográfica e foge velozmente de cauda erguida.

\*

Passamos o Córrego dos Bagres, perto das cabeceiras. Entramos num terreno acidentado, subindo por um desfiladeiro, entre morrotes de uns cincoenta metros de altura. Em seguida a uma bocaina bem acentuada, outro espigão da mesma direção do primeiro. Todos procedem da morraria que barra nosso horizonte, ao sul, com cristas ainda mais altas, que devem atingir cem metros. Passamos para o vale da Estiva Nova, cabeceira principal do Ribeirão dos Bagres.

\*

As árvores destas matas parecem mais desenvolvidas, posto que familiares a nós: a peroba, a piuva, a joana-pobre, o jacarandá. A joana-pobre dá cinza para o sabão do sertanejo.

Na Estiva Nova, encontramos o primeiro mangaval (conservamos aqui o dizer regional: mangava, mangaval, em vez de mangaba, etc.). Apeiamos junto a uma mangaveira e colhemos no chão mais de duas dúzias de mangavas maduras. Colhidas no pé não servem para o mesmo dia; são um pouco azedas e glutinosas. As-

sim, ao meio dia, mitigaram-nos a fome e a sede. A mangaveira é uma árvore baixa, folhagem rala, folhas largas. Estende-se o mangaval por estes cerrados de mistura com a lixeira e o paratudo.

Entre as touceiras do jaraguá, cresce uma plantinha que os sertanejos denominam branda-mundo. A raiz do branda-mundo, arrancada na noite da Quinta-Feira Santa, tem certas virtudes, segundo a crença popular de Vila Bela.

Vale a pena registrar os espécimes destas matas, consagrados pela medicina sertaneja:

erva-molar — uma planta de um metro de altura, encimada por uma haste florida de amarelo, folhas largas. A infusão tem propriedades diuréticas;

capoaba — palmo de altura, folhas estreitas e longas, ação tônica;

infalível — folhas miudas, presas aos pares em disposição alternada nos galhos; rala-se a raiz como o guaraná; cura dôres em geral.

Depois da Estiva Nova, aparecem outra vez as matas de aguassú. As palmeiras são bem

altas — 30 a 40 metros. Estamos num aguas-suzal. O buri-tí agora é mais raro.

\*

Entre a Estiva Nova e a Estiva Velha, transpuzemos o divisor de águas mais importante do Continente, passando das águas do Prata para as do Amazonas, aqui representadas modestamente pelas duas Estivas. Desce-mos agora para o vale do Guaporé, por entre matas de aguassú.

\*

Percorremos a secular estrada de Vila Bela. Entre o Jaurú e o Guaporé, esta estrada passa ao norte do Aguapeí, ligando Porto Esperidião a Pontes e Lacerda (Guaporé). É a melhor da região. Diriamos a única, se não foram dois caminhos que saem dela: um de Porto Esperidião para o Registro, pela margem direita do Jaurú; outro de Santissimo para o sul, cortando o Aguapeí, para sair no povoado das Conchas, onde se liga á rêde de carreteiras da Fronteira. Todo trânsito entre Porto Esperidi-

dião e o Guaporé se faz, assim, pela velha estrada, cujo traçado foi aproveitado para a locação da Linha Telegráfica.

\*

O Rio Jaurú tem suas cabeceiras no Planalto dos Paricís aos 14° 42' de latitude sul, aproximadamente (General Rondon), e desagua no Paraguai, cerca de 9 léguas abaixo de São Luiz de Cáceres. Águas potáveis, límpidas e muito correntosas. As margens do Jaurú inferior são pantanosas em grandes extensões. Mas oferecem firmes, de distância em distância, nos quais aparecem os portos das fazendas ribeirinhas.

Começa no porto da Cachoeira, cerca de cem quilómetros a montante da foz, a seção acidentada do Jaurú — simples corredeiras que se sucedem até o Salto Alegre, pequeno obstáculo de tres metros de desnível, situado a 20 léguas daquele porto. O Salto das Nuvens é o último obstáculo do Jaurú, que alguns sertanejos localizam a dois dias de canoa do Salto Alegre. São, porém, vagas as informações a

respeito deste salto, como do próprio Jaurú superior.

\*

O Jaurú é francamente navegavel, em qualquer estação, por pequenas embarcações (lanchas e pranchas) até a Cachocira. Na estação das águas, vapores que fazem a linha de Cáceres a Corumbá, como o "ETRÚRIA", têm subido o Jaurú até Campo Alegre, a meio caminho entre o porto da Cachoeira e a foz no Paraguai. Em 1927, um dos pequenos vapores da Flotilha de Mato-Grosso, da Marinha de Guerra, que patrulhava o alto Paraguai, aportou a Campo Alegre, no mês de Janeiro.

Contudo, não ha navegação regular no Jaurú. Lanchas particulares sobem, ás vezes, o rio a serviço dos proprietários. As pranchas de mascates é que se aventuram até os portos de cima.

Em 1898, o Dr. Esperidião Marques explorou o Jaurú, estudando suas condições de navegabilidade, tendo deixado observações, com as quais ilustramos esta notícia do mesmo rio:

"Dividiremos o rio em duas seções: a primeira de sua foz ás Lages; a segunda das La-

ges ao Registro. Na primeira seção, a maior largura encontrada foi de 97m. 25; a menor foi de 25 m. A profundidade normal foi de 1m.50 a 2m. no canal.

“Nas voltas, quasi sempre foi de 2 a 3 m. Nessa extensão, que calculamos por 120 quilômetros, só temos dois passos difíceis — a Corredeira da Pederneira e a do Limão. Na primeira, o canal está á margem direita, bem encostado ao barranco. A profundidade no canal foi de 1 m., agora que estamos na maior sêca.

“O leito do rio é formado quasi que totalmente de pedras soltas, de dimensões variadas. Assim mesmo como estão, esses canais dão acesso a pequenos vapores, desde que bons práticos os guiem.

“Na segunda seção, temos a cachoeira das Lages, a das Antas, a da Montezia e as corredeiras do Urubú, da Fumaça e do Pai Pedro. E' preciso antes de tudo ficar aqui assinalado muito claramente que, na parte por nós estudada, o Rio Jaurú não tem cachoeiras, porque, absolutamente, não existe descontinuidade de nível ou quedas d'água. Aquelas denominações de cachoeiras são, pois, impróprias.

“Feito isto (desobstrução, remoção de troncos de madeira, derrubada de matas marginais, etc.) passará aí, sem risco algum, qualquer vapor semelhante aos que estão sulcando as águas do alto Paraguai.

“Temos depois o passo de Montezia... E’ facil, portanto, fazer passar as águas somente pelo grande canal; assim, desaparecerá o obstáculo á navegação.

“Por último temos a considerar as corredeiras do Urubú e de Pai Pedro, que facilmente podem ser melhoradas. Nesta seção, o rio é quasi sempre mais largo, tem bonitos estirões e a profundidade é um pouco melhor.

“Asseguramos, pois, que com pequeno dispêndio, ficará garantida a navegação do Rio Jaurú”.

\*

Os trabalhos de desobstrução do rio, não foram empreendidos até o presente. Dada a lentidão do desenvolvimento desta região, as observações do Engenheiro Esperidião a respeito das florestas, das riquezas minerais e da agricultura do Jaurú têm até hoje oportunidade e vêm em nosso auxílio:



“As florestas do Jaurú, agora mesmo, no rigor da sêca, quando a flolescência e a frutificação dos vegetais ainda não principiaram, encantam e maravilham a todos os que delas se aproximam.

“Não falando nos angicos e outras madeiras de somenos importância (combustíveis) citaremos como abundantes o cedro, o louro, o guaretá e a araputanga, muito procurados para taboados e embarcações, como montarias, batelões, galeotas e pranchas, indústria nascente que felizmente se vai desenvolvendo.

“A piuva, a peroba, o jacarandá, o vinhático, a aroeira, a canela aí abundam; assim o guanandí e o cambará que, no Descalvado, substituem o cedro e o pinho nas construções de caixas, caixões, caixotes.

“Além do Registro, rio acima, onde tudo é mais ou menos virgem, então, devemos duplicar, senão triplicar, o aparecimento dessas madeiras uteis.

“A poaia, a preciosa raiz indígena do Município de São Luiz de Cáceres, se encontra em abundância no Registro”.

O Rio Jaurú corre sobre leito de cascalho aurífero. Contudo, não existe aqui a indústria do ouro. Não ha garimpeiros na região. Toda atividade dos habitantes do Jaurú está voltada para a poaia.

\*

O afluente mais importante do Jaurú é o Rio Aguapeí. Contravertente do Alegre, afluente do Guaporé, corre o Aguapeí na direção oeste-léste e vem lançar-se no Jaurú á margem direita, cerca de duas léguas abaixo de Porto Esperidião.

O Aguapeí corre através de pantanal. Durante a sêca, tem a largura de dois metros e alguns palmos de profundidade. Na foz, a largura atinge 8 metros, na referida estação. Durante as chuvas, o Aguapeí inunda as margens, transformando-se num verdadeiro corixo. Rio sem navegação, permanece quasi totalmente atravancado de vegetações aquáticas (aguapé). Na sêca, permite, contudo, a entrada de canoas. Nas enchentes poderia sem difficuldade dar acesso a embarcações maiores. Batelões e canoas, na estação das águas, podem transitar no

Aguapeí, como nos pantanais, em qualquer direção.

A propósito da navegabilidade do Aguapeí e da possibilidade de uma comunicação fluvial entre as duas grandes bacias do Continente, recorreremos mais uma vez ao primeiro explorador destes rios:

“Do estudo que fizemos sobre os rios Alegre e Aguapeí, declaramos que esses rios não são navegáveis; que suas águas, de Julho a Dezembro, se escasseiam extraordinariamente e se subdividem em uma série de lagôas algumas, aliás, profundas, como no Alegre, que ás vezes o rio é simplesmente um fosso; e que, portanto, não se deverá continuar hoje a sustentar aquilo que, em 1772, pareceu possível ao Capitão-General Luiz Pinto de Souza Coutinho, isto é, abrir um canal que comunicasse as águas do Alegre e Aguapeí e, portanto, as do Amazonas e Prata — para o estabelecimento da navegação nas duas maiores bacias d’água doce da América.

“Muitas memórias correm impressas sob o título — Junção do Amazonas ao Prata — e

seus autores pretendem mostrar a navegabilidade do Alegre e Aguapeí, justificando assim a vantagem da abertura do canal que os papéis velhos da secretaria dos antigos governadores dizem poder ter o comprimento ora de 3.020 braças, ora de 3.332.

“E’ certo que, no governo de Luiz Pinto, em Março (mês de maiores cheias de nossos pantanais) fôra varada do Alegre para o Aguapeí uma canoa de dez remos, pertencente a Gabriel Antunes Maciel; mas Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o Capitão-General que mais trabalhou em benefício desta terra e que sempre viveu cercado dos melhores auxiliares, em 1773, não poupou recursos e, mandando auxiliar o comboiceiro Gabriel Antunes, que voltava do Rio de Janeiro, trazendo mercadorias, viu frustradas todas as suas diligências. E, assim, disse ao Ministro de Ultramar: “não poderão ser bastantes todos os esforços juntos para acabar de subir o Aguapeí até a passagem proporcionada ao varadouro, pela falta das águas, sem embargo de se intentar esta operação no mês de Abril, em que elas

costumam reinar com mais força. Foi finalmente obrigado Gabriel Antunes a abandonar a empresa retrocedendo ao antigo porto do Rio Jaurú, donde seguiu por terra a esta capital”.

\*

A Serra de Santa Bárbara divide as águas do Jaurú das do Guaporé. Manam da vertente oriental desta serra o Aguapéi e o Rio dos Bagres, que correm para léste; da vertente ocidental, o Alegre e o Ribeirão da Estiva Velha, que correm para noroeste. O Ribeirão Santa Rita, que corre para o sul, penetrando em território da Bolívia, provem da região meridional da referida serra.

Nas cabeceiras do Aguapéi e do Alegre, que se acham separadas apenas por uma légua de terrenos baixos, é que a serra começa a se erguer para o norte.

\*

Entre as localidades do Jaurú e os pousos da estrada de Vila Bela foram registradas as

seguintes distâncias, nos caminhamentos da  
Linha Telegráfica (General Rondon — 1907):

|   |         |    |
|---|---------|----|
| Cachoeira a Porto Esperidião .....        | 14.511  | ms |
| Porto Esperidião á Cabeceira das Antas .. | 20.644  | »  |
| — — ao Córrego das Areias ..              | 39.000  | »  |
| — — á Estiva Velha .....                  | 84.502  | »  |
| — — ao Pau da Tolda .....                 | 96.181  | »  |
| — — a Pontes e Lacerda ....               | 126.881 | »  |

## IV

### O GUAPORÉ

Começam na Estiva Velha as águas do Guaporé, na estrada de Vila Bela. O terreno é mais acidentado. Descortina-se ao norte uma série de cristas que se sucedem até o extremo horizonte. A linha azul mais afastada se ergue além do Guaporé.

\*

Dominam por toda parte as matas de aguassú. Palmeiras mais altas, 30 a 40 metros. O burití rareia agora. Acampamos num claro aberto a machado, num aguassuzal. Por todos os lados rodeiam-nos palmas de aguassú. Estas palmeiras têm as folhas erguidas, fazendo um ângulo de  $35^\circ$ , aproximadamente, com o estípite, pontas voltadas graciosamente para

baixo, lembrando leques de plumas, leques verdes, numerosos e quietos, erguidos para o azul claro do céu, que recebe agora as tintas carmesim do poente, depois de uma tarde chuvosa.

\*

Distinguem-se, nestas matas, a jaó, o sabiá e o poaiciro; a primeira pela constância, o segundo pela beleza e o último pela originalidade do canto. Ao clarear o dia e ao entardecer, nos pousos, como ás horas mais quentes da soalheira, ouve-se o canto grave e distinto da jaó. Não é monótono, como parece nos primeiros dias de sertão. No concerto que se improvisa, variam o tom e os motivos musicais. E' breve, tem somente dois compassos binários sincopados. Mas, repetidos horas a fio, lembra original melodia, intervalada de tempos de silêncio de duração e sequência matemáticas.

Não faltam sabiás entre os pássaros do alto Guaporé. Mas, aqui, não são numerosos como no Paraná e em todo o Sul. Guardam, contudo, o primado dos pássaros, senão pelo número, pela qualidade.



O poaieiro tem o mesmo porte do sábia. É o mesmo seringueiro do Amazonas. Vive nas matas da poaia. Ouvindo-o, lembrou-me o uirá-trovão das matas do Uaupés — o mesmo arrulho seguido de silvos, imitando o trovão e o raio.

\*

**4 de Dezembro.** Pousamos, ontem, no Córrego do Catingueiro. Pau da Tolda marca a nossa primeira légua de hoje. Terreno montuoso. Cortamos duas vezes o Catingueiro. Dourados, Pedra Branca — antigos acampamentos, hoje desertos. Abundante a pedra miuda (quartzito) na estrada. O gneiss aparece em lages, nos córregos.

\*

Estamos a quatro léguas do Catingueiro. Lavrinhas. Nos tempos coloniais, houve aqui um arraial florescente de mineradores. Escravos negros revolveram estas terras á cata de ouro. As ruínas das construções já desapareceram sob a mata. Os montões de cascalho aurífero das escavações atestam, porém, ainda o esforço dos escravos que por gerações se sucederam, nas minas de Lavrinhas, até 1875.

Curiosas que são estas colônias de borboletas. Todas do mesmo porte, da mesma côr, desenhos idênticos nas azas, pousam e voejam ás dezenas, sobre os baixeiros estendidos ao sol ou no chão, procurando a humidade. Tenho-as visto azues, verdes, amarelas, cinzentas, alaranjadas, pretas e brancas; sempre uniformes, pequeninas e inquietas, em bandos que por vezes excedem a centena.

\*

Piteiras — são a originalidade das vargens de Lavrinhas. Uma haste verde-claro cresce no meio das folhas da pita. Cinco metros de altura e cinco a dez centímetros de diâmetro na base, afina-se á medida que cresce. As mais altas são vergadas ao próprio peso. A piteira medra em terrenos auríferos.

Matas de piuva, angico, peroba, jacarandá. A mulata ou guaretã se destaca pelo tronco liso, cinzento-escuro, entre as outras madeiras.

Mata do Gama. E' a mata que precede o Guaporé. Ha, junto á estrada, umas ruinas de povoado. Vêm dos tempos coloniais.

“Atravessava o caminho o povoado de Lavrinhas, muito rico outrora pela grande porção de ouro que dera, tendo chegado a possuir população de quasi 700 almas, reduzida no ano em que o visitara Castelnau (1845) a 120 pessoas.” (A cidade do Ouro e das Minas — Visconde de Taunay).

\*

Rica e possante, a mata do Guaporé se estende por mais de dez léguas em largura. Aqui está representada a flora amazônica. Palmeiras: o burití, o uassaí, o tucum, o uacurí, o aguassú (babassú), a bacaba, a guariroba. Madeiras diversas. Orquídeas: a baunilha. Poaia.

A baunilha tem sido, infelizmente, uma das riquezas mais desbaratadas, no Guaporé, nestes últimos anos. Dadas as difíceis condições de crescimento e cultura que oferece — cultura de que, aliás, nunca se cogitou em Mato Grosso — a baunilha perdeu muito cedo o valor comercial que alcançou, ha cerca de trinta anos. Em 1906, o Dr. Esperidião ainda nos fala com entusiasmo nas possibilidades da baunilha, entre as riquezas vegetais do Guaporé:

“Desde que deixamos o rio Jaurú e saltamos em terra, no Registro, fomos encontrando principalmente nas vargens, também chamadas veredas, onde abundam os brejos — a bananilha. Muito procurada no Estado, onde ela entra na composição de licores e chocolates, estimulando-os e aromatizando-os, essa planta viceja, exuberantemente nos pântanos do Guaporé. Aí, numa extensão de muitas léguas, onde se cansa de vêr águas por todos os lados, e buritis aos milhões, se vê essa parasita, trepando pelos buritis, a 20, 30 ou 40 metros de altura, e procurando a luz do sol para dar-lhe vida. Se bem que viajássemos pelo Guaporé em tempo muito impróprio para a colheita, apanhamos, todavia, algumas bagens temporãs de 0,m2 de comprimento a 0,m03 de largura.

“Nos meses de Abril ou Maio, uma viagem pelo rio dará belissimos resultados a quem a empreender e não se arrecear dos pantanos e mosquitos.”

\*

Pontes e Lacerda, é o nome da estação telegráfica instalada, ha trinta anos, pela Comis-

são Rondon, na antiga Ponte Velha, no alto Guaporé. É uma aldeia de uma dúzia de ranchos, á margem esquerda do Guaporé. O rio tem, aqui, a largura de 31 metros. Uma ponte de madeira, construída pela Comissão Rondon, bem conservada, se encontra na saída para Vila Bela. A Linha Telegráfica corta aqui o Guaporé.

Nos tempos do Império, houve em Ponte Velha um destacamento do Exército. A primitiva ponte velha data dos tempos coloniais e e foi incendiada pelos índios. Em 1845, Castelnau, em viagem para a antiga capital de Mato-Grosso, ainda a encontra intacta, detendo-se nela para traduzir em seu jornal a profunda impressão que lhe faz a natureza do alto Guaporé, num melancólico fim de jornada.

Até hoje persistem as denominações de Guaporé e Destacamento, concorrendo com a da estação.

Quando se inaugurou a estação de Pontes e Lacerda, não havia no Guaporé outros moradores, além dos guardas e do encarregado. Durante onze anos, a estação esteve isolada, em

vista da falta de segurança criada pelos frequentes assaltos de índios. Em 1925, foi reaberta e até hoje funciona como posto telefônico. Em 1928, vieram para o Guaporé dois auxiliares de guarda-fio com suas famílias. Vieram mais tarde outros moradores e surgiu a aldeia.

Os primeiros moradores de Pontes e Lacerda, desde o restabelecimento da estação, foram os bolivianos Carmelo e Santos Pönhé; Emiliano, Diogo e Angelo Hurtado. Eram desertores. Finda a guerra do Chaco, voltaram para a Bolívia.

São, atualmente, 54 os habitantes da aldeia: 25 homens e 29 mulheres, incluídas as crianças. O mais velho tem 64 anos. São cerca de 12 famílias. A mais numerosa destas tem 7 pessoas. Ha uma de bolivianos. Os moradores que não são serventuários do Telégrafo vivem da lavoura e da poaia. O feijão, o milho, o arroz e a farinha de mandioca que produzem são consumidos no lugar ou, em parte, vendidos a negociantes de Vila Bela.

Ainda se encontram abandonados, no Guaporé, dois eixos com rodas, que foram do locomovel Fowler trazido pelo industrial Balbino Antunes Maciel, em 1906.

Havia, na Ponte Velha (Pontes e Lacerda) um armazem e uma oficina do mesmo industrial. O locomovel fez diversas viagens, com quatro vagões entre o Guaporé e o Jaurú (Porto Esperidião), conduzindo borracha do Guaporé e mercadorias de volta. Andava pelo campo e, nas chapadas, desenvolvia mais de 15 km. á hora.

O locomovel tambem era utilizado na serraria do Guaporé e na condução de madeira da Mata do Gama ao porto.

Com a desvalorização da borracha, a empresa de Balbino Maciel entrou em decadência. O material Fowler foi abandonado e o tráfego suspenso. A máquina foi aproveitada numa lancha construida no estaleiro da Cachoeira. Os vagões ficaram, uns, na Cachoeira, outros, no Salitre; outros foram queimados pelos índios, no Guaporé.

Seguimos pelo picadão da linha telegráfica de Pontes e Lacerda para Vila Bela. Bom caminho para cargueiros. Nos bons tempos do Guaporé, foi estrada carreteira. Todo comércio era feito em carros de bois, entre aquelas localidades, quando o locomovel trafegava entre o Guaporé e o Salitre. Ha pouco tempo ainda um carro se aventurou até Pontes e Lacerda, vindo de Vila Bela. Hoje, porém, só ha trânsito de cavaleiros e cargueiros; e, para esse trânsito, a estrada é excelente.

\*

Corixo do Cataque, a uma légua do Guaporé. Corixo do Barreiro, a meia légua do primeiro. Morro da Borda e Morro do Cágado, a oeste, uns duzentos metros de altura. Passa entre estes morros o Guaporé.

Carne de Vaça. Um tapirí de poaieiro, em plena picada da Linha Telegráfica. Córrego da Poaia. Outro poaieiro. Dois ranchos de palha. Rêdes armadas. Uma cozinha. Os poaieiros estavam na mata. Sobre um pedaço de lona, secava ao sol um montão de raizes.



Cabeceira do Aterrado. Estamos a tres léguas do Guaporé. Baixada do Morro. Quarta légua de nossa marcha de hoje. A água potavel se vai tornando difficil. Nossos homens foram busca-la na Borda da Mata, a um quarto de légua, mata a dentro, num buritizal — água de brejo, mas muito limpa e fresca. Começamos a subir o Morro da Borda da Mata, por uma bocaina que nos conduz á Estiva Velha. Avistamos do alto da primeira crista o paratudal de Vila Bela.

\*

Terra vermelha. Pedras de amolar (silex). Abundância de pedras brancas estriadas (arenito silicoso). Depois da Borda da Mata, entramos na zona do pantanal do Guaporé. Estes campos se estendem entre o Guaporé e o Sararé. Divisamos, no horizonte, a Serra de Ricardo Franco — extensa e imponente massa azul, a oeste; a Serra das Conchas, ao sul; a sueste, muito próximos, os morros do Cágado e da Borda da Mata, que transpuzemos. Ao sul de nossa estrada fica a Lagôa da Aranha.

\*

Cerrados. As matas procuram os rios. C uassai, a carnaíba, a guariroba aparecem no campo. A mulateira (guaretã) ainda se conta entre as lixeiras e o paratudo. Mangavais.

\*

Estes campos, entre o Guaporé e o Sararé são cobertos de lagôas e de ricas pastagens que lhes merecem a reputação de excelentes campos de criação, podendo rivalizar com os melhores do Estado.

Burití. Encantado. Coceira. São as mais importantes daquelas lagôas e se sucedem ao longo de nossa estrada. A Lagôa do Burití é perene. Encontramos um pouso na Lagôa da Coceira — um rancho de palha de aguassú, á beira da lagôa, a 7 léguas de Vila Bela.

A Lagôa da Coceira não é perene, como, aliás, a maior parte destas lagôas. Na sêca, são como vargens, cobertas de pastagens tenras. Agora, em Dezembro, a Lagôa da Coceira, vista de nosso pouso, ainda é um prado elíptico. Densa mata de aguassú borda a lagôa, a leste.

\*

**6 de Dezembro.** Continuamos nossa marcha, através de belíssimos campos que se estendem até os arredores de Vila Bela. Impressiona-nos a ausência do gado nestes campos. Os retiros -- em pequeno número -- ficam á margem do Guaporé.

Podemos distinguir melhor a Serra de Ricardo Franco, na nossa frente, a uns 40 quilómetros. E' a mesma Serra de Grão Pará, que figura em certos mapas. Fica entre o Guaporé e o Rio Verde, defronte de Vila Bela. Assim como a vemos, á distância, parece um planalto de bordas escarpadas de mil metros de altura.

\*

Villa Bela da Santissima Trindade (depois, cidade de Mato-Grosso) foi fundada, a 19 de Março de 1752, pelo Capitão-General António Rolim de Moura Tavares (mais tarde, Conde de Azambuja), no antigo Pouso Alegre, que bandeirantes de Cuiabá haviam estabelecido, á margem direita do Guaporé, em 1730.

Antes de traduzir aqui a desoladora impressão de Vila Bela de 1936, quizera reconstituir o fausto que a inditosa cidade conhecera,

nos tempos coloniais, quando merecia o nome, não somente pela natureza realmente bela, mas também pelo carinho que recebia de seus habitantes de alta linhagem, os quais não mediam sacrifícios em levar o conforto daqueles tempos, de par com a eficiência militar e administrativa até os confins ocidentais do Brasil. Seria, porém, fugir ao programa que norteia o presente trabalho. Demais, a desolação, que transparece em todas as páginas escritas em torno de Vila Bela, já é secular, como as mesmas ruínas da cidade. Ferida pelo abandono do mesmo Governo que a havia criado, Vila Bela começou a convalescer, no fim do século passado, graças às riquezas naturais, às suas matas, momentaneamente valorizadas. Mas, com a recaída da borracha, entrou em nova crise, que ainda se prolonga, apesar da poaia, único produto valorizado, que atualmente absorve quasi toda a atividade do Município.

Vila Bela ainda possui 60 casas, distribuídas por tres ruas estreitas e paralelas, dirigidas para o porto. Muitas casas ameaçam ruir sobre seus moradores. As demais são velhas, mal conservadas.

O antigo palácio dos Capitães-Generais, largo e espaçoso edifício, foi restaurado pela Comissão Rondon, para a instalação da estação telegráfica, que nele funciona desde 1907. É o melhor edifício da vila. A melhor casa de comércio está num prédio bem construído e conservado, do mesmo estilo que predomina na vila — o colonial.

Do quartel de Dragões, que defronta o palácio, na mesma praça, restam apenas vestígios, alguns pedaços de paredes de adobos, na face direita e na frente, sustentados por esteios de madeira, e alicerces de pedra-canga de uns 60 centímetros de altura. O interior foi invadido pelo mato. Encontram-se nele árvores frondosas de mais de 15 metros de altura. Um velho canhão de ferro fundido, semi-enterrado (sem reparo) jaz entre as ruínas do quartel.

Ao lado do quartel de Dragões havia outro edifício colonial — a Câmara. Restam vestígios, na mata que cobre o local. Em 1907, o General Rondon (então, Major) ainda pode encontrar o quartel em pé, embora mal conservado. Mas o edifício da Câmara já era, então, “um montão de entulho.”



da. Mas, ha dez anos, ainda era frequentada. A decadência se acentuou depois que foi destelhada. Na Matriz estão as cinzas do Capitão-General João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres.

Só a existência daquelas cinzas venerandas justificaria um movimento de interesse pela restauração daqueles monumentos, que não poderão desaparecer sem um protesto do sentimento de brasilidade de quem pode aquilatar, no Longínquo Oeste Brasileiro, o quanto deve a Nação aos geógrafos e administradores coloniais, que perlustraram estes Sertões. Vila Bela é um monumento de civilização brasileira que urge restaurar e manter a todo transe, como baluarte de brasilidade que é, nos confins do Ocidente.

\*

Vila Bela tem cerca de 300 habitantes. Raros de raça branca. Nenhum índio puro. Laboriosos e pacíficos, os Matogrossenses (assim se chamam) vivem da lavoura, da pecuária, em pequena escala, e, sobretudo, da poaia, cuja indústria ocupa quasi todos os braços e capitais

do Município, durante as safras, e cujo comércio ainda pôde dar algum alento á cidade. Povo tradicionalmente católico, o culto público é dirigido por leigos, que conservam as capelas. O ensino primário é muito difundido na população juvenil. Ha na cidade duas escolas públicas, uma para cada sexo.

“Tres anos depois de constituida, (1755) não tinha, entretanto, Vila Bela senão 500 e poucos habitantes; mas, se lhe escasseava ainda população, sobravam-lhe esperanças do mais risonho porvir, com a atenção que merecia do governo portugûes e do onipotente Marquez de Pombal. Apesar de tudo, difficil e penoso foi o seu crescimento, pois, em 1815 só contava 2.115 almas, sendo o total máximo, na época de maior florescimento, de 2.354. No ano de 1819, recebeu então o golpe mortal de que nunca mais se levantou, quando o nono e último Governador Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho propoz e, em 1820, conseguiu a transladação da capital para Cuiabá, muito embora a tivessem, com aquella rival, elevado á categoria de cidade, desde 17 de Setembro de 1818.”



Em 1845, a população de Vila Bela não passava de 1.000 almas. “Nos tempos de prosperidade, informa Castelnau, que a visitou naquele ano, havia na cidade 1.200 escravos e mais de 800 homens de tropa.”

“Em 1876, (informa o Tenente Coronel João de Oliveira Melo ao Visconde de Taunay), orçava a população de Vila Bela em pouco mais de 800 habitantes, todos eles de côr preta e côr tão dominante que as pessoas que não o eram mereciam contagem á parte, formando o diminuto total de quatorze e destas só duas reconhecidamente brancas.”

Em 1818, a população total da Capitania era de 27.947 habitantes dos quais 7.435 no distrito do Norte (Mato-Grosso) e 19.830 no do Sul (Cuiabá) “além da guarnição da tropa paga.”

\*

Vila Bela tem somente um logradouro — o porto — e esse bem merece o pincel de um paisagista. O Guaporé tem pouco menos de cem metros de largo, defronte da cidade, entre duas voltas graciosas. A' margem esquerda, a mata não tem solução de continuidade. A'

margem direita, entre a cidade e o rio, vem sair por um pequeno sangradouro a Baía de Juquiá, como um fosso natural do forte São Pedro.

Este cenário pinturesco estava destinado a servir de túmulo a um pintor. Amado Adriano Taunay, exímio nadador, no entusiasmo de seus 24 anos, a 5 de Janeiro de 1828, mergulhou no Guaporé para não mais sair com vida de suas águas negras e impetuosas. E o pintor-poeta que atravessara um oceano e um continente para encontrar a morte, quando a vida começava, jaz em meio a um laranjal, sob as ruínas da igreja de Santo Antonio, no mesmo porto em que pela última vez contemplou a Natureza — a namorada eterna dos artistas de sua estirpe.

\*

Defronte de Vila Bela, á margem esquerda do Guaporé, ergue-se a Serra de Ricardo Franco, do lado do poente. Azulada pelas névoas da manhã, de um verde intenso á tarde, a serra sozinha justifica os nomes de Pouso Alegre e Vila Bela que, sucessivamente, se deram a esta paragem do Guaporé.

A Serra de Ricardo Franco ainda encerra mistérios, para o povo de Vila Bela. A Comissão de Limites com a Bolívia, que operou nas cabeceiras do Rio Verde, em 1909, atravessou-a com uma tropa de jumentos. Um morador, Antão Abade, mudou-se para o vale, em consequência das perseguições que sofreu dos índios da Serra. Todo ano aparecem fogueiras na Serra, sem que ninguém saiba quem as ateia, porque civilizados lá não sobem. Um dos caminhos da Serra começa no porto de Manoel Caetano, á margem esquerda do Guaporé, e vai até a fralda. Dali por diante ha picadas que somente os práticos conhecem — o Gregório de Campos, o Hilário do Carmo, o Hildebrando de Camargo. Outro caminho começa no porto do Jatobá. Ha ainda outras entradas para a Serra, do lado do Rio Verde. Mas a Serra continua despovoada e temida.

O Rio Verde tem um só morador, a uma légua da foz no Guaporé. E' um brasileiro — José Raimundo. Nenhum outro se encontra até as cabeceiras. A zona boliviana limítrofe é deserta nesse vale.

Cerca de 15 léguas ao norte de Vila Bela, floresceu, outrora, uma vila de mineiros — São Vicente — hoje despovoada.

São Vicente teve um destacamento do Exército e, graças a suas minas de ouro, ao tempo da escravatura, desfrutou anos de prosperidade. Depois da retirada da pequena guarnição, os insultos de índios produziram o desânimo na população, reduzida á penúria pela cessação da pequena indústria do ouro. Ainda vivem, em Vila Bela, alguns dos antigos moradores de São Vicente: Firmino de Freitas, a Senhora Gertrudes Francisca da Silva e seus filhos.

São Vicente é, hoje, um taperão. Não tem mais casas arruadas; apenas vestígios de edificações — alicerces, alguns panos de paredes de terra socada e muros de pedra-canga.

\*

São cerca de vinte os sítios ribeirinhos do Guaporé, do Alegre e do Barbados, nos limites do Município de Mato-Grosso. Acima de Vila Bela fica a Pedreira, um quilómetro abaixo da boca do Alegre, á margem esquerda. São

diversos moradores. Uns doze ranchos, um engenho de madeira. Fabrico de cachaça e rapadura.

No Rio Alegre, á margem esquerda — Dona Maria, junto ao Ribeirão Cunha Pontes. Foi um grande estabelecimento. Hoje tem seis ranchos. Pequena lavoura. Fica a meia légua da boca do Alegre.

Passagem, á margem esquerda, tres quartos de légua acima do anterior.

Bastos, á margem direita. Campos, pastagens. Tres famílias. Lavoura e criação. Foi tambem uma grande fazenda. Fica meia légua acima de Passagem.

Chapéu de Sol, sitio central, na estrada de Casalvasco, a tres léguas de Bastos.

Areão. Morador novo, a uma légua de Chapéu de Sol. Está no campo.

Morcego, no Alegre, á margem esquerda, a tres léguas de Bastos. Seis moradores.

Joaquina Gomes, á margem esquerda do Alegre, meia légua acima de Morcego. Dois moradores.

Porto Esperança, no Rio Barbados, á margem direita, nos campos de Casalvasco. Tres moradores.

Barranco Alto e Piuva. Sítios abandonados, entre Porto Esperança e Casalvasco.

Fazendinha, á margem esquerda do Alto Guaporé, a duas léguas da boca do Alegre. E' uma tapera.

Tamarineiro, á margem esquerda do Rio Barbados, duas léguas acima de Casalvasco.

No Guaporé, a jusante de Vila Bela, encontram-se:

Manoel Caetano, a um quarto de légua. Tres moradores. Pequena lavoura, á margem esquerda.

Monjolo, um pouco abaixo de Manoel Caetano. Abandonado.

Barranco Alto, a uma légua de Monjolo. Abandonado.

Carlos Augusto, á margem esquerda, a uma légua de Barranco Alto. Tres moradores.

Aguassú, á margem direita, a meia légua de Barranco Alto. Abandonado.

Jatobá, sítio central, á margem esquerda, cerca de quatro quilómetros da beira do rio. Dois moradores.

Porto Carvalho, á margem esquerda, duas léguas abaixo de Aguassú. E' o último morador do Município de Mato-Grosso, no Guaporé. Desde Porto Carvalho até a boca do Mequens, o Guaporé é despovoado.

Orça por duas centenas de almas a população ribeirinha do Guaporé, do Alegre e do Barbados, excluída a Vila. Avaliamos em 1.000 habitantes a população do Município de Mato-Grosso.

\*

O Rio Sararé, afluente do Guaporé pela margem direita, desce do Planalto dos Paricís e desemboca cerca de 25 quilómetros abaixo de Vila Bela, com menos de cem quilómetros de curso.

Rico de poaia, o Sararé é frequentado, nas safras, pelos poaieiros de Vila Bela. Teve moradores, em tempos remotos. Apesar de suas terras excelentes para lavoura, o Sararé está, hoje, despovoado. Índios do Planalto

dos Paricís, durante a sêca, descem ao vale do Sararé para caçar e pescar.

\*

Não ha estrangeiros, em Vila Bela. Os Matogrossenses dizem, fazendo espírito, que “não ha **pintado** que se agunte em Vila Bela”. Pintados são, em geral, os brancos e os forasteiros. Contudo, aparecem de vez em quando, em Vila Bela, famílias bolivianas da Fronteira a procura de trabalho. Mas estes adventícios não se misturam com a população. Mantêm-se retraidos, limitando a convivência á sua pequena colônia e ao comércio com os patrões.

\*

Não estão demarcados os limites do Município de Mato-Grosso. Devem compreender, porém, as terras da bacia do Guaporé. Estende-se, pois, entre a Serra de Santa Bárbara, a léste, e a fronteira, a oeste.

Na estrada da Fronteira, ao sul, a divisa é considerada na pequena povoação de Fortaleza, próximo a Ascención, na Bolívia. Descendo o Guaporé, findam as terras do Município em



Mequens, estabelecimento industrial, na foz do rio do mesmo nome. Na Linha Telegráfica, na Estiva Nova. Ao norte, o limite com o Município de Guajará-Mirim é o referido rio Mequens, afluente do Guaporé pela margem direita. A léste, o Município limítrofe é São Luiz de Cáceres.

A burocracia, em Vila Bela, está reduzida a um mínimo que excede de muito ao que se idealiza, em geral, para nossa administração pública, quanto á simplicidade. O prefeito acumula as funções de encarregado da estação telegráfica. A prefeitura é uma das casas que ameaçam ruir, na cidade. Não ha coletorias, em Vila Bela. Um juiz substituto, um adjunto de promotor, um sub-delegado. Nada de repartições, nem destacamento de Polícia. Um chefe político — o Sr. Julião de Brito — moço comerciante e industrial da cidade, o mais importante, senão o único, coordena a burocracia e a vida política do Município, acatado por todos. A oposição local emigrou com seu chefe, após o desfecho de um movimento armado, conhecido como a “Revolta do Julião”, que abalou as ruínas de Vila Bela, em 1930. A receita

municipal foi orçada, para o exercício de 1937, em quinze contos de reis. O subsídio do prefeito é de 200\$000 mensais.

\*

A “Revolta do Julião” foi uma questão doméstica que tomou carater político, graças á posição dos contendores — sogro e genro — apaixonando a população.

Ainda se comentam ao vivo, em Vila Bela, os episódios mais importantes: a fuga do delegado de Polícia, bandeirante forçado, através das agrestias da Serra dos Paricís, rumo a Aldeia Queimada; a resistência á Força Pública que foi dominar a revolta, após uma marcha de 600 quilómetros de Cuiabá a Vila Bela; resistência que culminou num tiro de canhão rebelde — saraivada de pedras atirada por velho canhão colonial de ante-carga emudecido, havia mais de século, no forte de São Pedro; ruído processo de Julião, em São Luiz de Cáceres, preso e denunciado como responsável pela morte de um policial durante a revolta. A prova do crime é um chapéu de campanha, que teria sido encontrado sobre a sepultura da

vítima, após alguns meses de pesquisas policiais, não obstante o aspecto **novo em folha do feltro verde-oliva**.

Julião desenvolve na revolta seus conhecimentos militares de reservista do Forte de Coimbra — título de que se ufana — e sai incólume, com seus amigos, desde os primeiros tiros que lhe disparam á traição, em plena vila, até a retirada rio abaixo da flotilha de batelões em que abandonou a resistência do porto.

A “Revolta do Julião” — Canudos incruento — ficará nos fastos de Vila Bela como uma demonstração de altivez de seu povo, ante a prevaricação de mandatários da Autoridade e da Lei, e de incompreensão gerada pela distância, entre o Estado e seu longínquo e desprezado Município — filho desherdado da Família Matogrossense, servidor reformado sem soldo e sem asilo, após longos anos de serviços á Pátria.

\*

O engenheiro explorador do Guaporé, Dr. Esperidião Marques, deixou estas notas a respeito da navegabilidade daquele rio:

“Fôra explorado o Rio Guaporé pela primeira vez pela comissão de limites para ali mandada pelas côrtes de Portugal e Espanha, no século 18. E pretendendo os Srs. Maciel & Cia., ha sete anos atrás (1898), navega-lo a vapor, tive de, com esse interesse, estudá-lo, e, em relatório que publiquei em 1899, julgando-o adaptavel á navegação por lanchas a vapor, eu dizia sobre o alto Guaporé — “póde-se dividir esta extensão em duas seções: seção de margem alta ou terras firmes e seção de margens alagadas ou pantanosas, que é a maior. Ali o rio é sempre mais largo, menos profundo e menos obstruido; aqui muito fundo, menos largo e muito sinuoso.

“Não ha, porém, em todo trecho explorado uma só cachoeira ou pedra que estorve a navegação. Ha sim necessidade de muita limpeza, já no leito do rio, já nas margens”

“Não me havia enganado. Em 1900, subia da cachoeira Guajará-Mirim a lancha a vapor “Guaporé” daqueles industriais, cabendo-lhes assim a honra de trazer pela primeira vez áquella velha cidade, outrora tão cheia de fausto e grandeza, o vapor que, se existisse naqueles

remotos tempos, teria conservado a sua importância, atentas as riquezas naturais do vale deste famoso rio.

“Tinha assim começado a navegação a vapor e, hoje, que acabo de percorrer novamente o rio em batelão (1906), continuo a afirmar que, a não ser nos meses de Agosto, Setembro e Outubro, ele é perfeitamente navegável por lanchas a vapor que calem até quatro palmos. Nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, em que as águas crescem sobre as mínimas até a altura de dez metros, o rio pôde ser sulcado por vapores de dimensões bem consideráveis, pois, sua largura vai de cem a quatrocentos metros e, talvez um pouco mais”.

Atualmente, ha navegação regular a vapor, no Guaporé, entre Vila Bela e Guajará-Mirim. O industrial Paulo Saldanha, concessionário, obriga-se a fazer uma viagem por mês, entre aqueles portos.

A linha Guajará-Mirim — Vila Bela é feita, no inverno, por pequenas lanchas a vapor e, no verão, por motores a gazolina. A lancha “Horta Barbosa”, uma das que fazem a referida linha, reboca duas chatas, que oferecem algum

conforto. A data de chegada a Vila Bela não é fixa. Às primeiras sextas-feiras, todos os meses, parte a lancha de Guajará-Mirim. Leva 14 dias de subida, até Vila Bela, e 8 a 10 dias de descida, até o porto inicial da carreira. O preço da passagem de 1.<sup>a</sup> classe é de 255\$000. A empresa não tem agente nem representante em Vila Bela. O contrato, que é feito com o Governo Federal, só se refere á seção do Guaporé compreendida entre os dois portos de Vila Bela e Guajará-Mirim.

No alto Guaporé (acima de Vila Bela) já houve tráfego de lanchas que subiam o rio para levar borracha, até o porto da Ponte Velha.

Esta navegação de lanchas com reboque, bem como o tráfego de pranchas a zinga, se manteve no alto Guaporé até 1908. Hoje o rio carece de limpeza. Acima de Vila Bela, não é navegado senão por batelões que demandam o Alegre.

Depois da primeira volta, acima da cidade, o rio tem 50 a 60 metros de largura. O Guaporé é muito correntoso e de águas negras.

A última viagem de lancha que se fez entre Vila Bela e Pontes e Lacerda foi em 1919,

na estação da sêca. Fez-se em boas condições. O canal é profundo, mesmo na sêca. O embaraço á navegação provem da falta de limpeza do leito (camalotes, buritis caídos, etc.).

\*

Apesar da facilidade do transporte fluvial, que o Guaporé oferece na direção do Madeira, a exportação de poaia e pèles silvestres do Município de Mato-Grosso é feita por terra em dorso de animais, para São Luiz de Cáceres, porque os preços de Guajará-Mirim são inferiores aos daquela praça. Assim, as lanchas que fazem a linha do Guaporé trazem mercadorias para Vila Bela, mas não levam quasi nada para baixo.

A extração do ouro, como indústria, está inteiramente abandonada, no Município de Mato-Grosso. Dos outros metais tambem ninguém cogita. Cessou ha muito a mineração em Mato-Grosso. As minas de São Vicente, bem como as que se encontram em suas imediações — Pilar, Ouro Fino, Sant'Ana e Pancas — foram escavadas ao tempo da escravatura. Em São Vicente, as escavações chegaram a seis

metros de profundidade. Nas demais não passaram de dois metros.

Em 1932, um italiano esteve minerando clandestinamente, na região de São Vicente. Teria sido impedido de prosseguir pelo Governo do Estado.

Ha, no Município, pequenas culturas de algodão. A fibra de tucum, posto que abundante a palmeira, não é aproveitada no fabrico de rêdes, indústria doméstica tão comum na Amazônia.

As rêdes, em Vila Bela, são feitas de algodão fiado a mão.

O café existe e é colhido em velhos cafezais, (cafetais, segundo a expressão mato-grossense), no Guaporé, para consumo local. Todavia, não ha cultura de café, em Vila Bela, como não ha importação nem exportação da rubiácea, no Município.

A erva-mate se encontra nativa, nas fraldas da Serra de Ricardo Franco. Mas não ha indústria nem consumo de mate, em Vila Bela.

Consome-se, no Município, azeite de aguassú feito em casa.



A indústria da goma elástica está totalmente paralizada, no Município de Mato-Grosso, apesar de serem os seringais do Guaporé uma de suas maiores riquezas naturais. Presentemente, essa indústria, está limitada ao curso inferior daquele rio. Na foz do Mequens, limite do Município, ha um estabelecimento para extração de seringa e poaia, pertencente a um industrial de Guajará-Mirim.

A poaia é a principal indústria (senão a única) do Município de Mato-Grosso. No segundo semestre de 1936, foram exportados de Vila Bela para Cáceres mais de quinhentos quilos de raizes.

A baunilha, a copaíba, a salsaparrilha, o tocarí (castanha do Pará), posto que abundantes no Guaporé, não são objeto de exploração industrial.

Em 1906, quando a indústria da goma elastica do Guaporé estava no seu apogeu, a exportação desse produto excedeu a 105 toneladas. Só uma das empresas — Cueller & Mansilla— exportou, naquele ano, perto de 3.000 arrobas.

“Foi atendendo a esse desenvolvimento da exportação da goma elástica, disse o Dr. Esperidião, que a Bolívia, que infelizmente nos vai levando vantagem, acaba de criar (1906) uma alfândega no barracão do Cafetal, transformado logo em Vila de São Simão, pouco abaixo do Rio Paragaí — a Aduana Nacional del Itenez”.

## V

### ÍNDIOS DO ALTO GUAPORÉ

No vale do Guaporé, propriamente, não vive nenhuma tribo ou agrupamento indígena fixado em aldeia. Os grupos que frequentam o vale, durante a estação da sêca, em excursões venatórias, têm seus aldeamentos no Planalto dos Paricís e nos afluentes do médio Guaporé, longe do contacto dos civilizados, com os quais vivem em luta.

\*

Presume-se que pertençam á nação Nhambiquara os grupos que fazem incursões em Vila Bela, no alto Guaporé e na Linha Telegráfica. Os empregados do Telégrafo, que os têm visto, notam sempre os tipos e as característica daquella nação: longas cabeleiras, pele clara. De-

mais, os Paricís, que pela vizinhança poderiam ser suspeitos, são conhecidos pela docilidade.

São, aliás, os Cabixís os seculares inimigos dos habitantes de Vila Bela. Pertencem aqueles índios ao ramo ocidental da nação Nhambiquara. Antônio Pires de Campos, o bandeirante descobridor do Planalto dos Paricís, em 1723, já se referia aos “índios Caviis, moradores nos vales dos rios que correm para o Setentrião”. E o Prof. Roquette-Pinto acrescenta: “Parece-nos fóra de dúvida que tais Caviis sejam os Kabixís, que se podem identificar a um certo grupo de índios da Serra do Norte (Nambiquara — Uáindzü ou Uáintaçú), que desce pelo vale do Guaporé até á antiga Vila Bela (Mato-Grosso), de onde jamais se aproxima senão de animo hostil. A identificação que as notas de Rondon já haviam tornado mui plausível, foi depois confirmada pela comparação do material etnográfico procedente das duas origens”. (Rondônia — 3.<sup>a</sup> edição — pag. 29).

\*

Contudo, o grupo mais ocidental da nação Paricí — os Cozárinis — é também conheci-

do entre os seus pelo nome de Cabixís, que lhe atribuem em sentido pejorativo, o que vem justificar que os Matogrossenses estendam suas suspeitas áquela nação do Planalto.

“Os Kokozús chamam aos do grupo sudoeste: Uaintaçu; os Anunzês os denominam Uáindzê.

“São esses Uaintaçu ou Uáindezê os mesmos que, nas vizinhanças de Mato-Grosso, no Guaporé, recebem o nome de Kabixís, denominação que, por outro lado, tem sido aplicada pelos Paricís, como título pejorativo, a certo grupo de sua mesma tribo: o dos Kozárinís”. (Rondônia — 3.<sup>a</sup> edição — pag. 215).

São também tidos como Cabixís os índios do Rio Verde e da Serra de Ricardo Franco, até hoje arredios e hostis aos civilizados do Guaporé.

\*

Dois grupos Nhambiquaras são particularmente suspeitos, para a população do alto Guaporé: os Mamaindês e os Chabanês.

Os Mamaindês vivem no vale do Cabixís, cerca de 200 quilómetros ao norte de Vila Bela.

São até hoje temidos pelos civilizados. Os Chabanês são habitantes dos campos de Vilhena, donde mana o Rio Cabixís. São doces. Os dois grupos falam a mesma língua e têm tipos e costumes idênticos — morenos claros, altos; nariz, orelhas e lábios furados; uma pena ou pedaço de taquara atravessado no nariz; conchas dependuradas nas orelhas, como brincos. Mas hostilizam-se mutuamente. São inimigos tradicionais.

Assim, resumimos a notícia destes índios, vertida por habitantes de Vila Bela e guardas do Telégrafo, que com eles se avêm todos os anos.

\*

Em 1934, cerca de 20 índios de tribo desconhecida apareceram inopinadamente na estação Pontes e Lacerda, no alto Guaporé, ao entardecer. Tentaram atravessar a ponte. Um guarda-fio que, se banhava no porto, vendo-se ameaçado de envolvimento pelo grupo mais ousado, que já estava na margem esquerda, tomou do rifle e disparou toda a carga contra os índios. Dispersaram-se estes, ainda mais surpresos que o guarda, e desapareceram na mata,

correndo com grande alarido. Não ficou nenhum no local.

Em 1936, os índios reapareceram em Vila Bela e no Parí, a meia légua da vila. No dia 15 de Novembro, pouco depois do meio dia, á hora da sésta, um grupo que se presume Nhambiquara se aproximou da vila, chegando pelo lado que a envolve até a praça da estação telegráfica, deserta áquela hora, tendo flechado uma vaca, defronte da estação. Foi grande o sobressalto da população, quando circulou a notícia da visita indesejavel que, naquela data, não deixava de ter seu lado cívico.

A 27 do mesmo Novembro, moradores da vila foram atacados na roça, no Parí, e flechados dois cães. No outro dia, novo ataque se dá no mangaval, ainda mais perto da vila.

\*

3 de Dezembro. Entramos no mangaval da Estiva Nova. Logo ao descer para o vale da Estiva, apeiamos, apesar da pressa que tinhamos de chegar ao nosso ponto de almoço. Colhemos facilmente, no chão, duas dúzias de

mangavas maduras. Assim, quasi ao meio dia, mitigaram-nos a fome e a sêde.

— Gente de Mato-Grosso não deixa arma no chão, quando está apanhando mangava; porque eles (os índios) de uma hora para outra estão aí, — disse-me o guarda Pagéu, impressionado com a minha despreocupaçào de defesa.

As apreensões do velho guarda-fio redobram agora no mangaval. Sempre de rifle á mão, Pagéu investiga o cerrado, com olhos argutos de nortista, esperando que surja a qualquer momento a “indiada” com que já se houve uma vez no Guaporé. Minha calma tranquiliza-o um pouco.

— Os Matogrossenses e os Nhambiquaras deviam aproveitar o tempo das mangavas para se confraternizarem, sob a árvore da fartura, que uns e outros procuram com tanta avidez.

O guarda recebeu minha idéia com pessimismo. Não acreditava naquella conciliação sob mangaveiras e, com o silêncio, respondeu que ainda por muito tempo, naquelles Sertões, estariam os rifles opostos ás flechas (ás taquaras, segundo a expressào dos Matogrossenses).



Na Estiva Velha, cerca das 15 horas, quando conversávamos com os guardas a respeito de plantas medicinais, ouvimos gritos humanos prolongados, que partiam do interior do cerrado, como de um vigia que avisasse, boca-aberta abaixo, nossa aproximação. Os guardas ficaram ainda mais apreensivos. Conhecendo melhor estes Sertões, eles sabem do perigo que é para os viajantes o aparecimento de índios na estrada. Contudo, viajamos ainda hora e meia sem que nada mais ocorresse de anormal.

\*

Em Novembro (1936), apareceu em pleno dia, na estação de Pontes e Lacerda, numeroso grupo de índios, que orçava por uns cem, inteiramente nus, cabelos compridos, caídos nas costas e aparados na testa. Tentaram atravessar a ponte; mas, pressentidos pelos habitantes da aldeia, voltaram para o mato. O guarda Manoel Rodrigues, que já convivera com os Nhambiquaras de Vilhena, tentou entabular conversação com os visitantes de Pontes e Lacerda, chamando-os pelo tratamento nhambi-

quara: Nenêm! Nenêm! (amigo). Não foi atendido.

\*

**4 de Dezembro.** Notamos, na Pedra Branca, rastros frescos de índios em nosso caminho. Os guardas apeiaram para examinar as pegadas, prevenidos, como na iminência de um combate. Não chegaram a um entendimento quanto á direção que teriam tomado nossos invisíveis “adversários” — os Nhambiquaras. Estavamos noutra mangaval. Portanto, todas as precauções eram aconselhadas pelo bom guarda Pageú, grande conhecedor da região, onde serve ha 16 anos. Pudemos, comtudo, chegar incólumes ao nosso pouso ,sem encontrar, sequer, outros indícios de aproximação da horda de mangaveiros.

Os índios, com renovados ataques á estação telegráfica de Pontes e Lacerda, acabaram por expulsar de lá o pessoal do Telégrafo, deixando a casa da estação danificada. Durante onze anos, a estação esteve isolada, por falta de segurança do pessoal.

Cerca de dois anos depois do restabelecimento da estação, a 29 de Outubro de 1927, fi-

zeram novo ataque. Surpreenderam, na roça, a família do encarregado, ferindo mortalmente a senhora. Até aquele ano, havia na estação somente o encarregado e dois guardas.

Na estação de Pontes e Lacerda vive-se em "estado de guerra". Os homens não se afastam de casa cem metros sem o rifle. As mulheres não se aventuram sem escolta até o rio, que passa a uns tresentos metros da estação. Enquanto lavam roupa ou se banham, um homem monta guarda na ponte, vigiando o mato fronteiro ao porto, disposto a repelir qualquer insulto de índios. Contudo, ha anos que estes não se verificam. Ultimamente, os índios não têm atacado a aldeia do Guaporé, nem os viajantes e roceiros isolados que encontram. Limitam-se a aparecer. Quando fazem uso das flechas, visam animais domésticos. Os cães são quasi sempre as vítimas.

Ainda em Novembro de 1936, um guarda-fio de Pontes e Lacerda, ao voltar do banho, deu pela falta do cachimbo. Lembrando-se de que o havia deixado no porto, junto a um pé de umbú, mandou um menino busca-lo, reco-

mendando por pilhéria que andasse depressa, antes que os Nhambiquaras lh'o levassem.

Em chegando ao porto, o menino deparou com dois caboclos nús, postados junto á ponte, enquanto dois outros voltavam correndo do porto (tinham apanhado o cachimbo do guarda). Eram índios. Voltou apavorado e deu alarma na aldeia. Quando os guardas acorreram ao porto, já os índios se afastavam, na outra margem, mato a dentro. Ainda puderam vê-lhes as longas cabeleiras negras, caídas nas costas. Não se registrou nenhum incidente nesse dia. Os índios chegaram e se foram em paz, contentando-se com a pilhéria do cachimbo.

\*

Outro aparecimento recente de índios foi narrado por um roceiro de Pontes e Lacerda. Ia para sua roça, quando no caminho encontrou dois índios. Susteve os passos. Mas aquelles, percebendo a aproximação do velho roceiro correram e se ocultaram no mato. E o roceiro seguiu seu caminho.

\*

Os guardas que viajam conosco para Vila Bela não vêm índios há muito tempo, apesar de trabalharem na linha há mais de cinco anos. Um deles conta-nos que viu, em 1935, um grupo de vinte índios. Vinham pelo picadão, em direção oposta à dele. Quando o notaram fugiram, correndo para o mato, e desapareceram. Antes haviam danificado a linha em vários pontos. Eram claros e tinham longas cabeleiras.

Na estrada, entre o Guaporé e Vila Bela, tem sido maior a frequência de índios. Nessa região é que se têm verificado os últimos ataques. Atraídos pela abundância de caça e de peixes, na estação das águas, os índios frequentam as Lagôas do Burití e da Coceira, que são vizinhas de menos de légua. No começo das águas (Dezembro), são os mangavais destes campos que atraem os primitivos donos da terra.

\*

Poaieiros matogrossenses contam que viram, no Rio Galera, uma aldeia de Nhambi-quaras, cerca de seis léguas acima do porto do Espírito Santo. O Galera sai no Guaporé pela

margem direita, cerca de 60 quilómetros abaixo de Vila Bela. O porto do Espírito Santo fica a nove dias de batelão acima da foz do Galera.

\*

No Rio Novo, afluente do Galera pela margem direita, que desemboca a tres dias de batelão abaixo do porto do Espírito Santo, ha numerosa população indígena, compreendendo mais de dez malocas. São índios claros (bem alvos, segundo os poaieiros). Devem ser Nhambiquaras, porque dormem no chão. Têm os mesmos hábitos desta nação — a mesma casa alta, em fórmula de forno, a cama raspada no chão.

\*

Poaieiros de Vila Bela visitaram, em 1935, as malocas do Galera. Surprenderam os índios em seus afazeres domésticos. Tomaram precauções para não serem vistos e espalharam presentes na roça e nos arredores da taua. Dias depois, encontraram um montão de cera, na entrada do acampamento. Era a retribuição da visita.

Estes índios do Galera são tidos pelos poaieiros como trabalhadores. Têm roças extensas e bem cuidadas.

\*

Houve, no Galera, em 1928, um incidente entre índios e poaieiro, que pôde bem caracterizar a situação reinante naquelas matas. O poaieiro ia mata a dentro, preocupado, á procura de mel, quando foi surpreendido por um grupo de índios. Estacou desorientado, considerando-se perdido. Os índios riram, achando graça do espanto do poaieiro. Apesar disso, este perdeu a calma e disparou o rifle contra o grupo. Foi, então, flechado no pescoço. Foi este o último incidente entre índios e civilizado de que ha notícia, no Galera.

\*

Têm sido vistos, nas matas de poaia do Galera, índios de calças. Pensa-se, em Vila Bela, que sejam Paricís em excursão.

Um grupo desta nação esteve aldeiado, no posto indígena do Sararé, até 1925. Nesse tempo, dizem os Matogrossenses de Vila Bela, havia mais tranquilidade no povo. Desciam

para o posto do Sararé Paricís de cabeça baixa (bisonhos) e lá ficavam com os outros já adiantados.

— Eram frequentes os assaltos ás roças; mas sem vítimas. Os índios não atacavam. Os Paricís do posto faziam os furtos e atribuíam-nos aos Cabixís. Limpavam as roças e os ranchos, na ausência do dono, sem deixar nada.

\*

Houve outrora um posto indígena na Es-tiva Velha. Ainda se podem notar os vestígios das construções. Atualmente, porém, os índios que descem para o vale do alto Guaporé transitam mais entre Pontes e Lacerda e Vila Bela. Quando foi extinto o posto do Sararé e com ele a ação do Serviço, no alto Guaporé, já se projetava outro posto, nos campos da Coceira ou do Burití.

A supressão dos postos indígenas, especialmente do que durou mais — o do Sararé, deu lugar ao atual estado de coisas, que nada mais é senão o desentendimento entre civilizados e índios, criado pelo temor recíproco.



Como dissemos, nestes últimos anos, os selvícolas não têm atacado a estação do Guaporé. Apareceram lá; mas não flecham nem animais que encontram nos campos, como faziam antes. Parece mesmo que querem chegar á fala. Mas a estação não tem pessoal especializado no trato de índios, nem recursos para a catequese — brindes para espalhar pelos caminhos da Serra e por fim distribuir aos grupos mais solícitos.

Portanto, é indispensavel restabelecer os postos indígenas do Sararé e do Guaporé. Com a extensão da zona a atender, justificam-se mais dois postos: um, no Rio Galera; outro na Borda da Mata, (cerca de quatro quilómetros de Pontes e Lacerda, na estrada de Vila Bela). Assim, ficariam todos com boas terras e agua-da, para reunir as tribus erradias, fóra da zona de trânsito de civilizados, o que é vantajoso para uns e outros, logo para a ordem da região.

Ha, entre os poaieiros do Guaporé, homens que conhecem a vida do índio, naturais da mesma região, que poderiam fazer o serviço dos

postos de pacificação, desde que tivessem recurso e direção. Mora em Pontes e Lacerda um poaieiro, Gregório de Campos, que já viveu entre os Paricís. Estes frequentavam o sítio de Gregório, no Sararé, depois da extinção do posto daquele rio. Mais tarde, Gregório retribuiu a visita dos Paricís, vivendo algum tempo em suas aldeias.

Os guardas do Telégrafo poderão também prestar bons serviços nesta pacificação, por isso que, transitando frequentemente na zona, têm interesse em que os índios se acomodem o mais depressa possível.

\*

Quando havia o posto do Sararé (até 1925), um grupo de Paricís frequentava o comércio de Vila Bela. O chefe, João António, era um Paricí adiantado. Sabia escrever á máquina e cantar o Hino Nacional. Extinto o posto do Sararé, os Paricís de João António se retrairam mais e, desde 1932, deixaram de aparecer na Vila.

\*

Os índios do Planalto dos Paricís, nas suas excursões ao vale do Guaporé, raramente, passam do Alegre. Não ha notícia recente de índios nos Campos de Casalvasco. Ha mesmo caboclos nascidos naqueles campos, que nunca viram índios.

## VI

### CASALVASCO

**10 de Dezembro.** Partimos de Vila Bela, ás 7 horas. Fez-se a travessia do Guaporé no porto da Vila. Passamos os animais e o arreamento. Seguimos de batelão, com a carga, para a passagem do Bastos, que fica no Rio Alegre.

O Guaporé está com meia água. A largura do rio, no porto não chega a cem metros. Na boca do Alegre, que fica duas voltas acima da Vila, não tem mais de 80 metros. Nesta seção, a margem direita é de pantano e a esquerda de firme.

\*

Apesar de pertencer á Amazônia o Rio Guaporé, do ponto de vista físico, muitas expressões geográficas da Amazônia não são em-

pregadas aqui. Em vez de igapó, diz-se pantano. A expressão matupá (camalote) não é conhecida em Vila Bela.

\*

A vegetação das margens do alto Guaporé é densa e alta. Na margem mais baixa, nota-se um capinzal extenso, natural, conhecido no Pantanal como arrozal ou arroz de pato, porque solta uns cachos de arroz silvestre muito apreciado pelos patos selvagens. Também é conhecido por arroz de bugre. É em Abril que o arrozal amadurece.

O aguapé agora, em Dezembro, ainda está preso ao leito do rio, nos lugares rasos, em extensas faixas verde claro, á flôr d'água.

\*

Na primeira volta, depois do estirão da Vila, está o sítio da Pedreira, á margem esquerda. Duas casas de telha. Lavoura de cereais e cana de assucar. Um engenho de madeira. Fabrico de rapadura e cachaça. Doze ranchos. E' propriedade do Sr. Zeferino Cruz.

\*

Temos uma manhã fresca. Melhora o tempo. A neblina que nos importunava desde o amanhecer, cessou completamente, ás oito horas.

\*

Os Matogrossenses dizem **guapé**, em vez de aguapé. Ouvimos tambem pronunciar-se **Guapí** por Aguapeí e notamos um caso muito curioso de metátese nos hábitos da terra: Jaguará-Mirim em vez de Guajará-Mirim.

\*

Acima da Pedreira, entre este sítio e a boca do Alegre, que fica na volta imediata, o leito do Guaporé é tomado, nos baixios, por mais da metade de vegetação aquática. O canal livre é estreito. Não tem mais de 25 metros. A erva de bicho cobre estes baixios de mistura com o arroz.

A erva de bicho se encontra nos pantanos. Tem propriedades medicinais. E' empregada em banhos e chá (infusão), nos casos de **corrução**.

\*

Deixamos o Guaporé e entramos no Alegre, ainda com o sítio da Pedreira á vista. Estreito e correntoso, o Alegre está com o canal navegavel muito reduzido pela vegetação e pelas trancas de paus caídos. Nosso batelão vai bem; mas já não poderia fazer meia volta em qualquer ponto. A profundidade do rio não passa de um metro.

Passaram por nosso batelão dois grandes pintados, bem visiveis, graças á pequena profundidade das águas. Os poaieiros são os únicos passaros que se ouvem distintamente, nestas matas do Alegre. Os sabiás são mais raros. O martim-pescador, cinza escuro de coleira branca, vive no sarã das margens. Um pavão preto atravessou o rio, em vôo rápido. Este pássaro é mais conhecido, aqui, como **pássaro-boi**. Tem o porte de uma marreca. Berra como o boi, enchendo de ar o papo e o esvaziando. Domestica-se facilmente.

Outro pavão da Amazônia, que tambem se encontra aqui, é o carijó. Este abre a cauda e estoura como os pavões e perús. Não passa do tamanho de uma perdiz.

Catingueiro é uma ave marron, tamanho de um jacú. E' a mesma cigana. Tem uns esporões sob as azas. Não é perseguido pelos caçadores do Alegre. Ninguem lhes dá importância. Vimos tres bem tranquilos, pousados á beira do rio.

O socó-boi tambem é visto nestas matas.

Outro peixe de grande porte passou por nós — o pirarara. Este peixe é liso, sarapintado. E' maior que o pintado.

Patos selvagens, muito ariscos. Catingueiros aos casais, de distância em distância. São bem pomposas as plumagens, embora predomine o marron.

O baguarí é muito raro, neste rios. A japuira tambem dependura no sarã seus ninhos compridos, reunidos ás dúzia na mesma árvore.

Anhumas. Estão sempre aos casais. Voam gritando — gritos estridentes que lembram a araponga.

\*

A canela é a madeira mas abundante do Alegre. O guanandí, de que se fazem cascos de batelão; o pau de leite tambem fazem vulto



nestas matas. Acaiás (cajazeiros), ha alguns frondosos á beira do rio. O paratudo, a sucupira tambem são abundantes aqui.

\*

Entramos numa baía á margem esquerda do Alegre, para chegar ao sítio de Dona Maria, onde compramos farinha de mandioca. A baía está tomada por um capinzal denso, na boca. O antigo sítio tem agora tres moradores. Vimos o primeiro — quatro ranchos, num terreno elevado da margem esquerda. Havia neste sítio um casarão de telha, com varandas, uma capela e outros edifícios. Ha uns vinte anos, tudo entrou em ruinas. D. Maria, a primeira proprietária, já desapareceu, ha um século. Em seu tempo havia neste sítio numerosa escravatura.

Acima da baía de Dona Maria fica a do Dragão, cerca de uma légua da primeira, com a taçera de um sítio do mesmo nome.

\*

Alcançamos ás onze horas a Passagem do Bastos. Ha outra passagem mais acima. No

porto, dois moradores, á margem esquerda: Mamede e Egidio Amaro.

Porto do Bastos, á margem esquerda. Meia hora depois da Passagem.

Deixamos, no porto do Bastos, o batelão que nos trouxe e, com ele, os amigos que gentilmente nos acompanharam desde Vila Bela, estendendo tão longe a hospitalidade do povo Matogrossense: delegado Anselmo Marques, Sr. Manoel Satiro Coelho, guardas-fio Colombo e Casemiro e remeiros Joaquim Hipólito, Inocência Gomes e Ricardo Ramos.

Chegaram nossos animais, tendo feito em boas condições o trajeto terrestre de Vila Bela ao Bastos. Após o almoço, partimos, prosseguindo a viagem por terra para Casalvasco.

\*

Tomamos a estrada de Casalvasco. Com uma légua de marcha, atingimos o corixo das Trairas. Mangaval. Ponto d'água, quasi todo sêco. Começamos a sentir dificuldade d'água potavel em nossa estrada, que se distancia do rio.

Mais um quarto de légua e aparece uma roça á esquerda da estrada, no começo da mata do Guaporé. E' o sítio do Chapéu de Sol, de Hilário Ribeiro. Faz dois anos, Hilário se mudou para o Chapéu de Sol com a mulher e uma filha.

No Chapéu de Sol tomamos um atalho que vai dar na Passagem do Cassiano, no Rio Alegre, com légua e meia de percurso por campos e cerrados. Ao chegar á passagem, atravessa-se a mata do Alegre. Foi facil a travessia deste rio. Passamos montados, com água pela barriga dos animais. Na subida da margem esquerda, que é muito íngreme, tivemos o cuidado de descarregar os cargueiros.

Vencemos um penoso quarto de légua, após a passagem do Alegre, através da mata, por uma picada muito estreita e quasi obstruida em alguns pontos por troncos de árvores. E' um antigo caminho, abandonado ha muito tempo, reaberto agora para serventia de moradores recém-instalados em Casalvasco.

Saimos novamente no campo. Mais um quilómetro e estamos na Manga. Encontramos aqui os primeiros moradores da fazenda na-

cional de Casalvasco. Primeiros na ordem em que os encontramos, pois, são recém-chegados aqui: Manoel Pedro Aranha, Vitor Ângelo de Carvalho e Tomaz Aranha. Todos Brasileiros. Manoel tem 43 anos, Vitor 28 e Tomaz 34. As outras pessôas das famílias aqui reunidas são: Virgília dos Santos, 27 anos, crioula; Feliciano Bispo de Souza, 25 anos, morena; Maria da Cruz Aranha, 30 anos, morena; Joana Batista de Moraes, 50 anos, crioula; Benedita Emilia-na, 18 anos, morena; António Arcebispo de Moraes, 15 anos, crioulo; quatro meninos e duas meninas, entre 1 e 7 anos.

Os atuais moradores da Manga se instalaram, aqui, ha dois para tres anos. Vieram do sítio de Joaquina Gomes, a uma légua da Manga, á margem esquerda do Alegre, abaixo da boca do Barbados. Aqui fizeram roça e soltaram sua criação: meia dúzia de vacas de leite, porcos e aves domésticas. Ha, na Manga, tres ranchos de pau a pique cobertos de palha de aguassú. Os vizinhos mais próximos da Manga são Casalvasco e Joaquina Gomes.

O Rio Barbados, principal afluente do Alegre pela margem esquerda, também é conhecido pelos moradores da fazenda nacional como Rio Casalvasco.

\*

**11 de Dezembro.** No sítio da Manga, ao amanhecer, aprontamo-nos para a partida. Queremos almoçar na séde da fazenda nacional de Casalvasco. Desde cedo, uma colônia de japuiras se agita num pé de cambará, á beira do rio.

Em nossa estrada, atravessamos os belos campos de Casalvasco. O cerrado, aqui, é menos denso. Ha extensões de quilómetros de campos limpos.

Macaquinhos de cheiro fogem aos pulos por entre as palmas do aguassuzal, á beira do nosso caminho. São fulvos estes minúsculos símios de nossas florestas. Assim, contra a luz do sol das sete horas, parecem dourados.

Picapaús de cabeça vermelha, coleira branca, azas negras. Casais de tuiuiús povoam lagoas rasas, em pleno campo. O quiriquirí gosta de pousar nos galhos mais altos das arvores

sêcas. E' um pequeno gavião cinzento, pouco maior que um sabiá.

\*

Atravessamos aguassuzais, em pleno campo. As palmas do aguassú novo, saídas assim do solo, em longos renques, têm algo de festivo, nesta manhã clara e fresca dos campos de Casalvasco.

\*

Ao findar a capoeira, que se atravessa para sair ao lado das ruínas da igreja, começam a notar-se alicerces de pedra-canga de construções coloniais que ruíram.

A igreja de Casalvasco ainda tem paredes em pé e algumas portas e janelas sem folhas. Uma figueira brava, nascida no alto da parede lateral esquerda, lançou raízes parede abaixo. Ainda não logrou atingir o solo; não obstante, está vigorosa e verde, a copa estendida com ares protetores.

Um bando irrequieto de papagaios anima a figueira brava que nasceu tão alto e tão originalmente, por sobre as ruínas do velho templo. Outras figueiras menores cresceram agar-

radas ás paredes, que são de adobos crus, nos cantos do templo, como a ampara-lo em sua extrema velhice, para compensar o abandono dos homens que, talvez, tenham recebido em seu sagrado recinto as águas lustrais do Batismo.

Ao lado da igreja em ruínas, ha tres ranchos de palha e um curral. Aqui mora Barnabé de Moraes, matogrossense, branco, 35 anos. Outros moradores ha na redondeza: Ana Páscoa de Moraes, 35 anos, crioula; Joaquina Epifânia de Melo, 20 anos; Damiana Frazão de Almeida, 22 anos; Francisca das Chagas de Melo, 26 anos; João Romão, 33 anos, moreno; Pulquéria Dias de Moraes, 54 anos, crioula; Rosa Caetana de Melo, 32 anos; tres menores. São todos brasileiros, nascidos e criados na fazenda nacional.

Ha trinta anos passados, o povoado de Casalvasco ainda tinha casas de telha. Fazia-se todos os anos a festa da Senhora da Boa Esperança, com concorrência de povo de Vila Bela, a 7 e 8 de Setembro. Em 1920, a casa grande, cujos alicerces ainda se vêem á esquerda da igreja, ainda estava em pé. A igreja ainda pos-

sua altares. Havia tres altares: o da Senhora da Boa Esperança, padroeira do lugar (o altar mór); o de São Lourenço á esquerda, e o de São Pedro, á direita. Naquele ano, a igreja começou a ruir. Retiraram-se as imagens para um rancho da povoação.

\*

São vizinhos de Barnabé, nos campos de Casalvasco, Benedito Agripino de Mello, com a mulher e tres filhos. Outro morador se installou recentemente, a uma légua da séde, no Tamarineiro — Joaquim Estevão. Este veio de rio abaixo. Os moradores de Casalvasco vivem tranquilos. Os Bolivianos não os incomodam. “Eles fazem as questões suas (deles) lá mesmo na Fronteira”

\*

As visões do faustoso passado de Casalvasco, só ressurgem agora, á vista de suas ruínas, graças ao nosso esforço de imaginação, em que pese á eloquência dos relatos que nos deixaram os hóspedes de seus dias de prosperidade e os visitantes de seus primeiros lustros de decadência. Testemunhas da miséria pre-



sente, ouçamos aquelas que nos falam da passada grandeza:

“De entre todos aqueles povoados do distrito do norte, é ainda hoje (1891), Casalvasco o mais atraente e de que mais se fala, com excepção de Vila Maria, cidade de São Luiz de Cáceres desde 1874, que, por ocasião do abandono de Vila Bela, pretendeu as honras de capital da Província de Mato-Grosso...

“Não é Casalvasco coevo de Vila Bela, de que dista 7 a 8 léguas, como por equívoco afirma monsenhor Pizarro, caso não se queira confundir a data da fundação do povoado com o do primeiro estabelecimento de um simples posseiro, Custódio José da Silva, que assinalou as suas pretensões a legítimo proprietário, construindo ali um curral. Foi só em 1782 que o capitão general Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres acampou em pessoa naqueles formosos campos, desapropriando-os com toda a sem cerimônia de quem lá achou morando, e deixou uma patrulha permanente afim de impedir a fuga de escravos para as bandas espanholas. Chamado a princípio Povoação do Rio Barbados, trocou esse comprido e feio nome

pelo mais breve e eufônico de Casalvasco, tornando-se em breve centro de importante fazenda realenga e ponto de concentração das duas guardas avançadas sobre a fronteira, Salinas e S. Luiz.

“Na relação dos sucessos de 1783 contam os **Anais** em referência a Casalvasco:

“Mandou o general levantar alguns edificios no lugar já mencionado da fazenda de gado de Custódio da Silva sobre o ribeirão dos Barbados, cousa de 8 léguas ao Sul de Vila Bela, e ali se celebrou, por auto solene, em 24 de Setembro, a fundação da povoação de Casalvasco”.

“E tal foi a atividade empregada que, dois anos depois, nascia como que por encanto alegre e formoso povoado, com igreja, casa de governador, quartel, ruas bem alinhadas, praças e aldeamento para índios.

Falam os **Anais** de 1785:

“A 2 de Setembro partiu S. Ex. para Casalvasco, afim de regular aquele novo destacamento e a fazer aprontar o que se fazia necessário para as conferências de diligências das

Reais demarcações, pois, se esperava chegar nas fronteiras os comissários e oficiais da divisão espanhola”.

“A 7 do mesmo mês procedeu-se á benção e sagração da nova capela com a assistência de S. Ex. e seu respectivo estado-maior, secretário do governo, oficiais da demarcação, militares e nobreza, sendo celebrante o mesmo vigário padre Estevão, que praticou todas as solenidades do estilo, distribuindo S. Ex. depois umas grandes medalhas de prata com a Imagem de Nossa Senhora da Esperança, que ficou sendo o orago daquela igreja. A capela se achava adornada e, entre os seus variados enfeites se lia a seguinte inscrição:

“Hic tibi, virgo sacrat Templum Albuquerqueus heros

Nam sperat populas quaerit et omne bonum”.

“Admiravam os circunstantes a boa construção da capela, da casa do governador ou palácio de residência de S. Ex., igualmente a boa ordem das largas ruas e praças da povoação, que tudo fôra obra da inteligência e do incansavel zelo do capitão de engenheiros Joaquim

José Ferreira, o comandante daquele presídio e diretor das suas obras.

“No dia 8 celebrou-se com toda a magnificência a festa de N. S. da Esperança, a quem S. Ex. dedicou aquela capela, tendo mandado vir de Lisboa uma formosa imagem que nela foi colocada. Depois da festividade religiosa que constou de missa cantada e procissão em que concorreram S. Ex., ministros e mais pessoas que lhe faziam côrte, com grande concurso da nobreza e povo, deu S. Ex. um pomposo jantar público com toda a grandeza e magnificência”.

“E... não é fóra de propósito notar que tal importância dava Luiz de Albuquerque á nova povoação que, mêses antes daquela bela festa de Nossa Senhora da Esperança, isto é, a 28 de Fevereiro, ordenava seguissem para Casalvasco como colonos “muitos índios de ambos os sexos, que haviam chegado das minas da província de Moxos, dando-lhes quantidade de algodão em rama para o fabricarem e ali enviarem a tecer aos ditos moradores daquela povoação”.

“Ia em grande aumento, quando sofreu, a 30 de Dezembro de 1786, terrível incêndio que lhe devorou duas terças partes da casaria existente, depois de ter sentido mê e meio antes um terremoto que, embora leve, foi tomado como preságio de grande desgraça, infelizmente logo realizada”.

“Sobremaneira agradaveis foram as impressões que de Casalvasco recebeu o Dr. João Severiano: E’ uma tapera, diz ele, mas risonha ainda ao primeiro aspecto, com sua casaria de taipa acinzentada, coberta de telhas vermelhas e tanto mais vermelhas quanto mais velhas ficam, semelhando uma povoação nova em via de construção e cujas habitações rebocadas estão só á espera de uma derradeira mão de cal”.

“Teve Casalvasco população que nunca subiu além de 500 almas, segundo os dados estatísticos, mais ou menos aproximados das crônicas. Em 1815, 423; em 1818, 404; em 1820, segundo Pizarro, 370 e mais 43 pessoas que faziam parte da sua guarnição. O Dr. João Severiano achou 40 a 50; incluindo o destacamento sob as ordens de um oficial inferior, quando este posto militar merecera para primeiro co-

mandante um major, o sargento-mór Joaquim José Ferreira”.

Começa a acentuar-se a decadência:

“Noticias recentes temos de Casalvasco e bem contristadoras. São-nos dadas pelo official que o illustre Sr. General Francisco Rafael de Melo Rego mandou ao distrito do Norte.

“Conquanto, diz ele em fins de 1888, não nos tivesse sido entregue pelo meu antecessor a fazenda nacional de Casalvasco, contudo ministrarei a V. Ex. algumas informações.

“Esta fazenda que em outro tempo abastecia a cidade de Mato-Grosso e seus arredores de carne de gado vacum acha-se hoje de todo acabada — só lhe restam os campos. Suas casas todas caídas, um pequeno sobrado denominado **palácio** com as paredes todas arrazadas; a Igreja e o quartel em ruínas, conservando-se apenas em pé a grande casa chamada o **pião**.

“Depois que faleceu o capitão Gustavo Arlindo que a administrava, não se vê mais naqueles extensos campos um só boi, ou bezerro, uma única vaca! — Tudo acabou! Foi isto de-

vido a ter aquele capitão contratado bolivianos para o serviço da péga do gado, ficando aqueles homens de posse daqueles campos que até então não conheciam. Entravam, pois, por eles a qualquer hora e conduziam para a Bolívia boiadas inteiras, faziam carne sêca, tiravam couros e vinham até, com o maior descaramento, á cidade de Mato-Grosso vender aqueles produtos no mercado por preço fabuloso e muitas vezes ao próprio comandante da guarnição como vinda do estrangeiro!”

“Em 1884, continua a parte oficial, quando comandei pela primeira vez este distrito e que pelo Sr. inspetor da tesouraria da fazenda me foi confiada a administração de Casalvasco coloquei nos campos das Salinas um destacamento composto de um inferior e praças e assim evitei a entrada daqueles salteadores bolivianos, porém, deixando o comando em fins de Outubro do mesmo ano, fôra aquele destacamento retirado por meu sucessor, talvez pela deficiência de animais para condução de gêneros alimentícios, destinados ás praças ali destacadas”

Atravessamos o Barbados a vau, no Porto de Telha. Nenhuma construção encontramos que justificasse o nome. Aqui o rio ainda tem mais de 30 metros de largura; mas é muito raso, tomado de vegetação.

Entramos nos campos de São Luiz. A léste de nossa estrada saem trilhos que conduzem a sítios recentes.

\*

Nos campos de Casalvasco, a uma légua ao sul da antiga séde da fazenda nacional, fica o sítio do Sr. Manoel Domingues, prefeito de Mato-Grosso.

Á margem direita do Barbados mora o criador Nestor Toledo (boliviano), no Bom Destino, a tres léguas da Passagem. Na Gomalina, a oito léguas da Passagem do Barbados, mora Vitório de Lara (brasileiro). Na altura de Gomalina, á margem esquerda do Barbados, está Marcelo Leite.

Gomalina é uma corixa que desagua no alto Barbados, pela margem direita.

\*



O primeiro arraial que se encontra nos campos de São Luiz é o Espinhal, com meia dúzia de casas de pau a pique, cobertas de palha; roças e currais, na cordilheira.

Moram no Espinhal: Avelino del Garaña, mulher e filhos; o sírio Faride e mulher, além de agregados chiquitanos de um e outro. Á excepção de algumas crianças nascidas no Brasil, todos são estrangeiros, no Espinhal.

\*

Os campos do Espinhal, limpos em grandes extensões, são alagadiços. Na estação das águas se transformam pela inundação num lençol d'água, permitindo o tráfego de bate-lões por toda parte. As construções e as roças são feitas nas cordilheiras, pequenas elevações destes campos, cobertas de mata, fóra do alcance das águas.

\*

**12 de Dezembro.** Chegamos ás dez horas á fazenda São Luiz, antigo retiro da fazenda nacional de Casalvasco.

Na mesma cordilheira em que se erguem as construções da fazenda, encontramos as

ruínas do quartel do antigo destacamento, extinto ha mais de 50 anos. Quando a fazenda nacional era administrada, aquele destacamento guardava uma das saídas da fazenda para a Fronteira. Os campos de São Luiz, que fazem parte da fazenda nacional, eram utilizados para a engorda do gado que, então, orçava por milhares de cabeças.

A atual fazenda São Luiz (ou San Luizito) foi comprada de um boliviano, Saldanha, pelo fazendeiro Luiz Garcia (brasileiro). Saldanha havia construido uma casa no local do antigo quartel, em 1934. Garcia ha dois anos, se estabeleceu naqueles campos, tendo trazido de Descalvado cerca de mil cabeças de gado vacum, um rebanho de cavalos, outro de ovelhas.

## VII

### A FRONTEIRA

Em São Luiz começa, em nosso itinerário, a zona denominada Baixa Fronteira. A linha divisória com a Bolívia, partindo do Morro dos Quatro Irmãos, donde mana o principal formador do Barbados, segue rumo N-NO, em direção ao marco do Tarvo, afastando-se do Rio Barbados, que corre sempre para o norte e se lança no Alegre, mais ou menos a 60 quilômetros a léste do Pessôê, localidade próxima do rio Tarvo. Estes campos, que se estendem entre o Rio Barbados e a linha divisória com a Bolívia, abrangendo cerca de 300.000 hectares, são dos melhores da região. Aqui, as salinas são mais abundantes. Em compensação, a água potavel é cada vez mais difícil. Nas fazendas, recorre-se ás lagôas e ás cacimbas. São

poucos os núcleos de população. Além da fazenda São Luiz, encontram-se: o Taquaral, onde houve também um destacamento, cerca de 3 léguas ao sul de São Luiz; o Retiro de Ortiz, próximo ao Taquaral e, na divisa com a Bolívia, Cuiú. São pequenas fazendas de criação, que reúnem, cada uma, algumas dezenas de almas. Em Cuiú, a linha divisória passa entre a casa e o curral. Pertence esta fazenda ao boliviano Rafael Roca. Fica a dez léguas da fazenda São Luiz.

\*

Cerca de 5 léguas a oeste de São Luiz, passa o divisor das águas do Barbados e do Tarvo. As águas da Baía Grande, da Baía de São Simão, do Corixo de São Luiz de Caslavasco e do Espinhal correm para o Rio Barbados. Cinco léguas a oeste de São Luiz, começam as águas a procurar o vale do Rio Tarvo. Este rio verte no Paraguá, afluente do Guaporé que corre em território boliviano.

\*

Durante a guerra do Chaco, o Governo Boliviano, mobilizando os indígenas do Orien-

te e vindo ali buscar recursos para seu Exército, deu lugar a uma crise de trabalho e de produção, cujos efeitos ainda perduram em toda a Fronteira e no interior. Na região boliviana fronteiriça, cuja população, quasi toda de Chiquitanos, somente agora volta a cuidar de suas lavouras abandonadas, reina a decadência, tendo havido mesmo dias de fome nos pueblos.

\*

A Corixa de Tomuma desempenha um papel interessante na Fronteira, graças ao regime das águas do Pantanal. Na estação da sêca, ficam os campos da Fronteira com suas aguadas reduzidas a algumas corixas que não secam totalmente, tornando-se necessário o recurso ás cacimbas, não somente para os moradores, nos sítios e fazendas, como também para os animais, nos campos. No rigor da sêca, pois, todo o gado das circunvizinhanças de São Luiz se reúne na Corixa de Tomuma, inclusive o dos fazendeiros bolivianos instalados em território brasileiro. Quando os brasileiros vêm retirar seu gado, os bolivianos, que consideram a Corixa de Tomuna como situada em território

da Bolívia, criam-lhes dificuldades, sob vários pretextos. Em torno da Corixa de Tomuna se originam, pois, a maior parte dos conflitos entre Brasileiros e Bolivianos da Fronteira. A confusão reinante tem duas causas principais: a imprecisão da linha divisória e a falta de autoridades brasileiras que a façam respeitar, bem ou mal definida.

\*

Uapuizeiro é uma espécie de figueira que cresce agarrada a outra árvore, acabando por matar o sustentáculo. Vimos um, na fazenda São Luiz, amparado por uma armação de madeira reforçada de caramanchão, defronte da casa.

Apesar da transformação dos campos, ao sul de Casalvasco, com a predominância de campos limpos, os espécimes dos capões e das cordilheiras são os mesmos dos cerrados da região que percorremos ha quasi um mês: a lixeira, o paratudo, a quina, o cambará, a piuva, o cumarú, a embaubeira, o tucum, o aguassú. Entre a vegetação baixa: a vassoura, a guanxuma. Os pastos são de capim carona e arro-

zal. O jaraguá ou provisório só vimos na Linha Telegráfica, onde foi adrede semeado.

\*

Não existe a indústria do aguassú, na Fronteira, apesar da abundância do côco.

\*

Campos limpos os de Salinas. As árvores se agrupam em capões mais densos e em cordilheiras, abrindo largos atapedados de pastagens. Ao sudoeste de nossa estrada, aparece por um momento a massa cônica de um morro azulado pela distância, do lado da Bolívia. À beira da estrada, uma cruz tosca de 1.m80 de altura marca a sepultura do cidadão francês, Jorge Olivier, assassinado naquele local, em Janeiro de 1930.

\*

13 de Dezembro. Estamos a uma e meia légua de Salinas e a cinco da fazenda São Luiz. O pouso da Conceição é pauperrimo, sem morador nem rancho para viajantes. Apenas um capão dos menores, que oferece armadores e, com vestígios de fogões, convida-nos a ficar

tambem e almoçar, como os outros viajantes que nos precederam. Ainda nos faltam quatro léguas para alcançar a primeira fazenda.

Em Dezembro, as baías estão com pouca água. Ainda não estão de **bola-pé**. Podemos transpô-las pelos carreiros, com água pelos estribos. Dizem-se de bola-pé os passos em que os animais mal conseguem alcançar o fundo, sendo obrigados, por vezes, ao nado.

\*

Garças e tuiuiús, carões e baguarís, perambulam aos casais á beira dos corixos ou atolados na lama do capinzal, que floresce no meio das lagôas. Quando passamos, ensaiam um vôo descansado ou ficam confiantes, encarando-nos donde estavam.

Um gato do mato. O pêlo escuro lembra o do caitetú. A cola comprida e peluda e o focinho fino. O que vimos, hoje, acovardou-se ante os cães que o acuaram, em pleno campo.

Emas, em bandos, sempre em fuga, nestes campos.

Um caracará pousado numa árvore, á beira da estrada, não se incomoda com a nossa



proximidade. É carijó. A cabeça branca, achatada. O bico adunco, vermelho. Pouco maior que uma coruja, mas parece forte.

Veados brancos. São vermelhos e de cola branca. Parecem cabras domésticas, nas proximidades das casas. Pastam entre o gado, aos casais ou em rebanhos de seis e mais cabeças.

Veados mateiros. São menos ariscos que os brancos. Quando passamos, entram no cerrado e ficam nos olhando, escondidos, esperando que andemos para continuarem a pastar.

\*

O Guave é um povoado, cerca de dez léguas a sueste de Salinas. São vinte moradores disseminados pelas cordilheiras, nos arredores do sítio principal, propriedade do argentino Dom Trânsito Bordón. É uma das mais antigas localidades da Fronteira. Foi fundado pelo boliviano Maturana, que vendeu as casas a Bordón, ha cerca de trinta anos.

Guave fica cerca de 40 léguas distante de São Matias, na estrada de Cáceres a Villa Bela, pela Baixa Fronteira. É ligado a São Matias

por outra carreteira, que passa em território boliviano.

Partindo de Cáceres, a estrada para o Guave, sempre em território brasileiro, é balisada pelas seguintes localidades: Caissara, Cordilheira, Campo Alegre (Rio Jaurú), Morrinho, Pirizeiro, Areias, Toca-Vaca, Aguassú, Vargem Funda, Virtude, Araras, Corrego de Pedra, Morro Branco, Conchas, Santa Bárbara, Santa Rita, São Pedro, Boqueirão, Barbecho, Retiro, Mutacú, Fortuna, Trincheira, Desengano, Carrapato, Belém, São José, São Pedro e Guave. Algumas destas localidades têm um só morador. Outras têm mais de dez.

São José e Belém têm mais de 15 casas, algumas vendas. São Miguelito, perto de Guave, tem umas seis casas.

Em São José se reúne o povo dos arredores, das roças e fazendas, nos dias de festa. Predomina nesta zona o elemento indígena — Chiquitos.

\*

Perambulam, nos povoados da Fronteira, numerosos desertores bolivianos, civilizados e

naturais (indígenas), os quais, tendo deixado de atender ao chamado para a mobilização, quando rebentou a guerra do Chaco, estão agora impossibilitados de retornar á Pátria. Contudo, vivem em paz com a população da Fronteira, procurando trabalho nas fazendas.

\*

A autoridade, na Fronteira, é representada pelos sub-delegados de Polícia, quasi todos criadores ou pequenos industriais, entregues aos seus afazeres privados, sem Força para prestigia-los.

Tem curso, em toda a Fronteira, a moeda brasileira, assim em nosso território como nas localidades bolivianas fronteiras, necessariamente sem exclusão da moeda boliviana, nas transações comerciais com aquelas localidades.

Os casamentos se fazem, na maior parte, em São Matias ou em Ascención (Bolívia), porque ficam mais baratos; pois, uma viagem a Cáceres não está ao alcance de todos.

Ha, no Guave, uma capela em que padres em trânsito, tanto brasileiros como bolivianos, celebram Missas e ministram Sacramentos.

Contudo, passam estas capelas da Fronteira mêses seguidos sem a visita de um padre.

\*

Em Dezembro, o piquí começa a amadurecer e cair do pé. O fruto do piquizeiro é colhido quando cai. Maduro, conserva a côr verde da casca; mas, perdido no chão entre folhas sêcas, chama a atenção dos viajantes pelo cheiro característico, muito agradável, que exala. O piquizeiro é uma árvore de 10 a 12 metros de altura, folhas largas, folhagem rala, esgalhada. Encontra-se nos cerrados.

Nos campos de São José, reaparece o burití, em grupos graciosos, nas vazantes do caminho ou em densas matas, á margem de nossa estrada. O burití é uma palmeira util. Do broto fazem-se baquités e cordas muito fortes. Os frutos nutrem porcos domésticos. As araras são também apreciadoras do fruto do burití.

**Baquité** é um cesto de palha de acurí ou de aguassú, ou ainda de burití, feito de uma só folha (broto). Em chiquitano — **assayê** (expressão guaraní).

\*

O correio terrestre boliviano parte de São Matias e entra em território brasileiro, na Fortuna (Ascención), a cinco léguas de São José. Passa por São José, Candelária, Santa Clara, Aguassú (Los Cucis), Santo António e Tuná (Bolívia).

A Baixa Fronteira não é servida pelo correio nacional. A Repartição competente mantém somente uma linha de cargueiros, na Alta Fronteira (linha Cáceres — Vila Bela).

\*

Veado pardo. Assim como o veado branco, o veado pardo é avermelhado. Em todo caso, fica-lhe melhor o nome que o de veado branco ao outro, que é vermelho e tem somente a cola branca.

Marrequinhas pardacentas. Quando voam, deixam vêr umas listas negras e brancas, alternadas, sob as azas, que lhes mudam inteiramente o aspecto. Assim o quero-quero. Confundem-se no vôo, apesar de serem palmípedes aquelas e este pernalta.

Gralhas cinzento-escuras. De longe parecem negras. Preás de uma espécie muito pequena aparecem em nossa estrada a cada momento. Parecem ratos. Têm pêlo cinzento escuro. Não são ariscas. São faceis de apanhar no limpo, porque se occultam ingenuamente nas moitas.

\*

Belém. Sítio de dois ranchos. Aqui, os campos são limitados pelas vazantes. As cordilheiras de matas são aproveitadas para as roças, as casas e os currais. Mora em Belém o sub-delegado Pio Gomes.

\*

Boa Ventura. Outro sítio. Meia dúzia de ranchos nas cordilheiras. Uma casa de telha. Caminho de Fortaleza.

Desengano. Uma casa em plena mata. Mora aqui um carpinteiro cacerense — David de Moraes — que vive ha muitos anos na Fronteira. Hospeda-nos com a franqueza habitual do Sertão. Entrega-nos a casa e vai se acomodar á hora do costume, depois de palear comnosco até fazer noite escura. O filho,

rapaz de uns vinte anos, gentilmente se oferece para encostar nossos animais numa bocainha que conhece.

\*

**16 de Dezembro.** A pouco mais de uma légua do Desengano está Fortaleza, sítio de Dona Inocência, viuva boliviana conhecida em toda Fronteira por sua fortuna e pelas joias antigas que possui. Fortaleza é um dos sítios mais importantes da Fronteira. Uma dúzia de casas e ranchos, ao redor da morada principal, entre morros de pequena altura. A estrada coleante não permite uma visão de conjunto. Terreno ascendente em direção á Fronteira, isto é, ao pueblo de Ascención.

\*

Ascención é um povoado, Cerca de vinte casas de Chiquitos disseminadas na mata, uma pequena praça, invadida pelo matagal, uma capela. Com a guerra, Assención se despovoou. A maior parte dos moradores bolivianos mudou-se para Mutacú (Brasil), cerca de tres léguas da Fronteira.

Ascención está situada na linha divisória próximo ao Morro de Boa Vista. A fronteira conhecida pelos habitantes é, porém, o Córrego da Fortuna, um pouco mais para o interior do Brasil. O marco de Boa Vista é visível da estrada.

O primeiro povoado brasileiro que se encontrava, na estrada de Ascención, ao entrar em território brasileiro, era a Fortuna. Em 1935, a varíola, contradizendo o optimismo dos fundadores, dizimou a população que já se havia reunido neste povoado.

\*

Partimos de Ascención depois do almoço. Tomamos a estrada do Corixão (Corixa Grande), que vai pelo território brasileiro. Após uma marcha de tres e meia léguas, que nos tomou as primeiras horas da noite, andando como cegos, por caminhos estreitos, encharcados pela chuva da tarde, em plena mata, seguindo o vulto de nosso práctico e, ás vezes apenas o ruido dos cascos de sua montada, chegamos ao Tarumã. Uma casa ao lado de uma roça. Dois caboclos. O Córrego do Tarumã



dá o nome ao sítio. Dario Garcia, dono da casa, é sapateiro e seleiro.

Vive do ofício. Tem encomendas de chinelos, guardas, puxadores que lhe excedem a capacidade de trabalho de homem doente. Está aqui ha quatro anos.

\*

Dario Garcia e seu companheiro chiquitano, José Pocuvequí, falam-nos de coisas da Fronteira, narrando os últimos incidentes havidos entre autoridades de Las Petas e emigrados bolivianos, no Papagaio e no Barbecho.

O povoado do Papagaio fica na linha divisória, mas em território boliviano, cerca de tres léguas do Tarumã. São umas seis casas. Tem um morador brasileiro, António Aires. Os demais são bolivianos: João Ventura, Mercês (viuva), Tereza (viuva), Simão e Matilde (viuva). Curioso povoado de viugas, á beira do correntoso Tarumã.

José Pocuvequí é reservista do Exército Boliviano, mas, tendo nascido no Guave e vivido muito tempo no Brasil, achou que não devia atender ao chamado para a mobilização,

na Bolívia. Tem agora que se avir com os soldados de Las Petas, quando quer bailar e tomar chicha, nos pueblos da Fronteira, onde vivem os seus.

\*

O Córrego do Tarumã toma-nos uma hora, na manhã de 17, para a travessia. Animais a nado e a carga por uma passadeira feita de um só tronco de árvore. O Tarumã não tem mais de dez metros de largura, na passagem; mas é profundo e correntoso.

\*

Las Petas fica á margem direita do Tarumã, em território boliviano, a duas léguas do Barbecho. E' um pueblo de meia dúzia de casas e um quartel. O destacamento de Las Petas é de cinco soldados do Exército, sob o comando de um sub-official.

Mutacú é o mesmo Acurizal. Fica a duas léguas do Tarumã e a tres de Ascención, ao norte da estrada Ascención-Tarumã. Os Espinosas, emigrados bolivianos, ali se instalaram, por ocasião da guerra do Chaco, com pequena criação de gado. Vivem tambem no

Acurizal os bolivianos Antônio Penha e Salomão Gomes. Mutacú fica a meia légua da fronteira.

Acurizal é mutacú, para os Bolivianos (expressão chiquitana).

\*

Partindo do Tarumã, nossa estrada é balizada pelas rancharias do Barbecho e do Boqueirão, distanciadas uma da outra de meia légua, aproximadamente. São moradores chiquitanos (vivientes, segundo a expressão boliviana) e brasileiros, que vivem de lavoura e criação.

João de Souza Arruda, cacerense, morador do Boqueirão, fala-nos de incursões bolivianas na Fronteira. Só tem visto, em verdade, soldados de folga, que entram a cavalo, armados de fuzil, para tomar parte nas festas que os Chiquitanos fazem com frequência, nos sítios dos arredores de Las Petas. Jamais viu no Boqueirão comissão ou autoridade boliviana. Sabe que os Brasileiros que vão á Bolívia, afim de procurar criação ou por outro motivo qualquer, têm que se avir com as autoridades de

Las Petas ou de São Matias; enquanto os Bolivianos transitam livremente no Brasil.

\*

São Pedro é outra rancharia, a meia légua do Boqueirão, no Brasil. Adiante de Las Petas, para o interior da Bolívia, cerca de cinco léguas do Boqueirão, encontra-se o pueblo do Limão.

\*

Nas Palmas — um bonito largo, um butirizal, tres moradores — sai a estrada de Las Petas, a duas léguas do Boqueirão. Em Santa Bárbara sítio que fica a uma légua de Santa Rita, sai a estrada que vai a São Matias, pelo território boliviano.

\*

Roboré foi um dos pueblos mais florescentes do Oriente Boliviano, antes da guerra do Chaco. Está a quarenta léguas do Acurizal (Mutacú). Uma carreteira recente, partindo de Roboré, passa por São João, Santa Fé (cerca de 20 léguas de São João), Candelária, São Bartolo e vem a Mutacú. Reina nesta zona, se-

gundo o depoimento de viajantes da Fronteira, o mais desenfreado banditismo, entre Bolivianos e Naturais.

\*

**18 de Dezembro.** Alcançamos Santa Rita, ontem, ao anoitecer. Arraial pobre. Tres casas, num largo, em pleno campo. Entramos nos domínios dos Laras, uma das famílias mais numerosas da Fronteira. Vivem, em Santa Rita, Eduardo, Sebastião e Hemetério de Lara.

Passamos de manhã o Ribeirão Santa Rita. Não tem mais de 25 metros de largura, no passo. Está com meia água. Na maior enchente, o Santa Rita transborda, inundando os campos por mais de meia légua em redor. Tivemos de passa-lo a nado, com os animais, a carga numa pelota. Correntoso, mas pouco profundo o Ribeirão Santa Rita. Não tem mais de dois metros de profundidade, no canal.

Pelota — espécie de bolsa flutuante, que se improvisa com um couro de boi, arrepanhando-lhe as pontas por um laço ou uma corda.

\*

Cerca de tres léguas de Santa Rita, na passagem de um corixo, parte a estrada das Conchas, para nordeste.

Depois do Tarumã, os buritís chamam novamente nossa atenção. Ha grupos numerosos nos largos, em pleno campo. Acompanham os corixos, formando imponentes matas de galeria. No Boqueirão, apresentam a harmonia de um recanto de jardim botânico. Ao passar para a vertente oposta do Morro do Boqueirão, fomos surpreendidos pela semelhança da mata. Os mesmos buritís numerosos, em aléa pela vazante abaixo, e o corixo, que já tem volume de córrego.

\*

Caçamos um jabotí ou, melhor, achamo-lo. Estava na estrada. Quando percebeu o tropel do cavalo, parou e se encolheu na casca. Foi vítima de seu irremediavel comodismo. São numerosos os jabotís nestes campos. Os Borôros sabem descobrir-lhes as ninhadas, em subterrâneos.

O jabotí é o mesmo cágado. E este nome é mais frequente como expressão sertaneja.

Um casal de lobos — pelo fulvo, tamanho de um cão mediano. Confabulavam qualquer coisa, quando aparecemos. Fugiram em direções opostas a meio galope.

\*

Atravessando a Baía Bela, tivemos a impressão do que é o Pantanal como obstáculo. Assim á noite, é impressionante aquele lençol d'água, que mais se estende e se aprofunda, quanto mais se anda, no afan de vence-lo. Nossa esperança está nos capões, que se destacam pelos vultos negros, no campo inundado. São quasi sempre monchões de terras altas. Mas, na travessia da Baía Bela, demos tambem num capão inundado, como se fôra uma amostra de igapó esquecida no Pantanal. Geralmente aqui são terras firmes as que ostentam matas altas. O caminho carreteiro, que seguimos a conselho de nosso prático, estava completamente alagado. E' possível que, noutra ocasião em que o prático tenha passado por aqui, a Baía Bela estivesse mais rasa, como pôde ficar inteiramente sêca, noutras épocas. Assim, com a fazenda á vista desde o escurecer, só conse-

guimos atingi-la ás 21 horas, quando acertamos com a passagem e o trilho submerso que nos devia conduzir.

O fazendeiro de Baía Bela, Sr. Bernardo Cruz, um velhinho descalço, em mangas de camisa, abre a casa e vem atender nossa comitiva. Oferece-nos um galpão para acomodar o pessoal e a carga. Conversa com os soldados com aquela mansidão com que logo a gente se acostuma neste Sertão. Aqui, o sertanejo fala baixo, pausadamente, com voz macia. Quando não entende o que lhe dizemos, interpela-nos mansamente — Sinhô?

\*

A figueira ajuda a dar vulto a estes capões. Encontram-se, na Baía Bela, figueiras em grupos, em alamedas, frondosas, ramalhudas.

\*

**19 de Dezembro.** Almoçamos no Burití, sítio da viuva D. Ana Ceballos, que ali vive com seus filhos. A uma légua de Burití fica Virtude.



Dois moradores brasileiros e um quartel, a duas léguas da fronteira. Sob este pomposo nome, encontramos um rancho de palha, num matagal, onde se abrigou um destacamento da guarnição de São Luiz de Cáceres, suprimido ha pouco mais de dois anos. Eram tres ou quatro soldados e um cabo. O último comandante deste pobre destacamento, o cabo Piauí, ainda é lembrado na zona.

Pousamos na Pescaria, retiro do fazendeiro Luiz Militão, proprietário da Fumaça.

\*

**20 de Dezembro.** Entre os Corixos do Peinado (ou do Meio), a oeste, e do Toca-Vaca, a léste, está o sítio do Aguassú, em que dois cearenses, os irmãos Magalhães, se instalaram recentemente: Srs. João Gonçalves e Aristides de Magalhães. Naquele domingo de soalheira, facilmente nos convencem de que devemos fallar no Aguassú e aceitar a hospitalidade que nos oferecem, com franqueza bem sertaneja.

\*

Entre os corixos do Peinado e do Toca-Vaca, está assentado o marco internacional conhecido por Marco Branco, cerca de duas léguas ao sul do Aguassú e uma ao norte da vila de São Matias.

Encontramos o Marco Branco, em Dezembro, em terreno inteiramente sêco. Mas, na força das águas, em Fevereiro, os dois corixos, que correm paralelos de um e doutro lado do marco, transbordam, cobrindo estes campos de um lençol d'água de meia légua de largura e mais de metro de profundidade.

A placa de bronze colocada no marco pela Inspeção de Fronteiras, quando o General Rondon passou pelo Marco-Branco, em 1930, foi arrancada e levada pelo malfeitor desconhecido.

\*

Notamos, em Dezembro, com as primeiras chuvas da estação, a lentidão com que descem as águas que as cabeceiras vertem nas vazantes tributárias dos corixos. Na altura do Aguassú, o Corixo do Toca-Vaca já é atravessado com água pelos estribos; enquanto no

Marco Branco, cerca de duas léguas ao sul daquele sítio, graças á lentidão da corrente e á permeabilidade do solo arenoso do Pantanal, atravessamo-lo inteiramente sêco. A progressão da massa d'água nestes corixos é de uma légua por semana, no começo da estação. Uma vez encharcado o solo do Pantanal, o volume dos corixos passa a crescer com as chuvas consecutivas, diárias, durante a estação das águas, até a completa inundação dos campos circunvizinhos. O corixo é um campo inundado periodicamente, que se extravaza em outros campos, de vazante em vazante. As águas sulcam um talvegue, deixando ás vezes um filete perene, resistindo á sêca. No começo da estação das águas, o Corixo do Toca-Vaca, devido á insignificante declividade destes campos para o sul, gasta cerca de um mês, na progressão de sua primeira massa d'água do Aguassú a Santa Rosa, na Bolívia.

\*

Cerca de meia légua ao norte do Marco Branco, em território brasileiro, encontra-se o sítio de Totóra, ocupado pelo chiquitano João

Xaropá, natural de São Matias, ali estabelecido ha tres anos. Xaropá é desertor do Exército Boliviano. Fala correntemente o portuguez e vive em boa harmonia com os Brasileiros da Fronteira.

Os Bolivianos chamam **totóra** todo terreno devoluto ou do Governo.

O sitio de Totóra consiste, como tantos outros desta Fronteira, num rancho coberto de palha de acurí, numa roça e numa cacimba, á falta de água corrente perene.

As cacimbas aparecem como um paradoxo, no Pantanal. Esta de Totóra, entre dois corixos que, nas enchentes, se unem, formando uma só massa d'água de mais de tres quilómetros de largura, na estação da sêca, dá a este rincão aspecto de deserto árido.

Os Bolivianos chamam **paules** as cacimbas.

\*

Cerca de tres léguas ao sul do Aguassú, está o pueblo de São Matias. Vindo do Aguassú, passa o caminho de São Matias entre os Corixos de Toca-Vaca, a léste, e do Peinado, a oeste. No Marco Branco, inflete para sueste

e atravessa o corixo do Toca-Vaca, para chegar a São Matias.

Entramos no pueblo às 16 horas, por um largo gramado, onde pastam animais soltos. Uma velha Chiquitana sauda-nos, perto de um paul. Penetramos numa das ruas, meio oculta pelas árvores das chácaras, entre cercas e currais. Grupos de mulheres curiosas nos olham de dentro dos ranchos. Feições amáveis de moças Chiquitanas se entremostam nas janelas.

Apeiamos á porta da casa de um negociante brasileiro, Sr. Macedo, que vive em São Matias ha uns quatro anos. Travamos os primeiros conhecimentos. O Sr. Walter Net, nacionalidade alemã, exerce um cargo na Aduana e tem um filho sub-oficial do Exército, destacado em Las Petas.

Visitamos a "Oficina del Comando". O Sub-tenente Arturo Carrasco, jovem comandante do Destacamento, hospeda-nos com gentileza. Na palestra muito cordial que travamos, eu me esforço por falar castelhano e o Sub-tenente Carrasco o português. Servem-nos cerveja Antártica, de São Paulo. O Sub-tenente

Carrasco já esteve em Corumbá, quando servia em Puerto Suárez, e se recorda amavelmente de camaradas do 17.º B. C.

Não merece o nome de quartel a rancharia coberta de palha em que estão alojados os soldados, em São Matias. — Durante a guerra do Chaco, explicou-nos o Sub-tenente Carrasco, o quartel esteve abandonado. Agora o Comando se esforça em reconstruí-lo.

O uniforme dos soldados é caqui, sem distintivos, muito simples. Passei por um grupo de soldados. Olharam-me admirados, sem atitude militar.

São Matias é antes um pueblo de Chiquitos. Os **collas** (côlhas) não passam, talvez, de dez famílias.

**Collas** são os Bolivianos dos Altiplanos, na linguagem popular do Oriente, (de **collados** — alturas, elevações).

Os **collas** descem, geralmente, dos Altiplanos para exercer cargos públicos ou dirigir empresas — mandar, enfim.

São Matias tem uma centena de casas, na maioria cobertas de palha. A praça da Igreja é a única do pueblo. Ali estão o quartel, a

Aduana e mais uma dúzia de casas antigas, muito baixas, de janelas estreitas e gradeadas, como prisões. Na torre da igreja, sobre as traves de madeira que sustêm os sinos, instalou-se uma colônia de **horneros** (massa-barros ou João-de-barros), dando vida ao templo, que tão poucas vezes ha de ter aspecto festivo; pois, São Matias não tem pároco residente.

\*

Regressamos ao Aguassú, ao entardecer, pela estrada carreteira que passa a léste do Corixo do Toca-Vaca e pelo Morrinho. A linha divisória com a Bolívia, a partir do Marco Branco, inflete para nordeste e vai, em direção ao Morrinho.

\*

Os destacamentos bolivianos de São Matias e Las Petas exercem efetiva vigilância, na Fronteira. Os viajantes que penetram em território boliviano, ao chegarem aos puebls, são compelidos a se apresentar ás autoridades, sem excepção. Assim, os que regressam ao Brasil vêm munidos de passaportes firmados pelas autoridades da Fronteira. Tivemos em mãos um

desses passaportes, dado pela autoridade de São Matias:

“Comando 5ª Division. Passaporte intranferible. El jefe de la Policia Militar de San Matias concede libre y seguro pasaporte a L... G... de nacionalidad Brasileira, para que viaje a San Luiz de Cárceres con asuntos de negócios. Debe presentar-se á las autoridades respectivas, para la visasi3n del presente pasaporte. San Matias, 11 de Julio de 1936”. Subte A... C..., Jefe de la Policia Militar.”

\*

Nos campos de Casalvasco, transitam, livremente, Bolivianos que se destinam a Vila Bela ou á Fronteira (Pessoê, Quatro Irmãos, Boa Vista). Um outro caminho muito frequentado, outrora, por viajantes procedentes da Fronteira ou que se destinavam á Bolívia era o de Casalvasco a Joaquina Gomes, pela mata da margem esquerda do Barbados, hoje, abandonado.

Na zona da Fronteira situada a léste do Rio Barbados, o trânsito converge, natural-



mente, quasi todo para os campos de São Luiz (San Luizito) e para o Espinhal (ou Espinal, como tambem se diz, na Fronteira), que alguns moradores da fazenda nacional consideravam o ponto mais próximo da fronteira com a Bolívia, suggestionados pela ousadia dos Bolivianos; pois, em verdade, o Espinhal fica nos mesmos campos do retiro São Luiz, afastado de mais de cincoenta quilómetros a léste da linha divisória.

Contudo, não ha notícia, nos campos de Casalvasco, de intervenção de autoridades ou comissões bolivianas, na vida da população nacional. Os Bolivianos que por ali transitam são viajantes pacíficos ou bandoleiros fóra da lei.

Na Fronteira, chamam-se **comissões** as diligências ou escoltas policiaes bolivianas.

\*

A partir do Morrinho, cerca de uma légua a nordeste de São Matias, a linha divisória segue rumo sul, pela Corixa Grande, até o desaguadouro desta, na Lagôa Uberaba, através de campos de pantanal.

Os campos situados a léste da Corixa Grande, entre a corixa e o Rio Paraguai, são conhecidos como Campos do Descalvado.

O estabelecimento industrial e pastoril denominado "Descalvado", pertence á "Société Industrielle et Agricole au Brésil" e comprehende a extensa península que tem por limites: ao norte, o Rio Paraguai e o Rio Jaurú, até a posse denominada Pederneiras Novas; ao sul, o Rio Paraguai, a Lagôa Uberaba e a Corixa Grande; a léste, o Rio Paraguai; a oeste, a Corixa Grande; a nordeste, a linha quebrada constituida, sucessivamente, pelas divisas das posses de Pederneiras Novas e outras que, partindo da margem direita do Rio Jaurú, vai á margem esquerda da Corixa Grande. Abrange um conjunto de dez antigas sesmarias e cerca de duzentas posses, numa área total de 881.053 hectares, no Município de São Luiz de Cáceres. O porto de Descalvado, situado cerca de 70 quilómetros a jusante da foz do Jaurú, é ponto de escala dos vapores da linha de Cáceres.

A fazenda do Descalvado pertenceu ao Major João Carlos Pereira Leite, um dos mais antigos industriais de São Luiz de Cáceres (então Vila Maria)

Foi medida e demarcada, em Novembro de 1871, por uma comissão constituída pelo Major José Gomes Coqueiro, como juiz comissário, e pelo Capitão de Artilharia Joaquim José Ferreira Souto, como agrimensor.

Pela referida comissão foram discriminadas as sesmarias: Tremedal, com 4.356 hectares; Carandá da Forquilha, de 13.068 hectares; Cascavel, de 13.068 hectares, sesmaria central; Baía de Pedras, com 17.424 hectares; Barra do Jaurú, com 12.342 hectares, á margem direita do Paraguai; Cambará (corpo da antiga fazenda), com 13.068 hectares; Descalvados, com 34.848 hectares. Estas sesmarias distavam una das outras de algumas léguas.

Em 1880, o cidadão oriental Jaime Cibilis Buxaréu comprou as sesmarias do Major João Carlos, acima referidas e, mais tarde, em 1890, requereu ao Governo do Estado a concessão de 208 sesmarias de uma légua quadrada (3.600 hectares), localizadas nos intervalos das antigas sesmarias medidas em 1871.

Em 1906, a sociedade anónima belga também conhecida como «Produits Cibilis», á qual se associou o proprietário da fazenda, já explorava nos campos do Descalvado a indústria do xarque, abatendo em cada safra de tres mêses, como já faziam os primeiros possuidores, 25.000 cabeças.

Naquela época, era computada pela administração da fazenda em 150.000 cabeças a população bovina dos campos do Descalvado. Segundo o Engenheiro Espiridão Marques, o estabelecimento produzia,

anualmente, além de 200.000 quilos de extrato de carne, 15.000 línguas, 8.000 quilos de graxa e 160.000 quilos de sabão.

Em 1912, a «Societé Industrielle et Agricole ou Brésil» obteve do Governo do Estado um título de posse global, em substituição aos títulos parciais das primitivas posses e sesmarias do Descalvado, assenhoreando-se inteiramente da área compreendida entre o Paraguai e a Corixa Grande, isto é, dentro das divisas externas que descrevemos atrás. E' um interessante documento em que se perpetuam as denominações das posses e sesmarias integradas no latifúndio do Descalvado:

«O Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, Presidente do Estado de Mato-Grosso... tendo aprovadas, no ano de 1872, as medições e demarcações das sesmarias denominadas: Descalvado, Cambará, Barra do Jaurú, Pescaria, Baía de Pedra, Cascavel, Carandá da Forquilha, Onças, Tremedal 1.º e Tremedal 2.º, e bem assim que, havendo sido aprovadas, no ano de 1896, as medições e demarcações das posses contiguas e fundadas no artigo 5.º § 5.º da lei estadual n.º 20 de 9 de Novembro de 1892, denominadas Bicho Bravo, Onças, Pescaria, Capão do Barreiro, Baía do Pote, Baía das Éguas, Paratudal, Cangiqueira, Intermédio, Presidente, Cerro, Boiada, Águas Verdes, Sages, Pouso do Carvão, Baía de Pedras, Figueira, Curral Novo, Concerto, Figueirinha, Tuiuiú, Tarumã, Ramos, Morro do Caixão, Formosa, São Pedro, Capim

Branco, Pintada, Carandazal, Chico Correia, Lagôa Grande, Aldeia Velha, Nandipá, Cordilheira Cabonevoa, Curral Refugio, Serrinha, São Carlos, Cervo, Lagôa Farias, Cambraia, Bolivianos, Capão Bonito, Curral da Disparada, São Bento, Liberdade, Capão da Arara, Carrapatinho, Taquaralzinho, Flôres, Capão de D. Ana, Botafóra, Nhaembé, Estradela, Urumbebas, Moçambique, Perobinha, Azinheiro, Aguassú, Sucurí, Parobé, Noronha, Formigueiro, São João, Urumbamba, Vassourinha, Buracão, Melgueira, Cerro Joaquim Velho, Cabano, Alfavaca, Juca, Passeio, Cabras, Matinha, Anhumas, Covadonga, Encontra, Cerro Urubú, Pacupeva, Volta Grande, Água Maré, Riachuelo, São José, Marrecas, Timbozinho, Ferrariá, Bugio, Iporanga, Tapiroga, Estância, Pouso Alto, Tamanduá, Carijo, Pavuna, Jacaré de Cima, Água Quente, Passo Rico, Boa Vista, Zapalhos, Tamborzinho, Quatis, Alegre, Santa Helena, Estrebaria, Lagôa Vermelha, Sumburá, Minas Novas, Diligência, Aroeira, Jardim, Sumbaré, Aimoré, Poço Séco, Onça Parda, Recreio, Santo Eugênio, Mata Pasto, Furna, Santa Rosa, Toco Preto, Ramaria, Mandioccal, Conceição, Quatro Favas, Jacucaca, Pai Tomaz, Jacaré de Baixo, Porto da Onça, Beira Baixa, São Simão, Vinhático, Taiamá, Pita Canudo, Sinimbú, Virá, Militares, Gramal, SAVEDRA, Santa Margarida, Maribondos, Conchinhas, Barra do Brejo, Atravessio, Coveiro, Corixo Comprido, Pouso das Aves, Santa Clara, Joazeiro, Florida, Barreiro Preto, Polvarinho, Forasteiro, Araputanga, Serra Morena,

Cocais, Areião, André Quicé, São Mário, Passo das Antas, Quatós, Passo Criminoso, Capitão Fernando, Montaria, São Caetano, Pastorador, Gordas. Aguacerito, Trincheira Velha, Uberaba, Terra Firme, Uembé, Atalho, Judas, Vista Rica, Passagem Nova, Baiazinha, Corixo, Sumidouro, Passo do Corvo, Guaicurus, São Sebastião, Pitombeiras, Irmandade, Paraizo, Jatobá, Atalaia, Tamarindo, São Ricardo, Tres Pontas, Santo Alberto, Filipinas, São Fidelis, Passo das Piranhas, Independência, Sicheira, Batalha, Indaiá, Piassava, Reunião, Goiabeiras, Areia Preta e Acurizal, estando tanto aquelas sesmarias como estas posses, cujas medições lhes dão a área total de 881.058 hectares, situadas no Município de São Luiz de Cáceres, e abrangendo toda a península que tem por limites: ao norte, o Rio Paraguai e o Rio Jaurú... ao sul o rio Paraguai, a Lagôa Uberaba e a Corixa Grande; a léste, o Rio Paraguai; a oeste, a Corixa Grande e a noroeste a linha quebrada... linha esta que, partindo da margem direita do Jaurú, vai ter á margem esquerda da Corixa Grande, e constituindo todas as sesmarias e posses o estabelecimento industrial e pastoril denominado Descalvado; e que, tendo em vista os autos das medições e demarcações acima especificadas, os quais se acham arquivados na Repartição de Terras do Estado, resolvi mandar passar a requerimento da «Societé Industrielle et Agricole au Brésil», á qual legitimamente pertencem, atualmente, as referidas sesmarias e posses, em substituição dos títulos

parciais de cada uma delas, afim de poder a citada sociedade gozar de todos os direitos e cumprir todos os onus que a lei lhe garante ou impõe. Dado e passado na Repartição de Terras, Minas e Colonização, em Cuiabá, aos 18 dias do mês de Março do ano de 1912, 24.º da República...»

O Estado reconhece, pois, em vista do título acima transcrito, o direito da "Societé Industrielle et Agricole au Brésil" ás terras compreendidas entre a Corixa Grande e o Rio Paraguai, considerando contíguas as posses e sesmarias adquiridas, sucessivamente, pelo anterior proprietário do Descalvado, naquela zona fronteiriça.

Nenhuma referência se encontra, no título de posse em apreço, ao antigo destacamento federal da Corixa Grande, que deu nome a uma paragem da Corixa, situada na estrada São Matias-Descalvado. Ha, contudo, á margem esquerda da Corixa, uma faixa de terras conhecida pela designação de Concessão Federal, a qual compreende as terras do Destacamento.

A fazenda do Descalvado é explorada, atualmente, pela "Brazil Land, Cattle and Packing Cy", que continua a abater gado no sa-

ladeiro do porto. Os campos estão, em parte, arrendados a pequenos criadores.

Durante a Grande Guerra, a sociedade belga intensificou a produção do saladeiro do Descalvado, abatendo desordenadamente o gado, até quasi o esgotamento dos recursos da fazenda. Seguiram-se anos de inatividade. Os campos foram arrendados a criadores da região, pequenos criadores de São Luiz de Cáceres. Ultimamente, a Brazil Land recommençou os trabalhos do saladeiro. Mas está muito longe de alcançar as cifras de produção dos anos passados.

\*

O abandono destes campos e a decadência da pecuária, outrora florescente na Fronteira, graças aos destacamentos militares, ao tempo do Império, é, evidentemente, um reflexo da falta de segurança em que se vive naquela região.

Numerosos Brasileiros e Bolivianos, civilizados e indígenas, estão envolvidos, ha anos, num banditismo ostensivo. As acusações pesam sobre famílias numerosas e antigas em



que a ambição, aliada á ignorancia, implantou a desharmonia, colocando muitos de seus membros fóra da lei e em campos opostos. Assim, questões antigas, sempre renovadas, de posse de campos e gado, separam em grupos hostis moradores da Baixa Fronteira — Fumacianos, Montebrancanos, etc.

\* \* \*

29 de Novembro. Durante nossa permanência em Porto Esperidião, posto que não excedesse 24 horas, o sub-delegado de Polícia recebeu queixas de dois grupos antagônicos. Eram ambos Fumacianos.

## VIII

### VIAS TERRESTRES DA FRONTEIRA

São Luiz de Cáceres está ligada á Fronteira por duas estradas: a da Alta Fronteira e a da Baixa Fronteira.

A estrada da Alta Fronteira atravessa os campos da Caissara, no rumo oeste-noroeste: vai ter ao Porto Esperidião, no Jaurú; transpõe o divisor das águas do Jaurú e do Guaporé, atravessa o curso superior deste último rio, na estação Pontes e Lacerda, e termina em Vila Bela.

A estrada da Baixa Fronteira, partindo de Vila Bela, no Guaporé, percorre de norte a sul os campos de Casalvasco, passando por Bastos, onde atravessa o Alegre; Porto de Teilha, onde transpõe o Barbados; São Luizinho,

Salinas, Guave, Fortaleza (Boa Vista); transpõe o Ribeirão Santa Rita, contravertente do Alegre, corre a linha divisória com a Bolívia, até as proximidades de São Matias, passando por Aguassú, Toca-Vaca, Areias, Pirizeiro e Campo Alegre, no baixo Jaurú, e pelos campos da Caissara, no rumo nordeste, donde demanda São Luiz de Cáceres.

Nenhuma destas estradas merece a denominação de rodovia. A estrada da Alta Fronteira permite trânsito de cavaleiros, em toda a extensão, e de carretas, entre a Caissara e os portos do Jaurú. Durante a estação das águas as duas seções extremas (Caissara-Porto Esperidião e Pontes e Lacerda-Vila Bela) são prejudicadas pela inundação do Pantanal.

A estrada da Baixa Fronteira, durante a sêca é transitada por viaturas — carretas de bois e caminhões automoveis. Em chegando, porém, a estação das chuvas, este trânsito se interrompe, tornando-se também difícil o de cavaleiros e cargueiros, por isso que atravessa terrenos baixos, vazantes e campos que, então, se cobrem de extenso lençol d'água. Os corixos são obstáculos de difícil transposição a

simples cavaleiros, quando tomam volume, com as chuvas consecutivas da estação.

Na Alta Fronteira, além do eixo que mencionamos, aproveitado pela Linha Telegráfica, encontramos um caminho antigo que, partindo de Porto Esperidião, vai ter ao Registro, cerca de quinze quilómetros a noroeste daquele porto, pela margem direita do Jaurú. Sempre por esta margem, ainda se encontram os caminhos que ligam Porto Esperidião a Campo Alegre, pela Fumaça, e a São Matias, por Morro Branco e Aguassú. Outro caminho, partindo dos campos do Santissimo, na Linha Telegráfica, segue para o sul, atravessa o Aguapeí e vai sair nas Conchas, entroncando-se na estrada da Baixa Fronteira.

Nesta zona (Baixa Fronteira) é mais densa a rede de caminhos vicinais. Tres eixos principais, oriundos da Bolívia, vêm ter á estrada da Baixa Fronteira: um por Ascención, outro por Las Petas e o terceiro por São Matias.

A oeste das duas roçadas que mencionamos, á margem direita do Jaurú, ergue-se o obstáculo da Serra de Santa Bárbara, divisor

de águas Jaurú-Guaporé. A oeste da serra, ficam os campos de Casalvasco, cortados de caminhos que da fronteira conduzem ao Morro Branco e a São Luizinho, ligando entre si as localidades.

\*

Em 1898, o Engenheiro Esperidião Marques efetuou o reconhecimento de uma rodovia, ligando o antigo porto do Salitre (Porto Esperidião), no Jaurú, á ponte Velha (estação Pontes e Lacerda), no Guaporé. Mais tarde, em 1906, o mesmo engenheiro dirigiu os trabalhos de adaptação da referida estrada ao trânsito de um locomovel pertecente ao industrial Balbino Antunes Maciel.

O traçado desta estrada é, aproximadamente, o mesmo da Linha Telegráfica de Vila Bela, isto é, o da velha estrada colonial.

A rodovia do Guaporé foi, então, orçada "com a mais rigorosa economia" em 24:000\$ (vinte e quatro contos de reis).

"Em todo o percurso de 120 km, que podem ficar ainda reduzidos talvez a 115 ou menos por melhores estudos, na ocasião do início

dos trabalhos — não se encontram acidentes geográficos de importância. Não ha senão pequenos córregos; não ha morros ou vales a transpôr que mereçam tais nomes. Ha colinas facilmente acessiveis e vargens baixas que em certos lugares precisam de aterros e de outros melhoramentos. Ha muita mata que demanda trabalho de roçados, derrubadas e destocamento”. (Dr. Esperidião — 1906).

O primeiro reconhecimento da rodovia do Guaporé, feito pelo mesmo engenheiro, partiu do Registro do Jaurú, cerca de 20 km. a montante de Porto Esperidião, com a seguinte quilometragem:

|                                    |           |
|------------------------------------|-----------|
| Registro ao Córrego Tombador ..... | 6.000 ms  |
| — á Lagôa João Pereira .....       | 18.000 »  |
| — ao Córrego das Lages .....       | 47.000 »  |
| — á Vargem da Estiva .....         | 76.000 »  |
| — ao Pau da Tolda .....            | 88.600 »  |
| — á Ponte Velha (Guaporé) .....    | 120.000 » |

No ano de 1906, a velha estrada colonial, na seção compreendida entre o Salitre, no Jaurú, e a Ponte Velha, no Guaporé, foi adaptada pelo Dr. Esperidião para o tráfego de um locomovel, ao qual já fizemos menção. Em 1907, a

Comissão Rondon melhorou a referida seção, construindo pontilhões de madeira, nos córregos atravessados pela linha telegráfica.

\*

O reconhecimento efetuado pelo Engenheiro Esperidião, em 1898, partindo do Registro do Jaurú, seguiu o vale do Ribeirão dos Bagres, até os campos do Santissimo. Dali em diante coincidem os dois traçados — o da estrada colonial e o da projetada rodovia.

“Por mais de 1.000 metros (observou o Dr. Esperidião) vai a picada correndo em terreno perfeitamente plano e arenoso (partindo do Registro para oeste). Chapadas limpas e vargens estreitas. Atravessa depois a grande mata do Tombador, sai-se numa chapada alta e desce-se numa vargem. Tudo facil para estrada de rodagem ou via férrea. Terreno quasi nivelado e madeiras de lei ao lado da estrada.

“Com 12.000 metros, chegamos á lagôa João Pereira. Rodeada de frondosa mataria... Ha muitos peixes e por isso é frequentada pelos índios. ...deixando-a (a lagôa João Pereira) á esquerda, fomos almoçar no córrego das

Antas, tendo percorrido esplêndido chapadão, completamente assentado. Este (o córrego) é uma pequena vertente ou brejo; não tem importância. Não estorva as carretas. Sobe-se e se perde diante da imensidade de tantos campos. São campos do Santíssimo, onde, dizem, outrora se criou muito gado.

“... pulamos o córrego do Santíssimo. Tem quatro metros de largura, barranco de um metro e meio. Quando cheio, transborda. Agora o córrego está todo cortado (em Setembro); não corre. Mata estreita orla o córrego.

“Dessa vargem em diante, o terreno é ligeiramente ondulado. A picada está seguindo o trilho velho, correndo hoje em campo, tudo facil para estrada.

“Com 47 quilómetros chegamos ao córrego das Lages, assim chamado por causa da abundância de pedras que aí se vêem e que reputamos um granito... A rocha que vimos é bastante resistente ao golpe do martelo e serve perfeitamente para as construções. Este córrego não tem importância e do mesmo modo o do Imbirussú (que fica antes do córrego das Lages).



“Tão logo se pula o córrego das Lages... o terreno é mais ondulado; está coberto de areia branca e grossa, onde abunda o quartzo grosseiro.

“Passamos o córrego Fundo, que tem 4 metros de largura e 2 de barranco. Todos os córregos que temos visto vão ao Jaurú, acima do Destacamento (Registro).

“Fomos dormir no Ribeirão dos Bagres. Este ribeirão vem do norte. Todos estes córregos, na sêca, se transformam em poços d'água, aqui e acolá.

“Continua o terreno ligeiramente acidentado. Atravessa-se mata alta de uauassuzal e uacurí, o solo aí é plano; ao sair da mata vai-se deixando á esquerda uma linha de morros, cobertos de mataria; vai-se viajando pelas encostas, onde não ha grandes declives.

“O córrego do Burití Redondo é apenas uma vazante da vargem, muito estreito e de pouca água... Continua-se depois a deixar pela esquerda terrenos acidentados. Chegamos ao córrego do Cemitério, numa vargem comprida e muito estreita.

“É com um total de 76 quilómetros que chegamos á vargem da Estiva. Os morrotes da esquerda desapareceram.

“Ao pular este corregozinho (Estiva) sai numa estreita mata e depois em largo e assentado chapadão quasi nivelado.

“Principia depois a mataria. Atravessam-se trechos de terrenos bem acidentados e chega-se ao lugar chamado Pau da Tolda. Nesse percurso de 12.600 metros não se encontrou mais córrego.

“Estamos viajando por meio de matas de uauassuzal, uacurizal e cambaiuval. O terreno é plano. Á nossa esquerda, á distância de 500 metros, principiam a aparecer morros, cuja direção é mais ou menos para o norte. Estes morros fazem parte da Serra de Santa Bárbara, que está entre o Jaurú e o Guaporé, de um lado, e Alegre e Aguapeí de outro.

“Do arraial de Lavrinhas nada mais resta senão os grandes paredões da igreja, que estão ainda de pé. . . Ao sair do pouso, atravessamos um pequeno charco, na vargem de Lavrinhas. Entra-se na mata do Gama, que é plana, tem

solo consistente, coberto de pedregulho. Ao sair da mata do Gama, logo depois da última vargem, penetra-se na mata do Guaporé.

“Penoso foi o trabalho de passagem das cargas, porque foi feito em pelota e o rio (Guaporé) é bastante profundo e corre muito (na Ponte Velha, atual estação Pontes e Lacerda). Abriamos portos em uma e outra margem. As margens são baixas e nas grandes cheias se alagam. Ha, porém, redutos de terra firme. Largura do rio 31.m15. Profundidade no canal — 2.m50 a 3.m00.

“Lagôa do Burití. Está a lagôa no meio de esplêndida campanha, muito apropriada para a criação de gado. Grande lagôa, porém, pouco profunda. Não seca. O campo é só povoado de veados, que vivem perseguidos pelos índios, que frequentam muito este lugar.

“De Burití em diante continuam belísimos campos, sem rivais no Estado”.

\*

O Engenheiro Esperidião da Costa Marques registrou as seguintes distâncias entre Cáceres e Vila Bela:

| Localidades            | Distâncias |         |
|------------------------|------------|---------|
|                        | parcial    | total   |
| Mato-Grosso (V. Bela)  | 0 km       | 0 km    |
| Bastos .....           | 12 —       | 12 —    |
| Passagem do Alegre ... | 30 —       | 42 —    |
| Casalvasco .....       | 12 —       | 54 —    |
| Rio Barbados .....     | 12 —       | 66 —    |
| São Luiz .....         | 18 —       | 84 —    |
| Salinas .....          | 24 —       | 108 —   |
| Encruzilhada .....     | 48.5 —     | 156.5 — |
| Guave .....            | 48 —       | 204.5 — |
| São João .....         | 24 —       | 228.5 — |
| Ascención .....        | 42.6 —     | 271.1 — |
| Petas .....            | 48 —       | 319.1 — |
| Santa Rita .....       | 24 —       | 343.1 — |
| Piedade .....          | 60 —       | 403.1 — |
| Uauassú (Aguassú) ...  | 24.5 —     | 427.6 — |
| Fumaça .....           | 36 —       | 463.6 — |
| Cacimba .....          | 30 —       | 493.6 — |
| Pau Sêco .....         | 12 —       | 505.6 — |
| Pirizal .....          | 12 —       | 517.6 — |
| Caissara .....         | 18 —       | 535.6 — |
| São Luiz de Cáceres .. | 12 —       | 547.6 — |

Em Agosto de 1928, o Sr. Alberto Giusti, guarda-livros de São Luiz de Cáceres, empre-

endeu uma viagem de auto Chevrolet a Vila Bela. A viagem de ida foi realizada em onze dias e a de regresso em cinco. Tanto a primeira como a segunda se fez pela estrada da Baixa Fronteira.

O percurso total foi calculado pelo Sr. Giusti em 72 1/2 léguas. As condições da estrada, segundo as informações colhidas, durante a sêca (em Agosto se está no rigor da estação sêca), eram boas em 50 léguas de percurso, más em 7 léguas e péssimas em 15 1/2 léguas.

Na estação das águas, desde as primeiras chuvas de Novembro, torna-se atualmente impossível, o tráfego de autos, pela Baixa Fronteira, salvo nalgumas seções. A estrada colonial (Alta Fronteira), não permite, atualmente, esse tráfego, nem na seção outrora servida pelo locomovel do industrial Balbino Maciel. Na Baixa Fronteira, durante as águas, é impraticavel o percurso total de Cáceres a Vila Bela. Os corixos são obstáculos que não podem ser vencidos por viajantes, sem um trabalho prévio, que seria a construção de pontes de extenso

lastro sobre estacadas que, em certos corixos, teriam mais de quinhentos metros de extensão.

Uma primeira solução para a travessia dos corixos será ainda a balsa, que tanto poderá transportar animais como pequenas viaturas. A travessia será facilitada a este tipo de embarcação pela pequena profundidade dos corixos, que raramente excede a dois metros.

\*

Um dos problemas mais interessantes do setor do Alto Paraguai é o da ligação econômica das duas rédes fluviais que nele se avizinhavam: a do Guaporé e a do Paraguai.

A ligação fluvial Aguapéi-Alegre, tentada no Governo do Capitão-General Luiz Pinto de Souza Continho, em 1772, foi frustrada pela impraticabilidade da navegação daqueles rios. Ainda em nossos dias, examinada por técnicos, é considerada inexequível.

Restam as vias terrestres. Desde o início da colonização do Guaporé, no século 18º, abriram-se duas vias, que são as atuais estradas da Alta e da Baixa Fronteira. A primeira, apro-

veitada para o traçado da Linha Telegráfica, pela Comissão Rondon, depois de ter sido traçada por locomovel, ao tempo em que o Guaporé viu a prosperidade de sua principal indústria extrativa — a goma elástica — está com suas obras d'arte danificadas pela ação do tempo, falta de conservação. É transitada por cavaleiros e cargueiros em qualquer estação, porquanto atravessa a zona de terras altas que culmina na Serra de Santa Bárbara, divisor Jaurú-Guaporé, circunstância que lhe assegura a precedência, no caso de voltar á baila o velho problema da ligação das duas bacias em apreço.

A estrada da Baixa Fronteira, procurando os campos irrigados pelos Rios Alegre e Barbados, até as vazantes da Fronteira, levá a vantagem de correr na planície, permitindo, modernamente, o tráfego de automoveis. Mas tem a viabilidade em estreita dependência do Pantanal, isto é, do regime das águas dos numerosos corixos, córregos, rios e baías que atravessa, desde que transpõe o Guaporé, em Vila Bela, até alcançar o Paraguai, em São Luiz de Cáceres.

A terceira e definitiva solução do problema da ligação Amazonas-Prata, por intermédio dos dois galhos vizinhos daquelas bacias continentais — o Guaporé e o Jaurú — posto que, no momento, fóra de cogitações, seria, a nosso vêr, a ferrovia Jaurú-Guaporé.

Esta ferrovia, á qual assentaria bem o nome de Estrada de Ferro Matogrossense, foi preconizada e até estudada pela primeira vez, em 1898, pelo Engenheiro Esperidião da Costa Marques. Teria a Estrada de Ferro Matogrossense, segundo o Dr. Esperidião, a bitola de 76 cm. e o desenvolvimento de 120 quilómetros. Custaria (em 1906) o quilómetro 18:000\$, ficando o custo total em 2.160:000\$.

O Engenheiro americano William Roberts preconizava a estrada de ferro de bitola muito estreita como “o método mais vantajoso” para desenvolver o interior do Espírito Santo e Minas-Gerais.

“Um plano geral de estradas de ferro, dizia aquele técnico em relatório ao Ministro da Agricultura, em 1884, baseado sobre o sistema de estradas de bitola muito estreita, póde ser adoptado nesta região virgem de estradas, co-



mo sendo o mais econômico e o mais vantajoso, tanto para o Governo como para o povo. Sobre uma linha de dois pés de bitola pode-se montar carros, oferecendo aos passageiros confortos regulares e transportar cômoda e economicamente para os portos marítimos ou para os pontos onde termina a navegação dos rios que para eles correm todos os produtos de uma região novamente aberta e cujo desenvolvimento fôr vantajoso. Se tais estradas de ferro econômicas não servirem para desenvolver os desertos interiores do Brasil, promovendo a colonização e cultura, muito menos servirão estradas de qualquer outra bitola, custando o dobro por quilômetro”. (Dr. Esperidião da Costa Marques — “Região Ocidental de Mato-Grosso” — 1906).

O traçado da ferrovia projetada pelo Dr. Esperidião é, aproximadamente, o mesmo da rodovia Jaurú-Guaporé, hoje utilizada para as comunicações entre Porto Esperidião e Pontes e Lacerda.

\*

A realização da rodovia Jaurú-Guaporé (Ponto Esperidião a Pontes e Lacerda) seria

de conseqüências econômicas imprevisíveis. Com o pequeno desenvolvimento de 120 quilômetros de fácil construção e conservação, estabeleceria a continuidade de transportes entre as duas grandes vias fluviais do Continente: Madeira-Guaporé e Jaurú-Paraguai (tanto vale dizer Amazonas-Prata).

O comércio do Departamento do Beni com o Sul da Bolívia, que ora se faz pelas carretéis, através dos sertões do Oriente Boliviano, seria, naturalmente, canalizado para aquela rodovia, mercê de um regime aduaneiro conveniente a ambos os Países interessados. Soldando duas vias fluviais secularmente trafegadas, a rodovia Jaurú-Guaporé permitiria o transporte sem interrupção, nos dois sentidos, em condições incomparavelmente melhores para o comércio internacional, entre os portos da zona Beni-Mamoré e o médio Paraguai.

## IX

### CLIMA E ENDEMIAS

O Setor do Alto Paraguai participa das condições climáticas do Pantanal e da Amazônia, com as duas estações bem caracterizadas: estação da sêca, que se estende de Abril a Outubro, e estação das águas, que compreende os meses de Novembro a Março.

O clima desta região é quente e húmido. Na estação da sêca, os dias são acentuadamente quentes, mas as noites são frescas, por vezes frias. Na estação das águas, nos dias que precedem os aguaceiros, a temperatura se eleva, o calor é intenso, quasi asfixiante. Na maior parte da estação, a temperatura é incostante; ora grande humidade e mesmo chuva, ora calor sêco. Nos meses de Maio a Agosto, sobrevêm

as friagens, trazidas pelos ventos dos Andes, prolongando-se por vários dias, às vezes semanas seguidas, com temperatura muito próxima de 0° C.

O clima do Setor do Alto Paraguai é o da Baixada de Mato-Grosso.

“O Estado de Mato-Grosso compõe-se de duas vastas regiões: o planalto e a baixada, sendo-lhes bem diferentes as condições climáticas, pelo seu hipsometrismo, natureza e influência do solo. O planalto é de clima salubérrimo, magníficas águas potáveis, o ar mais sêco e, portanto, mais saudavel; a temperatura é aí relativamente baixa, as moléstias endêmicas são aí quasi desconhecidas.

“Infelizmente a esta seção (Cáceres-Vila Bela) coube a pior das zonas, operando quasi sempre em terrenos húmidos, regiões de pantanais e de temperatura incostante”. (Dr. A. Calasans — Com. Rondon — 1908).

É quasi secular o renome de insalubridade dos vales do Jaurú e do Guaporé, cujos tributários cortam os campos da Fronteira, espalhando a toda esta zona os mesmos receios das endemias que tão pesados tributos têm cobrado

às expedições, que até lá se têm aventurado, e às populações que nela vivem.

A experiência da Comissão Rondon, registrada nos relatórios oficiais, e a atual situação de abandono em que se encontram aqueles vales, aparentemente condenados a maior descaso, quiçá ao progressivo despovoamento, seriam capazes de infundir o desânimo definitivo e irremediável a quem procurasse, hoje, com bom senso, auscultar as condições da vida econômica, base de qualquer tentativa de reerguimento e animação do longínquo Oeste Matogrossense, desde que não soubesse investigar a verdade, através dos mesmos depoimentos desfavoráveis dos cientistas que, modernamente, têm perlustrado aqueles Sertões fronteiriços; nem se deixasse empolgar pelo estoicismo vitorioso das populações que tão bravamente têm sabido conservar o espírito de brasilidade, naqueles rincões abandonados da Pátria, assistindo á derrocada dos monumentos de uma civilização que tanto honra o Brasil e preferindo perecer sob as ruínas dos edifícios vetustos a procurar agasalho noutras terras em que, mais perto dos Governos, poderiam

desfrutar a parcela de felicidade social que lhes cabe na comunhão brasileira.

Quando se refere a Vila Bela e ao Guaporé, aquele renome de insalubridade culmina sob o rosário de impropérios científicos com que se traduz o quadro nosológico da região, maldizendo-se a terra e se esquecendo a responsabilidade que se deveria atribuir ao homem, não somente aos dirigentes, mas ás mesmas vítimas das endemias que, por ignorância, descuido ou falta de recursos, não praticam a hygiene conveniente, que seria sua melhor defesa.

Não nos parece, em verdade, haver razão na fisiografia para que Vila Bela seja mais insalubre que São Luiz de Cáceres ou Guajará-Mirim. Situada entre o Pantanal e a Amazônia, Vila Bela deve sofrer as mesmas vicissitudes climáticas de suas vizinhas. No entanto, a insalubridade não tem sido motivo de decadência dos dois Municípios referidos. São Luiz de Cáceres, desde a queda da borracha e a cessação da atividade da Comissão Rondon, estacionou em seu desenvolvimento econômico, reduzida quasi exclusivamente á pecuária e á poaia; mas procura reagir, vendo na recente

valorização da borracha e na procura do aguasú novas perspectivas de progresso. Guajará-Mirim, graças a sua situação privilegiada de entreposto do comércio do Madeira, entrou numa era de franca prosperidade, a despeito do clima e das endemias. Assim, somos levados a crêr que o Guaporé e sua vetusta cidade ainda poderão acolher em nossos dias, como em tempos idos, numerosa população nacional, entregue aos labores da paz, saudavel e feliz, desde que se voltem para o vale prodigioso as vistas do Governo Federal por intermédio do Exército, proporcionando-lhe meios de profilaxia e recursos econômicos e financeiros para uma obra duradoura de reerguimento e de progresso.

Encontra-se, aliás, num depoimento insuspeito de optimismo ou de fantasia a base do que acabamos de expender a respeito da salubridade do Guaporé:

“É natural supôr que a cidade de Mato-Grosso, outrora, a tão florescente Vila Bela, não fosse por tal modo insalubre se, como já nos referimos, o povo se entregasse a alguma sorte de trabalho, alimentando-se conveniente-

mente e si um saneamento criterioso, inteligente e incessante fosse posto em prática, naquela infeliz cidade. Entretanto, por sua situação topográfica, parece-nos que ela não gozará jamais de uma salubridade completa, pois, situada em terrenos baixos, é alagada em parte, anualmente, durante as cheias do Guaporé". (Dr. Armando de Calasans — Com. Rondon — 1908).

Pensamos, em verdade, que futuramente, quando o desenvolvimento econômico do vale do Guaporé permitir maior população e a lendária cidade dos Capitães-Generais ressurgir, como a Fenix, das próprias ruínas, ha de se povoar a Serra de Ricardo Franco, que lá está defronte da vila, com seu extenso planalto, matas, campos e aguadas excelentes, quasi mil metros acima do nivel do Guaporé — futura Petrópolis dos Matogrossenses, comportando um novo município e outra cidade, sobre os alcantis azues da margem esquerda.

Para sermos justos com a terra, cumprenos assinalar as condições físicas em que o homem costuma enfrentar as endemias. As populações regionais padecem do mesmo mal,



que é nacional, da alimentação deficiente, desde a infância. Quanto às expedições oficiais, especialmente as militares, não se observa, em geral, nenhum critério de seleção para o pessoal, quanto á robustez física ou á aclimatação prévia. Sujeitos a trabalhos excessivos e a regime alimentar deficiente, tornam-se presas faceis dos males da região.

“Em que pese á administração de quem quer que seja, 60 % dos soldados vindos para estas paragens são indivíduos depauperados, enfraquecidos e muitos sem a robustez física necessária para o serviço; outros sofrendo de moléstias crônicas, sifilíticas e tantos outros em condições de receptividade mórbida. Por isso não devemos extranhar que, no nosso mapa apenso ao presente relatório, consignemos varios casos de moléstias que aí não se apresentaria se para estes importantes serviços de campo mandassem indivíduos sãos e com a robustez indispensavel”. (Dr. A. Calasans — Com. Rondon — 1908).

Cumpre-nos, igualmente, com o mesmo escopo, ressaltar a natureza dos trabalhos e a despreocupação de conforto com que, em geral,

operam na região em apreço, não somente as expedições oficiais como também as organizações industriais, sem preocupações imediatas de ordem social, antes de tirar ilações atinentes aos empreendimentos modernos ou futuros, tendo em vista a colonização militar e o estabelecimento de um sistema de defesa de Fronteiras que corresponda ás aspirações daquelas regiões e a maior eficiência militar.

“No nosso primeiro acampamento, em frente á cidade de Cáceres, o terreno onde forçoso foi nos instalarmos, bem assim todo o percurso do serviço até Caissara, era então alagado; aqui e ali enormes vazantes e corixas dominavam quasi toda a zona; soldados e oficiais com água muitas vezes até o peito enfrentavam, durante dias, o serviço que prosseguia sem interrupção. Surgiram desde logo casos de paludismo, moléstias do aparelho respiratório e afecções cutâneas diversas.

“Prosseguindo, observamos que o terreno ia melhorando; nessa época, já as águas haviam baixado; já outro ar mais oxigenado se respirava; era outro, portanto, o físico do soldado. Começa a melhorar o estado sanitário.

“Nada digno de nota poder-se-á dizer sobre outros acampamentos e bivaques, nem mesmo sobre o acampamento á margem do Guaporé, lugar que a muitos se afigura inhabitavel e que, entretanto, foi relativamente bom, quanto ao estado sanitário. Podemos mesmo dizer que parece não ter fundamento a versão de que, na época das águas, todos aí chegados serão forçosamente vitimados pela infecção paludosa. É mais natural supôr que, na vazante, seja a zona muito pior, por isso que exalações pútridas surgirão de toda parte, emanações deletérias da decomposição dos vegetais se darão em maior escala.

“Chegando a este último lugar (Vila Bela), onde terminava o nosso serviço, observamos logo que iamos acantonar em lugar insalubre; o abandono em que permanece, hoje, esta localidade é lamentavel.

“É notavel a absoluta falta de higiene; o povo aí vai vivendo com insignificante alimentação, mal vestido e residindo em velhos casebres em ruínas, onde mal penetra a luz e o ar, abusando dos banhos em horas de maior calor e quasi diariamente entregue a libações al-

coólicas. Ou porque o senhor Major Chefe desta Comissão mandasse proceder a rigorosa limpeza na abandonada cidade, ou porque os habitantes fossem logo arrastados ao serviço de linhas e outros que lhes foram oferecidos e aceitos ou ainda porque se lhes oferecesse ocasião de melhor se alimentarem ou por qualquer outra causa, o fato é que foi satisfatório o estado sanitário daquela população e do nosso pessoal, durante a nossa permanência naquela cidade.

“O traçado da linha que vimos de construir (Cáceres-Vila Bela) teve pontos obrigatórios de passagem nos rios Paraguai, Jaurú e Guaporé; outros córregos somenos marginam aquele traçado; entretanto, podemos dizer que sofremos a quasi absoluta falta de água em quasi todo o trecho. Várias cacimbas foram abertas e não foi raro succeder terem de ser desprezadas, devido á má qualidade da água fornecida muitas vezes de mau cheiro ou salobra. Em outras predominavam os saes calcáreos, dando em resultado a formação do bócio, que tivemos ocasião de verificar em diversas pessoas”.

“O pessoal que trabalhou nesta seção (Cáceres-Vila Bela) era na média composto de 230 pessoas; o número de doentes que baixavam diariamente regulava de 3 a 4, dando na média 2 %, aproximadamente. Daí se conclue que a zona que atravessamos durante o período mencionado nos mapas juntos foi relativamente boa quanto á salubridade”. (Dr. A. Calasans — Com. Rondon — 1908).

\*

São tres as endemias do Alto Paraguai: o paludismo, sob suas diversas modalidades, a anquilostomose e as úlceras ou feridas bravas.

“A malária em toda a zona do Guaporé e seus afluentes e na zona da mata, constitue a entidade mórbida de índice endêmico mais elevado. Como fatores etiológicos, encontram-se as espécies conhecidas do Plasmodium humano: Vivax, Malarial e Immaculatum.

“A anquilostomose, observada com rara intensidade em toda esta vasta superfície, onde seus malefícios são consideraveis, traz como consequência os estragos de extrema anemia,

quasi sempre a par de infecção palúdica, o que mais agrava a condição orgânica do indivíduo.

“A leishmaniose, a úlcera de Baurú, a úlcera Americana é um dos grandes fatores de devastação dos valentes e abnegados habitantes de Mato-Grosso”. (Dr. Leopoldo Ambrózio Filho — Parecer — 1936).

O paludismo, sob suas várias manifestações clínicas: febre intermitente, pernicioso, remitente, contínua e larvada, bem como combinações dessas e muitos casos de remitente biliosa e tifo malária (Dr. Calasans) — lavram com mais frequência e intensidade na estação das águas, durante as enchentes do Pantanal, especialmente na ocasião em que baixam as águas, atacando por vezes toda a população. É incontestavelmente o maior flagelo da região, particularmente do vale do Guaporé.

Outra endemia desta região, muito grave, posto que menos frequente que a malária, é a corrução ou maculo, que se suspeita ser uma modalidade do paludismo.

O Serviço Sanitário da Comissão Rondon registrou, em 1908, em 372 doentes, 81 casos

de paludismo (nenhum de corrução), em tres menses de campanha.

“Predominou o paludismo nas suas várias fórmias, atingindo a soma consideravel de 81 casos; vêm em seguida as feridas, contusões, ferimentos e varíola, que apresentam, respectivamente, os números de casos seguintes: 39, 30, 29 e 25.

“A mortalidade não atingiu, como se vê, a 3 %, não obstante ter a varíola dizimado 6 soldados”. (Dr. A. Calasans — Com. Rondon — 1908).

Em 1936, percorremos a região em apreço, nos menses de Novembro e Dezembro. Apesar de ser o começo da estação das águas, época reputada como perigosa, não observamos nenhum caso de paludismo, quer no pessoal da comitiva, que se manteve em perfeita saúde até o regresso a São Luiz de Cáceres, quer em moradores daqueles Sertões.

Desde meizados de 1936, grassava a varíola no Descalvado. As autoridades sanitárias de Corumbá e de São Luiz de Cáceres tomaram suas precauções e o mal não atingiu aquelas cidades, tendo ficado ao que parece limitado á

região em que primeiro se verificou o surto epidêmico. Todavia, em Belém (cerca de tres léguas de Boa Vista) havia, em Dezembro, um caso de varíola importado do Descalvado.

Em 1907, verificou-se, no Estado de Mato-Grosso, um dos maiores surtos variólicos de que ha notícia aqui, tendo assolado as principais cidades, inclusive a Capital. A Comissão Rondon, que então encetava a construção da linha telegráfica de Cáceres a Vila Bela, pagou também seu tributo.

O mal de Hansen parece muito raro na Fronteira. Soubemos de um caso único — uma menina, isolada num rancho, próximo á morada dos pais, no caminho da fazenda nacional de Casalvasco.

A oftalmia purulenta foi notada entre os caboclos de Casalvasco. Um doente mal suportava a luz do sol. Outras pessoas da família já apresentavam os primeiros sinais do contágio.

\*

“Em que pese ás opiniões contraditórias que predominam sobre a transmissão da malária pelos mosquitos, devemos dizer que veri-



ficamos a grande abundância de anófeles justamente nos lugares em que mais frequentes foram os casos de paludismo". Eis o depoimento do Chefe do Serviço Sanitário da Comissão Rondon, em 1908.

Com efeito, os períodos de maior intensidade do mal, em todo o Alto Paraguai, correspondem justamente ao começo e ao fim da estação das águas, em que se formam verdadeiras culturas de anófeles por toda parte, em numerosas e extensas lagôas e poças d'água estagnada, nos campos e matas marginais dos rios e corixos, até a completa inundação e escoamento das águas excedentes dos caudais permanentes ou a secagem dos terrenos encharcados pela evaporação.

Enquanto as obras de engenharia sanitária estiverem fóra das possibilidades daquela região, a profilaxia pelo quinino será a solução, aliás, satisfatória que, talvez, aquelas obras não possam de futuro dispensar. O quinino está consagrado em toda a Amazônia como preventivo da malária. A Comissão Rondon recorreu aos saes de quinino, desde o início de seus trabalhos.

“Sistematicamente, informa-nos o Dr. Calasans, médico daquela Comissão, nós e vários camaradas da seção usamos saes de quinino em doses de 20 centigramas, diariamente, durante a travessia em toda a zona pantanosa e afirmamos que nenhum de nós sofreu qualquer manifestação palúdica, como também não percebemos nenhuma perturbação no nosso organismo com o uso da quinina. Parece-nos, então, que este precioso medicamento deve ser usado como preventivo da malária pelos trabalhadores que tenham de permanecer em zonas como a que acabamos de atravessar (Cáceres-Vila Bela)”.

Conforme se pôde verificar pelo depoimento de uma autoridade sanitária da Comissão Rondon, o emprego dos saes de quinino, como preventivo contra as febres palúdicas, ha trinta anos, ainda não estava generalizado, tendo-se limitado, na seção de Cáceres-Vila Bela ao médico e **alguns camaradas**. Quanto aos trabalhadores da Comissão, limitou-se o uso do medicamento aos doentes, sob a fórmula de injeções hipodérmicas ou intra-musculares, depois de manifestado o mal. O resultado des-

sas medidas incompletas de profilaxia foi de-  
sastroso e não se fez esperar. A retirada da  
Comissão, após a inauguração da estação ter-  
minal, descrita pelo mesmo Chefe do Serviço  
Sanitário, em seu relatório, teve proporções de  
epopéia. A retirada de Vila Bela ficou nos fas-  
tos da Comissão Rondon como mais uma ma-  
gnífica demonstração de coragem física e mo-  
ral de nosso soldado, entre tantas outras que  
se registraram, durante a travessia dos Sertões  
do Norte de Mato-Grosso; mas também como  
ensinamento da importância dos serviços sani-  
tários em nossos cometimentos sertanistas.  
Cumprir, pois, ressaltar a experiência da bene-  
mérita Comissão, em se tratando da organiza-  
ção militar do setor do Alto Paraguai, o mesmo  
teatro da Retirada de Vila Bela, dando ao Ser-  
viço de Saúde o caráter de verdadeira organi-  
zação técnica primordial, no plano de coloni-  
zação militar da Fronteira, de modo que se pro-  
digalize aos humildes trabalhadores nacionais  
dos futuros núcleos, como aos soldados dos  
destacamentos, o quinineiro salvador, com a libe-  
ralidade proporcional ao interesse patriótico  
pelo reerguimento daquela região e o êxito do

empreendimento, certo o Governo de que a medida aparentemente onerosa redundará em economia, considerada esta sob o aspecto material de menores dispêndios e maior produção, e prosperidade, sob o aspecto moral do bem estar e da felicidade social dos colonos nacionais.

“Com a inauguração da estação telegráfica (informa o Dr. Calasans em seu relatório) estava terminada a nossa missão nesta cidade (Mato-Grosso) e o Chefe da Comissão ordenou imediatamente a retirada do pessoal e material da seção, retirada esta que se devia fazer no mais curto prazo possível, devido ao alagamento dos campos e á época em que geralmente se desenvolve o paludismo, conforme as informações dos habitantes da mesma cidade. Infelizmente, depois do primeiro dia de marcha da nossa retirada (27 de Fevereiro) começaram a aparecer os primeiros casos de infecção palúdica que tão grandes proporções assumiu depois. No primeiro bivaque a tres léguas da cidade, no lugar denominado Tombador, além dos doze doentes já existentes, adoeceram mais dez.

“No bivaque seguinte, de nome Coceira, o número elevou-se a trinta; no imediato, Boca do Mato, permaneceu o mesmo número e no quarto dia de marcha, no bivaque do Cataque, tínhamos mais dois doentes. A 3 de Março, depois de transposto o Rio Guaporé, bivacamos em Pontes e Lacerda, á margem esquerda desse rio, onde chegamos com 39 doentes. Como o número de doentes elevou-se no dia 4, a 53 e alguns em estado gravissimo, a marcha foi adiada, de sorte que só pudemos partir no dia 6, em que faleceu o soldado Amâncio Olímpio Xavier de Barros, vítima de polinevrite palúdica, doente deste 13 de Fevereiro. Continuando a marcha, fomos bivacar em Lavrinhas, tres léguas de Pontes e Lacerda, onde o número de doentes elevou-se a 110.

“Alijadas 13 carretas das bagagens respectivas, foram os doentes nelas transportados no dia 7 para Pedras Brancas, a mais quatro quilómetros, com grande dificuldade. Nesse lugar, antigo acampamento, existiam ranchos que serviram de abrigo aos doentes; por esse motivo e para medica-los, permanecemos aí o dia 8. Prosseguindo a 9 a nossa marcha, con-

seguimos atingir Pau da Tolda, dez quilómetros de Pedras Brancas, apresentando a maior parte dos doentes sensíveis melhoras, provavelmente pela ação benéfica das injeções intramusculares de quinina, que eram feitas sistematicamente em todos os paludosos. Partimos no dia 10 de Pau da Tolda, último bivaque dentro da célebre e fantástica mata da margem esquerda do Guaporé, cuja extensão atinge cerca de oito léguas. Lutamos para deixar esta mata com sérias dificuldades pela chuva abundante do dia anterior, que não só veio piorar ainda mais a péssima estrada, como também tornar bastante húmido este último trecho, concorrendo para agravar o estado dos doentes.

“Assim, depois de marchar duas léguas, alcançavamos Estiva Velha, onde apenas 30 pessoas não tinham sido atacadas pela epidemia. Nesse lugar, bastante alto, de temperatura amena e agradável, próximo do divisor das águas das bacias do Prata e do Amazonas, permanecemos dois dias. Tivemos a lamentar, no dia 12, a morte do vaqueiro civil Manoel Rondon de Almeida, vítima de um acesso perni-

cioso. No dia 13 continuamos a marcha, indo pousar em Córrego Fundo, onde esperamos, no dia 14, o auxílio de mais sete carretas. Já ali muitos dos doentes, que se achavam em melhores condições, auxiliavam a nossa penosa retirada. As marchas de Córrego Fundo em diante foram feitas á tarde e á noite, aproveitando o luar. Foi assim que partimos de Córrego Fundo para Arcias, na tarde de 14. Ali passamos a manhã de 15 e, á tarde, continuamos marchando para a Lagôa, onde muitos doentes apresentaram sensíveis melhoras. Do pouso da Lagôa a Papiros, onde chegamos a 16.

“Nesse pouso, como nos anteriores, passamos a manhã de 17 e, á tarde, continuamos a marcha, chegando a maior parte do comboio a Porto Esperidião, á margem do Jaurú, na noite de 17, quando faleceu a senhora Isabel Maria das Virgens, mulher de uma praça e vítima de febre remitente paludosa. No dia 18, chegava a carreta conduzindo o Segundo Tenente Joaquim Gomes de Oliveira, que desde o dia 9 teve as primeiras manifestações palúdicas, sem que julgássemos grave o seu estado. Infelizmente, no dia 19 ás 11 horas da manhã,

foi o nosso inditoso companheiro de saudosíssima recordação acometido de um acesso de febre perniciosa comatosa que, apesar de termos empregado tudo quanto os autores modernos aconselham em tais emergências, não pode ser debelado e tivemos o desgosto de assistir aos últimos momentos de vida do nosso desditoso companheiro, um dos mais esforçados na luta para a construção deste penoso ramal.

Lastimamos a falta de um microscópio, único elemento com que poderíamos julgar de antemão, pelo exame do sangue, da gravidade da infecção que o tinha acometido.

“Durante a permanência em Porto Esperidião, no período de 19 a 31 de Março, em que aí ficamos esperando condução fluvial para nos livrarmos dos pantanais, que a viagem terrestre até Cáceres apresentava, muitos dos nossos doentes, que já estavam em convalescença, pioraram consideravelmente.

“Como demorasse a condução, os mais fortes seguiram por turmas, fazendo a viagem por terra, com destino a Cáceres. Finalmente, o resto da expedição, com os doentes graves embarcou a 31 e descemos com inúmeras difi-



culdades o Rio Jaurú até a sua barra, subindo o Paraguai até Cáceres, onde chegamos na manhã de 6 de Abril.

“Durante a viagem, tivemos a lamentar a perda de tres pessôas: um soldado que foi arrebatado da lancha, na ocasião em que por falta de governo ela enconstou-se a uma das margens, sendo o seu convéz varrido pelos galhos e ramos das árvores que precipitaram várias pessôas n'água, desaparecendo ele, naquele momento, e não sendo encontrado, embora se empregassem todos os meios para salva-lo; o arrieiro da tropa que havia embarcado em estado gravissimo, vítima de febre remitente paludosa de fórmula tifoidéia e a mulher de uma praça, que estava atacada de polinevrite palúdica.

“Ao iniciar-se a retirada, a expedição compunha-se de 228 pessôas, sendo 9 oficiais, 160 praças, 43 civis, 14 mulheres e 2 crianças.

“Adoeceram até chegarmos a Cáceres: 5 oficiais, 152 praças e 44 civis (total de 201 doentes).

“Em Cáceres, ainda adoeceram dois oficiais e um civil, o que mostra que esta molés-

tia tem um período longo de incubação, podendo atingir até tres semanas, segundo a opinião de autores abalisados. Ficamos deste modo com um total de 204 doentes, havendo apenas seis casos fatais, o que dá uma perda de 3 %, perda assás insignificante em confronto com casos análogos que se têm dado em outras expedições.

“Felizmente estavamos preparados de modo que não tivemos falta nenhuma dos medicamentos aconselhados para combater a terrivel epidemia. Fizemos uso constante dos saes de quinino, principalmente sob a fórmula de injeções hipodérmicas e intra-musculares, cujos resultados tivemos ocasião de admirar.

“O paludismo apresentou-se sob as suas múltiplas fórmãs, tais como: febre intermitente, perniciosa, remitente, contínua e larvada, bem como combinação dessas e muitos casos de remitente biliosa e tifo malária. O resultado foi tanto mais lisongeiro quanto estando em constantes marchas e por último acampado nas margens do Jaurú, era difficil manter todos os doentes, principalmente as praças, no

regime dietético prescrito. É curioso notar que somente 24 dos expedicionários passaram ileso da terrível epidemia". (Dr. Armando de Calasans — Com. Rondon — 1908).

## TRIBUS INDIGENAS DA FRONTEIRA

A população indígena da Fronteira compreende, no Alto Paraguai: Guatós, Borôros e Chiquitos. São remanescentes das primitivas nações indígenas, que vivem pacificamente, em contacto com a população civilizada, tendendo assim para a completa assimilação. Contudo, ainda se encontram elementos puros, entre os indígenas, e a língua, os usos e costumes são conservados, nos diversos núcleos, apesar dos cruzamentos com civilizados.

\*

Os Borôros constituem importante nação subdividida em diversos ramos ainda mal definidos, como a própria nação, que é considera-

da á parte, na classificação geralmente aceita dos índios do Brasil.

Pertencem á nação Borôro os Barbados ou Umotinas do alto Paraguai, os Cabaçais, do Rio Cabaçal e dos campos da Caissara, e agrupamentos que habitam os campos do Descalvado, entre o Paraguai e a Corixa Grande.

\*

Presume-se totalmente extinta a tribo de Borôros Cabaçais. Na carta esquemática do Estado de Mato-Grosso (escala — 1:2.000.000) editada pela Comissão Rondon, em 1922, estão os Borôros Cabaçais assinalados no Pantanal, no vale do Jaurú, a sudoeste de São Luiz de Cáceres; e, no relatório da campanha de 1907 da referida Comissão (General Rondon, então, Major), ainda se encontra uma referência á extinta aldeia do Pau Sêco, dos campos da Caissara:

“Sempre por esplanadas se vai até extensa lagôa, a principal da região, chamada do Pau Sêco, onde existe hoje (1906) um conjunto de ranchos de folhas de uacurí, ocupados por pretos ou mulatos, procedentes de Vila Bela ou

arredores e que aí vivem duma pequena lavoura muito atrasada. Outrora, foi aldeia de índios Borôros-Cabaçais; ainda vivem aí duas mulheres desse aldeamento”.

Contudo, em Dezembro de 1936, não obtivemos nenhuma notícia destes índios, nos campos da Caissara, que percorremos, ou alhures, robustecendo-se assim a presunção de que a tribo dos Cabaçais está completamente assimilada á população sertaneja da região em que outrora vivia.

“Ainda ha poucos anos (dizia o diretor geral dos índios da Província, Joaquim Alves Ferreira, em relatório ao Ministro do Império, em Dezembro de 1848) vivião indómitas as duas hordas que compõe esta nação; uma habitava as imediações do Jaurú, outra as do Cabaçal, donde deriva seu nome. Infestavão frequentemente a estrada que vai d’esta capital para Mato-Grosso, desde a Fazenda Nacional da Caiçara até o sitio da Estiva, abrangendo assim uma extensão de 32 léguas; matavão e roubavão moradores e viandantes, o que muitas vezes obrigou ao Governo á expedir Bandeiras que fizeram grande estrago n’esses Indios,

não procurando fazer prisioneiros mas matar quantos podião, sem distincção de sexo e idade.

“Sustentão-se os Cabaças dos frutos espontaneos da terra. Apenas cultivavão algum milho pororoca que comião verde, batatas e bananeiras. Não tinhão industria alguma além do fabrico de seus arcos e flexas, de alguns grosseiros vazos de barro e de palha com que cobrião em parte a sua nudez.

“No anno de 1842 o Rev. José da Silva Fraga, Vigario de Matto-Grosso ha pouco fallecido, conseguiu por meios de persuasão, brandura e por brindes attrahir os Cabaças á uma fazenda que possui no Registro do Jaurú. Ahi vierão em Abril de 1843 estabelecer-se todos, sem ficar um só no matto. Seu numero era de cento e setenta e sete; está hoje reduzido á 81. Com quanto desde 5 annos estejão ahi residindo, mostrão-se pouco propensos á agricultura e é quasi unicamente á seus arcos e flechas que pedem a sua subsistencia”.



A sudoeste de São Luiz de Cáceres, nos campos do Descalvado, na Baía de Pedra e no

Cambará, ainda se encontram os últimos agrupamentos de outro ramo da nação Borôro, designado como de Borôros da Campanha, na carta etnográfica do Prof. R. Lopes ("Rondônia" — 3.<sup>a</sup> ed. — Prof. E. Roquette-Pinto).

Vivem estes Borôros disseminados em pequenas aldeias, pelas cordilheiras, á beira das vazantes tributárias da Lagôa Uberaba, entre a Corixa Grande e o Paraguai, e no firme do Jaurú. Primitivos povoadores daqueles campos, moram hoje em terras alheias, de favor dos fazendeiros circunvizinhos. São excelentes vaqueiros. Fazem roças de mandioca. Falam correntemente o portuguez e gozam de bom conceito nas fazendas. São trabalhadores e honrados. Jamais participam do roubo de gado — "desporto" que conta profissionais naquela região, entre civilizados nacionais e bolivianos.

Os Borôros da Campanha não criam gado, apesar de viverem no campo; mas conhecem a lida do vaqueiro e usam o boi como animal de sela, consoante o uso da região. São eméritos caçadores de cágados. Sabem distingui-los pelo rasto e descobrem com muita perícia os bura-



cos em que vivem ás dezenas aqueles quelônios do Pantanal.

Orçam ainda por tres ou quatro centenas os Borôros da Campanha. Estes índios se distinguem, fisicamente, dos Chiquitos, que vivem na mesma região. São avermelhados, espadados; boa estatura os homens. São nitidamente brasileiros. Não falam castelhano.

Os atuais Borôros estão já muito mesclados com brancos. A aldeia mais importante destes índios fica na Lagôa, cerca de tres léguas a oeste do Descalvado. São cerca de vinte ranchos que se sucedem espaçados nas cordilheiras.

\*

Os Barbados ou Umotinas constituem o ramo mais setentrional da nação Borôro. Vivem na região banhada pelos galhos superiores do Paraguai a nordeste da Barra dos Bugres, aldeiados no posto Fraternidade Indígena, mantido pelo Serviço de Proteção aos Índios da União.

\*

Os Guatós vivem no médio Paraguai e no Cuiabá, em monchões ou aterrados, á beira dos

rios ou das baías do Pantanal. São índios canoeiros, remanescentes, talvez, dos terríveis Paiaguás, do século 18.<sup>o</sup>

São de média estatura, pálidos, morenos claros, testa larga, cabelos pretos e lisos, cortados rente; olhos pretos, pequenos, ligeiramente oblíquos; homens espadaúdos, bem proporcionados. A mulher Guató é, geralmente, de pequena estatura.

Os Guatós são dotados de extraordinária coragem. Matam a onça a faca. São doces, leais, estimados pelos vizinhos. Os mais atrasados são ingênuos, pedem tudo que vêm. Amam a caça e a pesca; vivem desses desportos. Abordam os vapores para negociar peles de animais silvestres. Não usam pintura nem tatuagem. Andam vestidos, sempre que podem. Usam armas de fogo de preferência á flecha. Gostam de um revolver á cintura. Os mais adiantados são lenhadores, trabalham para os fazendeiros ou para abastecer os vapores. Atualmente, estão quasi todos entregues á caça da capivara, indústria que empolgou, ha quatro anos, os sertanejos do Pantanal.

Vivem os Guatós em grupos de seis a dez famílias, sempre junto d'água. Têm a vida presa aos rios e ás suas montarias. Amam a vida livre. Raramente aceitam trabalho nas fazendas, como vaqueiros. Não têm, em geral, cavalos nem vacas. Seus animais domésticos são os cães, os porcos e as galinhas. Os mais adiantados se fixam em aterrados, em portos acessíveis ás lanchas de mascates, onde erguem ranchos de palha e fazem roças de milho, mandioca e fumo, o indispensavel para viverem. Os agrupamentos mais atrasados vivem em bivaques, durante a sêca, em habitações rudimentares — quatro estacas, sustentando um tétó de couro de anta ou veado ou ainda de palha de acurí, sem paredes. Fazem, então, seus roçados. Quando os rios enchem e inundam as casas, os Guatós se refugiam nas suas montarias (canoas) ou mesmo nos camalotes, e assim permanecem sobre as águas, nos corixos, semanas inteiras.

Atualmente, os Guatós não passam de algumas centenas de indivíduos. A gripe espanhola quasi exterminou a tribo, em 1919.

**28 de Outubro.** Falei com índios que vivem na fazenda Conceição, á margem esquerda do Rio Paraguai, a meio caminho entre Corumbá e Cáceres. É uma familia de Guatós. O chefe, Jorítana, usa o nome de Joaquim Ferreira, que recebeu com o batismo. É um puro guató de uns quarenta anos. Enfraquecido pelo alcool, parece muito mais velho. Chegou connosco na mesma lancha, ao meio dia, e áquela hora (14 horas) já estava alcoolizado. Contudo, conseguimos dele algumas informações a respeito da famosa tribu de canoeiros do Pantanal.

Joaquim Ferreira nasceu no aterrado do Bananal — Mahúngore-bohó (nossa aldeia), segundo sua expressão, na lingua indígena. É bem humorado e tem prazer na graça que acham os circunstantes, enquanto nos narra o que sabe de sua infortunada tribu, de sua gente e das desgraças que têm afligido aquela, como a gripe espanhola, que a dizimou, em 1919, e a perda de tres filhos nessa ocasião.

— Tinha bastante filho. Gripe já matou tudo. Resta só uma que é grande, Sabina.

Sabina (Ieratê) é uma moça de uns dezesseis anos, doméstica da fazenda.

Consegui de Joaquim Ferreira, a princípio, e depois, a muito custo, de duas meninas indígenas, elementos para um pequeno vocabulário guató. Não que lhes faltasse inteligência. As indiazinhas são muito vivas; mas a presença de extranhos constrange-as, levando-as a uma mudez transitória. Respondem com risos mal contidos as primeiras perguntas. A paciência e o bom humor são, porém, correspondidos com a confiança que aos poucos lhe solta a língua. Então, compenetradas, começam a responder. E o fazem com presteza e convicção, revelando tanta segurança no português como na língua indígena.

Começamos por simples vocábulos dos mais usuais na vida do campo:

homem — madé;  
 gente — maxíue;  
 mulher — mubaja;  
 menino — nití;  
 menina — mogietí;  
 velho — meió (ou tugí);  
 velha — mevü;  
 moça — midá;  
 criança — teofani;  
 criancinha — mobê;

soldado — machorove;  
 rapaz — motodarí;  
 boi — auacá;  
 vaca — auacá;  
 bezerro — modivacá;  
 cavalo — matogepagô;  
 casa — movú;  
 rancho — macugi;  
 canoa — manan (ou gonan);  
 chata (embarcação) — pegi-

|                      |                            |
|----------------------|----------------------------|
| beu;                 | descanso — tacânio;        |
| roupa — mafé;        | dormir, sono — taconi;     |
| rêde — mapaná;       | de dia -- machô;           |
| lemba — mequixê;     | de manhã — baracuachô;     |
| fogo — matá;         | à noite — uafí;            |
| panela — nicôe;      | à tarde -- nicaié;         |
| curral — mahôe;      | uma — chené;               |
| rio — magicón;       | dois — domi;               |
| árvore — modijaarro; | tres — chumo;              |
| sol — caponuvé;      | quatro — recá (r. brando); |
| lua — mopiná;        | cena — toherá;             |
| pedra — macô;        | seis — chuncáquera;        |
| capim — majagüe;     | sete — domicáquera;        |
| chuva — mavé;        | oito — chumocáquera;       |
| água — magã;         | nove — recaicaquera;       |
| calor — mapô;        | dez — quinra;              |
| conversa — mapoegã;  | cem — cheneguáteri;        |
| urubú — mogú;        | muito — caiopum;           |
| onça — mapago;       | roça — malheguiá;          |
| capivara — maquê;    | roça grande — dafégori gu- |
| veado — megiave;     | heguiágo;                  |
| sucurí — micóari;    | feijão — pageróca;         |
| jacaré — micó;       | arroz — machiama;          |
| doença — mapóia;     | milho — magero;            |
| feira — maferito;    | mandioca — mamá;           |
| dansa — magacha;     | carne — marevacá;          |
| guerra — mobiavê;    | porco — mapô;              |
| revolução — mac-hê;  | galinha — carejaie;        |
| fome — chocáquio;    | gato — marotiá;            |
| sêde — côganho;      | cão — maveie;              |
| frio — caracoaô;     | piuto — modêgario-giaé;    |
| cansaço — nacaraio;  | tesoura — mataievaé;       |
| remo — macã;         | piranha — motoê.           |

### Frases espontâneas:

*Naquê* — (Vamos viajar);

*Mahin gonan*, (ou *mahínguerre gonan*) —  
(Que é da canoa?);

*Quira mahínguerre* — (Vamos para lá);

*Taringuê recá macã* — (Quero quatro remos);

*Taringuê þunga cã* — (Quero mais remos);

*Dequijáio!* — (Até a volta!);

*Quiragá tobrô quagugi cã* — (Vamos pelo meio do rio);

*Quiragotê coritcha* — (Vamos passar a corixa);

*Na ivé* — (Vai chover);

*Robá agoriá* (r brando) — (Cubra a carga);

*Mapô anhungufê* — (Ja passou a chuva);

*Nivé hedin* — (Não vai mais chover);

*Notá aié* — (Já é noite);

*Nagoté quiragorégo* — (Já estamos chegando);

*Infani* — (Está ruim).

**Corixo**, pantanal e **morro** não têm correspondentes em guató. Usam-se estas expressões portuguesas, no linguajar indígena.

Nos vocábulos **muhaja** (mulher) e **auacá** (boi, vaca) é sensível a influência castelhana.

É notável a frequência do fonema **ma**, no começo dos vocábulos. Em nosso pequeno vocabulário, pôde observar-se que, num total de

87 palavras, 36 (cerca de 40 %) começam por aquele fonema, parecendo tratar-se de um prefixo com função de determinativo e de emprego facultativo, em certos casos, a bem da eufonia. Nota-se, com efeito, nas frases que registramos, o vocábulo *macã* (remo), sucessivamente, com o prefixo e sem este:

*Taringuê recã macã* — (Quero quatro remos);

*Taringuê punga cã* --- (Quero mais remos).

No vocábulo *matá* (fogo), nitidamente se revela o prefixo *ma*, com função de determinativo, si se o compara com os correspondentes tupí-guaraní: *tatá*, *atá*, *ratá*, que têm a mesma significação.

\*

**29 de Outubro.** Visitei um aterrado construído por índios Guatós. Aterrado da Mangueira.

O aterrado é um monchão artificial. Onde escasseavam os firmes, no Pantanal, os Guatós faziam aterrados, amontoando, no ponto escolhido, a terra que tiravam dos arredores.



O aterrado da Mangueira fica á margem direita do Paraguai. Está agora ocupado por caçadores de capivara, que ali pretendem fixar-se. O porto já tem uns degraus cortados no barranco argiloso, uma pequena roça de milho e uns ranchinhos provisórios de caçadores. Numa barraca, estava um casal ainda jovem — um caçador doente, atacado de **soluço**, assistido pela mulher.

Cerca de cinquenta metros do rio, ergue-se o aterrado dos Guatós. Não tem mais de quinze metros, no cume, acima do nível das águas (estamos ainda na estação da sêca). Um sistema de valas, que canaliza as águas, na enchente, protege o aterrado, impedindo o desmoronamento — rudimentar engenharia em abono á inteligência dos Guatós.

No alto do aterrado está uma cruz de madeira, singela, mas trabalhada por carpinteiro, marcando uma velha sepultura. Resíduos de velas recentes, nos braços da pobre cruz. Ao lado desta, outra sepultura ainda mais antiga, talvez de um Guató, deixa entrever pedaços de vasos de barro cozido. Uma grande mangueira, que deve ser secular, lorangei-

ras, ateiras, um pequeno bananal, uacurizeiros e outras árvores cobrem o cimo do outeiro artificial. Do lado oposto ao rio, uma vazante povoada de garças assustadiças.

4 de Janeiro (1937). Passamos á noite pelo porto do Capitão Fernando. Hoje, é um acampamento de caçadores de capivaras. Foi, outrora, uma aldeia de Guatós. Ainda se vê o aterrado em que se erguiam as casas.

Capitão Fernando era um chefe guató. Morreu muito velho, tendo se tornado popular entre os embarcações e viajantes do Rio Paraguai. Conhecia o General Rondon, por quem perguntava sempre aos visitantes de sua aldeia. Indagava também da política e das autoridades do Estado e da República. No mando da tribu, era o sucessor do pai, de quem herdara também o nome — Capitão Fernando.

Em 1919, sobreveio a gripe espanhola, que dizimou a população indígena do Pantanal e quasi extinguiu o povo do Capitão Fernando. Os sobreviventes se dispersaram pelas fazendas vizinhas. Por fim, o velho capitão foi morto

pelos próprios filhos, a pauladas, numa de suas bebedeiras.

\*

Os Chiquitos constituem o agrupamento indígena mais numeroso do Pantanal. Vivem disseminados, nos Municípios de São Luiz de Cáceres e Mato-Grosso, em cujas fazendas e usinas se empregam como vaqueiros ou lavradores. A maior parte, porém, vive na zona fronteira com a Bolívia, em rancharias de cinco a dez moradores ou isolados, fazendo pequena lavoura ou caçando animais silvestres para o comércio de peles. Procedem da Bolívia, em grande parte, os que transitam nos campos da Fronteira. Mas, ainda que se domicíliem no Brasil, nas localidades da Fronteira, continuam ligados á Bolívia pelo sentimento de nacionalidade. Embora nascidos no Brasil, conservam o vezo de falar castelhano. Falam com esforço o portuguez, quando o fazem. Vestem-se como os nossos sertanejos. O traje das mulheres é mais simples que o de nossas caboclas. Resume-se numa camisola presa á cintura.

Os Chiquitos vivem, pois, indistintamente, no Brasil e na Bolívia. Consideram-se, em geral, bolivianos, embora este gentílico só se refira aos civilizados daquele país. Na Fronteira, quando não fazem vida á parte, procuram emprego nas fazendas. As mulheres e os meninos que se dedicam á vida doméstica são tranquilos, submissos. Os homens gostam da vida aventureira do vaqueiro e do poaieiro. Levam quasi todos a vida de camaradas insolviveis. Entregam-se muitos ao vício da embriaguez. Gostam da cachaça; mas sabem fazer tambem uma bebida fermentada de milho — a chicha — que póde causar embriaguez ainda mais forte. Acusam-n'os de falsidade e inclinações rapaces.

Na Bolívia, apesar da afinidade de raça e da identidade da língua, os Chiquitos são tratados com desprezo pelos civilizados. Dizem estes que os Brasileiros da Fronteira “estragam” os “naturales” (os Chiquitos), dando-lhes bom trato e mesa para refeições.

— “A cambás, dizem eles, es guasca y mais (chicote e milho). Nada mas”.

Os indígenas (naturales) não podem viver sem patrão, na Bolívia. As autoridades não consentem que os naturais vivam independentes, salvo em condições muito especiais. Compelem-n'os ao trabalho, fazendo-os submeterem-se a um patrão.

Os Chiquitos por sua vez chamam *collas* (côlhas) aos civilizados dos Altiplanos, que vêm ao Oriente exercer funções públicas. *Collas* são quasi sempre os patrões. E desta prevenção participam os civilizados cruzenhos.

Assim, vivem os Chiquitos submetidos aos senhores da terra e da "plata". Dizem estes, para justificar a escravidão dos naturais, que os Chiquitos não produzem sem a coação dos patrões. Livres ficam indolentes.

Sem embargo, os Chiquitos arcaram com o sacrifício da guerra do Chaco. Enquanto Bolivianos civilizados emigravam para o Brasil ou desertavam das fileiras, refugiando-se nos campos da Fronteira, os Chiquitos seguiam em grandes levas para o teatro da guerra. Agora, restituídos aos seus "montes", os sobreviventes lutam com os horrores da fome, na zona fronteira embobrecida com

a retirada de seus trabalhadores por tantos anos.

\*

Os Chiquitos têm uma língua indígena; mas passam a falar facilmente o espanhol, na convivência com os civilizados, na Bolívia. Quando falam português, deixam transparecer o sotaque castelhano. Ha índios adultos que não falam senão a língua indígena.

\*

Notamos certa semelhança sonora entre o chiquitano e o tucano. Somente um estudo mais demorado poderá permitir um juizo definitivo dessa relação entre dois idiomas indígenas de nações tão distantes uma da outra; pois, os Chiquitos habitam no Oriente Boliviano e no noroeste do Pantanal, ao passo que os Tucanos vivem no Uaupés, afluente do Rio Negro, no Amazonas.

\*

### Expressões chiquitanas:

amamê — venha;  
 pavete — não quer vir;  
 pagca — mulher;  
 nonhica — homem;  
 mopainha — menino;

pors — casa;  
 nhanaurs — roça;  
 nêurs — mato;  
 pehêce — fogo;  
 choênsi — campo;

tohurs — água;  
 maquietirs — vento;  
 sohurs — sol;  
 paama — lua, mês;  
 sultonhece — estrêla;  
 hi-quiâti — vou viajar;  
 inhâtai — já cheguei;  
 tovac inhâtai — ele vai che-  
 gar;  
 camaã — hoje;

tovac — amanhã;  
 pirc-tovac — depois de ama-  
 nhã;  
 panca — quarto de lua;  
 ascuvês — ano;  
 baichiche — rêde;  
 taita — pai;  
 tuur — chuva;  
 mama — mãe.

\*

20 de Dezembro (1936). Aguassú. O Sr. João Gonçalves de Magalhães, narrou-nos o caso de um povo indígena da Bolívia (São Rafael) que, depois de viver anos, como civilizado, revoltou-se, abandonando o pueblo e se refugiando nos montes, porque havia sido contrariado pelos missionários, que quizeram impedir certas práticas religiosas da tribu, até então permitidas pelos Jesuitas, seus primeiros diretores.

Qualquer que seja, porém, a relação existente entre os pacíficos Chiquitos da Fronteira e aqueles indocéis catecúmenos de São Rafael, pensamos que os nossos já tenham evoluído muito para não mais serem de temer tais recaídas na barbaria.

Vivendo entre duas Nações civilizadas e a ambas servindo com o sacrifício de seu suor e de seu sangue, os Chiquitos têm o direito de esperar de ambas o acatamento ás tradições arraigadas em seus espíritos de neófitos da civilização cristã, antes de sua integral assimilação, e a acolhida cordial da Nacionalidade de sua opção, quando se renderem definitivamente ao assédio inevitavel quão benéfico da civilização.



## XI

### COLONIZAÇÃO NACIONAL

Procuramos abordar, nos capítulos precedentes, os assuntos que mais interessam ao setor do Alto Paraguai, deixando em evidência, posto que imperfeitamente, suas possibilidades econômicas, bem como suas condições higiênicas, tais como deveriam ser encaradas, atribuindo-se ao homem e não á terra a responsabilidade do atual quadro nosológico, que, aliás, não é dos mais alarmantes do País.

Quaisquer que sejam, em verdade, as medidas militares que se imponham, tendo em vista, naquele setor, os interesses imediatos da Defesa Nacional, seria de desejar que se acautelassem desde logo os interesses mediatos daquela defesa, pondo-se em prática outras

medidas de ordem econômico-social igualmente necessarias. A instalação de destacamentos investidos de missão policial-militar preventiva e, eventualmente, repressiva, exige, a nosso vêr, uma medida complementar que interessa vitalmente aos mesmos destacamentos, não somente considerando as contingências de sua existência material, mas também sua ação nacionalizadora nos Sertões fronteiriços — a Colonização Nacional. Sem uma obra de colonização á feição da Defesa Nacional teremos sempre organização militar precária naqueles Sertões. E' indispensavel que os núcleos militares se apoiem em núcleos nacionais que lhes assegurem facilidades de subsistência, beneficiando-se por sua vez com a proteção da Força Armada e a assistência das autoridades militares. Serão, igualmente, núcleos de brasilidade a irradiarem, nos confins do País, a cultura, a língua — a Civilização Brasileira.

Os núcleos nacionais, constituídos de reservistas-colonos, acolheriam a escassa população sertaneja e indígena do setor, completando, assim, sua missão social de assis-

tência às populações fronteiriças. Seriam, inicialmente, organizados nas fazendas nacionais, ensaiando-se uma organização sob moldes cooperativistas, preparando-os assim para a prática integral da forma econômica que parece resolver plenamente o problema sertanejo, na época em que vivemos, a contento não somente do Governo que empreende a colonização e, assim, poderá ressarcir o capital invertido e, progressivamente, exonerar-se dos encargos coloniais, á medida que se emancipem os núcleos, como dos colonos nacionais que, desde o início compreenderão, na medida de sua cultura, o futuro que se lhes oferece, em recompensa de seus esforços, trabalho e perseverança.

Nos capítulos correspondentes às duas grandes fazendas nacionais do setor, terá ficado em evidência o estado de abandono em que se encontram aquelas fazendas, com suas terras de matas excelentes e campos incomparáveis e seus moradores — caboclos que, na maioria, nasceram naqueles campos e deles se consideram partes integrantes. Seria, em verdade, injustiça considera-los invasores.

Na Caissara não tanto; mas em Casalvasco, por isso que mais vasta a propriedade nacional e mais invadida, especialmente ao sul, por elementos alienígenas, a situação de fato está pedindo ao Governo uma solução que concilie os interesses particulares, que são no sentido de conservar cada um a propriedade das terras que realmente beneficiou com seu trabalho por mais de um decênio, nelas fixando morada, e a União que, tendo interesse em conservar seu patrimônio, não o tem menor em tornar esse patrimônio produtivo. Está, pois, no interesse comum conservar a população atual das fazendas nacionais, cedendo o Governo uma parte daquelas terras para a instalação dos colonos e reservando outra para arrendamento aos mesmos colonos, sob a administração de um instituto colonial que, sem fugir ao controle do Governo, de preferência do Exército, goze da necessária autonomia administrativa e de ampla liberdade comercial.

As unidades de Fronteira deveriam conservar o cunho tradicional de tropa colonial. **Infantes regionais** seria bem a denominação que sintetiza a idéia que fazemos dessa tropa,

quanto ao seu recrutamento e ao seu emprego. Aquelas unidades seriam, assim, constituídas de engajados especiais que poderiam, sem inconveniente, proceder de qualquer Arma ou Serviço. Nos núcleos militares de Fronteira, os infantes regionais receberiam lotes edificados, para moradia, e lotes de cultura, facilitando-se-lhes meios para desenvolver agricultura e pequena pecuária, sem prejuízo do serviço. Não teriam a posse da terra, mas somente dos bens semoventes e das culturas. Em compensação, além das vantagens de Fronteira, teriam outras correspondentes aos encargos de família e, ao concluir o quinquênio de serviço de Fronteira, seriam excluídos, recebendo, então, um lote definitivo num núcleo nacional do setor.

Com tal processo de recrutamento, radicar-se-iam os reservistas ao solo, em pontos convenientes aos interesses econômicos e militares das regiões, limitando-se progressivamente o êxodo de Brasileiros, que se verifica, atualmente, naquelas, ao findar o serviço militar das classes convocadas pelo sorteio e de voluntários sertanejos que, sob a atração do

urbanismo, á falta de incentivo que os reconduza ao Sertão, demandam os grandes centros do País, em levas, a expensas do Governo Federal, enquanto as regiões clamam por braços para suas explorações estacionárias.

A extensão das vantagens da Infantaria Regional aos engajados de todas as Armas e Serviços, além de ser uma medida de equidade, traria aos destacamentos a facilidade de contar em seus efetivos elementos especializados indispensaveis á vida de sub-unidades isoladas — operários, telefonistas, condutores, cavaleiros, etc. A instrução, que jamais seria descurada ou interrompida nos destacamentos, dentro de algumas semanas restituiria a tais agrupamentos heterogêneos a necessária homogeneidade, sem tirar aos homens as aptidões hauridas na Arma ou Serviço de origem.

Poucas regiões fronteiriças reúnem, como a Rondônia Ocidental, tantas condições de êxito para a colonização em apreço — terras nacionais ou devolutas que comportariam amplamente o cêntuplo da população que hoje possuem; riquezas de facil exploração e mercado certo; transportes faceis, a meio caminho

do Amazonas e do Prata; população aclimatada para os primeiros núcleos, guarnições militares em vias de instalação.

O Exército, implantando a ordem e incentivando o progresso pela garantia da propriedade, pela assistência sanitária às populações, pela regularização dos transportes e das comunicações, pela pacificação das tribus indígenas, pela adução de trabalhadores nacionais, levaria áqueles esquecidos Sertões a alvorada de uma nova era de prosperidade. O povo matogrossense, que tem sabido tão bravamente conservar a tradição brasileira no Longínquo Oeste, a despeito da malversação do patrimônio de seus maiores e das injustiças ao seu espírito laborioso e ordeiro, assistiria á realização de sua máxima aspiração social, traduzida com patriotismo e clarividência por João Severiano da Fonseca, em sua "Viagem ao Redor do Brasil":

"Tempo virá longe, muito longe talvez, quando já não exista sinão o renome dessa cidade injustamente desacreditada; quando o homem venha em busca das verdadeiras riquezas do sólo, desse sólo uberrimo e de tão

facil conquista para a prosperidade e desenvolvimento do pais; quando se agregue a população e com ela surja o comércio, a agricultura e a industria; e quando o grande e formosissimo Guaporé, franco das cabeceiras á região encachoeirada do Mamoré, entronque a sua facil navegação á via férrea do Madeira; e que o povo, vigoroso e cheio de ânimo, dispondo de mais forças, e a edilidade de melhor aviso encontrem outra facilidade para remover os óbices ao seu adiantamento; a cidade de Mato-Grosso, o verdadeiro coração da América Meridional, — vivificada por essas duas artérias sem rivais no mundo, o rei dos rios, o rio-mar e o Prata, ligados entre si por uma facilima estrada de ferro de vinte e poucas léguas, dela ao Jaurú — será o centro da vida dessas regiões, tão preñhes de riquezas nos tres reinos naturais, quão de misérias atualmente”.



## BIBLIOGRAFIA

- I — Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas — Relatório apresentado á Diretoria Geral dos Telégrafos e á Divisão Geral de Engenharia (G 5) do Departamento da Guerra, pelo Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, Chefe da Comissão — 1.º volume — Estudos e reconhecimentos. 1912.
- II — Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas — Anexo n.º 6 Serviço Sanitário — Seção de Cáceres a Mato-Grosso — pelo Dr. Armando Calasans, 1.º Tenente Médico — 1908.
- III — Rondônia (3.ª edição) — Prof. E. Roquette-Pinto — 1935.
- IV — Região Ocidental de Mato-Grosso (Viagens e estudos sobre o vale do Baixo Guaporé) — Dr. Manoel Esperidião da Costa Marques — 1906.
- V — A Cidade do Ouro e das Ruínas (2.ª edição) — Visconde de Taunay.

*Major Frederico Rondon*

# *Na Rondônia Occidental*

EDIÇÃO ILUSTRADA

Serie 5.ª

BRASILIANA

Vol. 130



I  
SÃO LUIZ DE CÁCERES — O caes é insuficiente para o movimento do porto, que conta, por vezes, mais de dois vapores surtos. (Dezembro 1936).

SÃO LUIZ DE CÁCERES — Rua 13 de Junho. As casas da cidade conservam o estilo colonial em que foram construídas. As mais novas ostentam elegantes platibandas, destacando-se nos quarteirões. (Janeiro 1937).

II



### III

**SÃO LUIZ DE CÁCERES** — Um antigo marco das possessões portuguesas e espanholas da América se ergue hoje, defronte da Catedral de Cáceres, como simples monumento histórico, sem significação política atual. (Novembro 1936).



### IV

**CAISSARA** — A velha Angela Ribeiro Leite, reliquia da Caissara. Admirável lucidez de espírito, não obstante seus 115 anos presumíveis. (Novembro 1936).

## V

**ESTRADA JAU RÚ-GU APORE' — O guarda-fio Mario Gonçalves, sertanejo do Norte, em sua montada predileta. O serviço da Linha Telegráfica obriga-o a vestir-se como os vaqueiros, com longas guardas de couro. Não somente por isso, como porque realmente, nos dias disponíveis os guardas se fazem vaqueiros, roceiros e caçadores. (Dezembro 1936).**



## VI

**CAISSARA — O inspetor João de Oliveira, fluminense que o Telégrafo fez sertanejo dos mais experimentados. Veio para Mato-Grosso com a ponta dos trilhos da Noroeste. (Novembro 1936).**



## VII

SÃO LUIZ DE CÁCERES — A travessia do Paraguai se faz numa pequena balsa movida a zinga. Durante as enchentes a mesma balsa faz travessia mais longa, até a Baía da Caissara. (Novembro 1936).

CAISSARA — A esposa do morador do Piquizinho e suas oito filhas atestam a excelência do clima da Caissara. Apesar das más condições higiênicas do sitio, vivem lá, ha mais de quatro anos, e se conservam com saúde. (Novembro 1936).

## VIII





IX

RIO JAURÚ — Fazenda da Cachoeira. Um rebanho aproveita as pastagens tenras de uma lagôa, no começo da estação das águas. Estes campos alagadiços são de pequena extensão, cercados de cordilheiras de matas altas. (Novembro 1936).

RIO JAURÚ — Um barreiro, na fazenda Cachoeira. A água das chuvas empoeira em terreno salitroso, atraindo o gado, que vai ali fartar-se de sal. Na estrada de 15 quilômetros que liga a Cachoeira ao Pôrto Esperidião, pela margem esquerda da Jaurú, atravessa-se terreno rico de salitre. (Novembro 1936).

X





XI

ESTRADA JAURÚ-GUAPORÉ — Em São Caetano está um retiro dos fazendeiros da Cachoeira. O retiro, Maximiano, caboclo cuiabano, não tem vizinhos num raio de 12 léguas. (Dezembro 1936).

RIO GUAPORÉ — O correio terrestre de Vila Bela se transporta em bois, fazendo em oito dias as 63 léguas da estrada colonial, entre a vila e São Luiz de Cáceres, pela zona da Alta Fronteira. Transpõe o Jaurú em Porto Esperidião. (Dezembro 1936).

XII





### XIII

**FRONTEIRA** — O buritirana é um buriti de talos mais curtos. É uma das mais elegantes palmeiras do Pantanal. (Dezembro 1936)



### XIV

**RIO GUAPORÉ** — Guarda-fio Manoel Rodrigues, jovem sertanejo afeiçoado aos índios Paricis e Nhambiquaras, com os quais convivera, na Linha do Norte e em Viçhena. (Dezembro 1936).



XV

**RIO GUAPORÉ** — Quando deixamos as chapadas que, como degraus gigantescos, nos permitem galgar o mais importante divisor de águas do Continente, conduzindo-nos do Jaurú ao Guaporé, e penetramos na mata deste último rio o cenário se transforma inteiramente. É a Amazônia que se anuncia, marcando as raízes setentrionais do Pantanal. (Dezembro 1936).

**VILA BELA** — Uma orquestra improvisada para as festas da Conceição. (Dezembro 1936).

XVI





## XVII

**VILA BELA** — O palácio dos Capitães-Generais é um casarão colonial, restaurado pela Comissão Rondon, em 1907. E', desde então, a estação telegráfica e, graças a esta circunstância, o único edifício colonial que ainda resiste á ação demolidora dos anos. (Dezembro 1936).

**VILA BELA** — A Matriz colonial começou a ruir, ha dez anos. Na verdade, nunca foi concluida. A nave principal ficou incompleta. Alicerces de pedra canga e paredes de adobes. (Dezembro 1936).

## XVIII





XIX

VILA BELA -- Rua do Fogo. Ao fundo se distingue o perfil da Serra de Ricardo Franco. (Dezembro 1936).

VILA BELA — Lavadeiras em pose, no porto. Ha no grupo dois tipos bem definidos da raça negra. O aspecto sadio e o vigor tambem são notórios, contradizendo a fama de insalubridade do lugar. E' esse, aliás, o aspecto de maioria dos habitantes de Vila Bela. Os PINTADOS é que adoecem lá, d'zem eles. (Dezembro 1936).

XX





XXI

CASALVASCO — As Chiquitas trabalham como domésticas, nas fazendas da Fronteira. Mas também gostam de fazer vida á parte, com sua gente, em rancharias semi-ocultas nas cordilheiras. (Dezembro 1936).

CASALVASCO — Chiquitos. São vaqueiros reunidos na fazenda São Luiz. Fortes, ageis, bons cavaleiros. (Dezembro 1936).

XXII





### XXIII

FRONTEIRA — Uma encimba, no sítio de Totóra. A cacimba aparece no Pantanal, como um paradoxo. Esta de Totóra, aberta entre dois corixos, quando vem a inundaçáo, desaparece sob um lençol d'água de mais de três quilómetros de largura e quasi dois metros de profundidade (Dezembro 1936).

FRONTEIRA — Campos de Salinas. Don Trânsito Bordón se destina a São Luiz. A montada é um belo espécime de FRANQUEIRO, raça bovina introduzida em Mato-Grosso, nos tempos coloniais. (Dezembro 1936).

### XXIV





XXV

RIO PARAGUAI — índios Guatós, na fazenda Conceição, à margem esquerda do Paraguai. Jorítana (Joaquim Ferreira) é um dos mais populares e adiantados dos restantes elementos da famosa tribo de canoeiros do Pantanal. (Dezembro 1936).

XXVII

RIO GUAPORÉ' — Guarda-fio João Pageú de Gouvêa, sertanejo nortista, veterano da Comissão Rondon. Presta excelentes serviços na seção Jaurú-Guaporé, com a qual se identificou (Dezembro 1936).



CAISSARA — Brasileiros de diferentes latitudes aqui se encontram identificados, para o serviço da grande Pátria: prático Tomaz de Aquino (matogrossense) e soldados José Araujo (piauiense) e Amaro Batista (pernambucano) (Novembro 1936).

XXVI





## XXVIII

**VILA BELA** — Um velho servidor da Pátria e uma janela ainda mais velha. Aprígio Vieira de Azevedo foi corneteiro do 19.º de Infantaria, no tempo da guerra do Paraguai. A casa a que pertence a janela foi comprada velha, quasi assim, em 1861. (Dezembro 1936).

## XXIX

**FRONTEIRA** — O Marco Branco, cerca de duas léguas ao norte de São Matias (Bolívia), erguido entre os Corixos do Pelnado, a oeste, e do Toca-Vaca, a léste, fica submerso, durante as grandes cheias do Pantanal. (Dezembro 1936).

